



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Paternidade e Geratividade na Transição para a Parentalidade

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Especialização em Psicologia da Família.

Diogo Albano Mendes Soares



CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE FILOSOFIA

Maio de 2012



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Paternidade e Geratividade na Transição para a Parentalidade

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Especialização em Psicologia da Família.

Diogo Albano Mendes Soares

Orientadora: Doutora Fabrizia Raguso

Co-Orientadora: Doutora Sara Molgora (Università Cattolica del Sacro Cuore - Milano)



CENTRO REGIONAL DE BRAGA

FACULDADE DE FILOSOFIA

Maio de 2012

Resumo

A presente investigação qualitativa teve como objectivo perceber o envolvimento paterno e a geratividade do casal na transição para a parentalidade. Realizou-se um estudo de análise de conteúdo categorial com oito jovens casais que se encontravam no último trimestre de gestação, através de uma entrevista conjugal baseada na Entrevista Clínica Geracional (ECG).

Os resultados sugerem que falar sobre o envolvimento paterno implica, primeiro, perceber o seu desejo precoce de ser pai e integrar os sentimentos contraditórios, sobretudo, a alegria e preocupação. Posteriormente, terá de aceitar o filho, imaginá-lo e procurar estabelecer uma relação com ele. Quando isso acontece, o pai fica à *espera*, integra o seu lugar indirecto de suporte à esposa e procura uma forma sua de assistir o filho.

Simultaneamente, nesta transição acontecem múltiplas redefinições na identidade, não só do pai mas também do casal. De facto, antes do nascimento do filho, o casal forma-se, e só depois amadurece o desejo de serem pais. A gravidez vem associada a desejos, vivências e transmissões que pretendem passar à nova geração.

Para além disso, a transição implica tarefas desenvolvimentais específicas enquanto homem e mulher, enquanto pais, enquanto filhos e enquanto membros de uma comunidade social.

Este estudo veio reforçar a importância de se continuar a investigação nesta área da parentalidade e levantou questões para aprofundamento em investigações futuras.

Palavras-chave: Envolvimento paterno, Geratividade, Tarefas desenvolvimentais.

Abstract

This qualitative research aimed to understand father involvement and generativity of the couple in the transition to parenthood. We conducted a study of categorical content analysis with eight young couples who were in the last trimester of pregnancy through a marital interview based on the Clinical Interview Generational (ECG).

The results suggest that talking about parental involvement implies, at first, to realize his early desire to be a father and to integrate the contradictory feelings, above all, joy and worry. Later, he will have to accept the child, imagine him and try to establish a relationship with him. When this happens, the father awaits, integrates his indirect place of support to his wife and searches for a way to support his son.

Simultaneously, in this transition, multiple redefinitions of identity happen, not just to the father but also to the couple. In fact, before the birth of the child, the couple is formed, and only afterwards mature the desire to become parents. Pregnancy is associated with desires, experiences and transmissions that they wish to pass to the next generation.

In addition, the transition implies specific developmental tasks as man and woman, as parents, as children and as members of a social community.

This study reinforces the importance of keeping up the research in the area of parenting, and raised questions for future investigations to dig deeper.

Keywords: Generativity, Father involvement, Developmental tasks.

Índice

Abstract	IV
Índice de Tabelas e Gráficos	7
Glossário de Abreviaturas e Siglas.....	7
Introdução.....	1
I – Fundamentação Teórica.....	5
1. Aproximação ao Modelo Relacional Simbólico	5
1.1 Transição para a parentalidade.....	9
1.2 Geratividade do casal na transição para a parentalidade.....	13
1.3 As tarefas desenvolvimentais na transição para a parentalidade: dimensões éticas e afectivas	17
1.4 O envolvimento paterno na transição para a parentalidade	18
II. PARTE EMPÍRICA	22
2. Método	22
2.1 Desenho do estudo	24
2.2 Participantes	25
2.3 Instrumentos.....	26
2.3.1 Questionário socio-demográfico.....	26
2.3.2 Entrevista	27
2.4 Procedimentos.....	28
2.5 Análise dos dados.....	30
2.5.1 Análise de Conteúdo	30
2.6 Resultados	31
2.7 Discussão	37

2.7.1	Constructos chave: paternidade e geratividade.....	38
2.7.1.1	Paternidade.....	38
2.7.1.2	Geratividade.....	41
2.7.2	Tentativa de resposta às questões de investigação.....	41
2.7.2.1	Como é que o casal constrói o desejo de parentalidade?.....	41
2.7.2.2	Que vivências acontecem na família durante a gravidez?	44
2.7.2.3	Que e como transmitem?.....	46
2.7.2.4	Quais são mudanças desenvolvimentais na transição para a parentalidade?	47
	Conclusão	51
	Referências Bibliográficas	57

Índice de Anexos

Anexo I - Consentimentos Informado
Anexo II - Questionário socio-demográfico
Anexo III - Entrevista semi-estruturada
Anexo IV - Imagens quadros de casal
Anexo V - Fotografias de família
Anexo VI - Tabela análise de conteúdo categorial

Índice de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 - Categorias de terceira e segunda ordem

Tabela 2 - Categorias de primeira ordem. Paternidade na transição para a parentalidade.

Tabela 3 - Categorias de primeira ordem. Geratividade na transição para a parentalidade

Tabela 4 - Mudanças na transição para a parentalidade.

Gráfico 1 – Dimensões Centrais

Glossário de Abreviaturas e Siglas

ECG – Entrevista Clínica Geracional

Introdução

A investigação realizada surge no contexto do segundo ano do Mestrado em Psicologia da Família, em que o aluno experimenta, por um lado, o papel de estagiário e por outro, o papel de investigador. No primeiro ano teórico do mestrado, no âmbito da disciplina de Counselling da Maternidade e da Gravidez, fomos confrontados com a necessidade de se reflectir sobre as dimensões associadas à transição para a parentalidade.

Foi a partir daí que começamos a pesquisar bibliografia, cujos temas nos remetiam, maioritariamente, para a parentalidade enquanto competências parentais, e a gravidez associada à saúde e bem-estar, descurando aspectos mais vivenciais da experiência de ser pais.

Em Portugal, basta uma pesquisa em vários motores de busca de referência para denotarmos a dificuldade em encontrar material sobre a transição para parentalidade, mas, no envolvimento paterno, a dificuldade é ainda maior.

Pesquisou-se, ainda, nos *sites* de investigação de algumas faculdades do país e encontrou-se artigos da transição para a parentalidade sob a perspectiva das teorias da vinculação na Universidade do Minho, sendo a investigadora Bárbara Figueiredo a que mais trabalha nesta área (Figueiredo, Costa & Magarinho, 2004).

Numa análise mais pormenorizada podemos partir das linhas gerais da investigação norte-americana e italiana. A bibliografia norte-americana centra essencialmente o seu *focus* nas influências da parentalidade na satisfação e qualidade marital na transição para a parentalidade (Belsky, Lang, & Rovine, 1985; Schulz, Cowan, & Cowan, 2006). Através de estudos maioritariamente quantitativos procura-se essencialmente correlações entre fenómenos, na medida em que o filho poderá influenciar positiva ou negativamente a satisfação e qualidade da relação marital, parecendo descurar as dimensões intersubjectivas inerentes à transição.

Em Itália surgiu a necessidade de se começar a reflectir acerca da gravidez no seio do casal, uma vez que esta dinâmica era apenas encontrada em contexto clínico psicoterapêutico (Andolfi, 2001; Cigoli & Scabini, 2006).

De facto, a bibliografia italiana parece compreender a transição para a parentalidade de diversas perspectivas, dentro da sua dinâmica investigação – intervenção. Esta privilegia a passagem do funcionamento diádico ao triádico, dá importância às componentes representacionais, intersubjectivas e familiares. Além disso, acompanha diversas situações

problemáticas e considera várias situações individuais e de casal (ex. parto de gémeos, adopção, depressão pós-parto).

McGoldrick, Heiman e Carter (1993) consideram o nascimento do primeiro filho como o acontecimento mais significativo na família e dá origem a esta transição-chave. Novos papéis e relações surgem quase magicamente: esposos tornam-se pais, os pais tornam-se avós, os irmãos dos pais tornam-se tios, os seus filhos tornam-se primos, e assim por diante (Cigoli & Scabini, 2006).

O eixo em torno do qual gira tudo isso é o casal parental, que actua como mediador entre as gerações envolvidas. Os seus actos surgem como uma ponte de linhagem que reúne a herança da geração anterior e tem a missão de entregá-la à próxima (Hill, 1970).

Ter um bebé não só muda as relações dos pais com seus próprios pais, que estão a tornar-se avós, mas as experiências da família de origem também influenciam a formação da nova família (Perren, Bürgin, Simoni & Von Klitzing, 2005).

Norsa e Zavattini (1997) consideram que a transição para a parentalidade implica um período de crise na relação de casal, mas que esta pode ser interpretada como uma crise evolutiva que deverá levar à reorganização da própria identidade do casal de forma a conseguirem o equilíbrio.

A transição para a parentalidade implica um conjunto específico de tarefas desenvolvimentais para a mulher e para o homem, particularmente no que se refere aos relacionamentos significativos a nível individual, do casal e da família. Impõe, por um lado, a nível individual, a revisão dos papéis da infância e dos modelos de interacção observados com e entre os pais, e, por outro lado, ao nível do casal, a reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a preparação para a tarefa conjunta de cuidar do bebé (Cigoli & Scabini, 2006; Figueiredo, 2004).

O acontecimento do nascimento do filho activa múltiplos processos internos individuais e de toda a família criando um sistema complexo de adaptação e procura de uma nova forma de funcionamento de toda a família. Nesta fase surgem perguntas associadas aos efeitos que tem o nascimento do filho na família e quais os processos inerentes à passagem da díade conjugal à tríade familiar (Sollie & Miller, 1980).

Contudo, ultimamente têm-se abordado o envolvimento paterno na gravidez e parto, uma vez que o homem experimenta o envolvimento sob umas características próprias, diferentes da mulher (Andolfi, 2001). Por outro lado, actualmente a mulher, para além de mãe, também tem um papel activo na sociedade enquanto profissional. Tornar-se mãe assenta na ambivalência naquele que é o papel tradicional materno de cuidadora interna da família e

do seu papel profissional activo voltado para o exterior como a carreira e o emprego (Badinter, 1981).

O casal é uma identidade dinâmica, sendo que a mudança num não pode deixar o outro indiferente e passivo como espectador. Desta forma, a mulher precisa de chamar o homem à envolvência naquilo que está a acontecer e redefinirem-se enquanto casal. Apesar da exclusividade da relação mãe-filho não se pode esquecer o papel fundamental da figura paterna.

De facto, o filho irrompe na vida de casal dando-lhe um novo significado, uma nova identidade. Ser pai e mãe não é o mesmo que ser progenitor e progenitora (Cigoli & Scabini, 2006). Poder-se-ia dizer que ser pai significa assumir uma nova dimensão dentro do projecto de vida familiar. Assim, o filho não é o produto da relação do marido e esposa, mas parte fundante da projectualidade familiar.

Este trabalho tem como finalidade tentar compreender o papel do pai na gravidez e o modo como o casal vive a passagem à parentalidade. Desta forma, achamos pertinente aprofundar este tema no contexto português, onde os estudos parecem apontar para uma identificação com o modelo de investigação norte-americano.

Com efeito, gradualmente percebemos que são raros os estudos que abordam a gravidez e a transição para a parentalidade, tendo em conta a dimensão paterna. Quase todos os estudos se centravam na mulher grávida, nas aulas de preparação para o parto, nas consultas e na relação mãe-bebé pós parto, partindo principalmente de uma abordagem médica. Ou seja, a gravidez parece ser ainda vista como uma realidade quase exclusivamente feminina e predominantemente biológica.

Num contexto em que, maioritariamente, a investigação é de cariz quantitativa, pretendemos reflectir acerca da envolvência paterna e geratividade na transição para a parentalidade, através de um estudo qualitativo e de uma interpretação relacional, tendo em vista o melhor conhecimento das dimensões mais subjectivas deste fenómeno.

Neste sentido, procuramos desafiar novas chaves de leitura para o fenómeno da transição, tentando perceber a passagem à parentalidade como multidimensional e transgeracional.

Assim, a realização da presente investigação teve como objetivos procurar perceber qual o papel do pai na gravidez; perceber como se desenvolve o desejo de ser pai, assim como, a forma como se envolve e como projecta o futuro. A nível conjugal pretendemos perceber como o casal gera vida para além do factor biológico, que vivências são experienciadas, que mudanças estão a ocorrer e que desejos futuros têm enquanto família.

Quanto à organização deste relatório, a primeira parte incide sobre formulações teóricas acerca do envolvimento paterno e geratividade na transição para a parentalidade. A segunda parte integra o método, apresentação e discussão dos resultados. Por último, são apresentadas as conclusões finais desta investigação, refletindo, nomeadamente, sobre as limitações da mesma e os caminhos de intervenção futuros.

I – Fundamentação Teórica

1. Aproximação ao Modelo Relacional Simbólico

O modelo de base à investigação foi desenvolvido por Cigoli e Scabini (2000), e compreende o objecto família sob uma óptima relacional e que assenta numa dimensão simbólica no que concerne às categorias qualitativas necessárias para interpretar as relações familiares. Dando esta ênfase nas dimensões relacionais a pessoa torna-se agente activo, único, e traz consigo uma história, onde joga o presente e perspectiva o futuro. Esta dimensão de temporalidade faz com que se dê um enfoque não apenas da interacção do presente mas de relação entre os diferentes tempos e gerações, ultrapassando os ideais de base da primeira cibernética (Scabini & Cigoli, 2000).

A relação é algo que não se desvela de imediato e que tem manifestações importantes aquando de momentos de transição, liga e vincula os membros da família e que rapidamente escapa à sua consciência. Na relação está imbuída a história e identidade específica da família, estreitamente ligada à cultura social a que pertencem e assenta em valores, ritos, mitos e modelos de relação (Cigoli & Scabini, 2006).

Enquanto a interacção está condicionada pelos tipos e qualidade das relações que se estruturam na família, a perspectiva relacional estuda a família nestas duas dimensões, já que as mesmas interacções em famílias diferentes terão significados diferentes conforme a construção e atribuição de significados familiares (Cigoli & Scabini, 2006). A relação familiar é a matriz antropológica e psíquica e está presente nos laços interpessoais entre os cônjuges e seus irmãos, nos vínculos intergeracionais entre a família de origem e a nova família criada, entre pais e filhos, na reciprocidade transgeracional que se produz entre linhagens diferentes e a intermediação da família com a comunidade (Scabini & Cigoli, 2000).

Desta forma, compreender o casal que espera o primeiro filho requer reflectir sobre dimensões vitais como a relação conjugal, a dimensão afectiva, o pacto/ laço, a confiança a reciprocidade, a dimensão ética, as dimensões históricas e origens, as transmissões intergeracionais, a geratividade.

A relação conjugal baseia-se num pacto de confiança que inclui um pólo afectivo e um pólo ético. É um pacto de reciprocidade com uma estrutura dramática, entre dois elementos originariamente diferentes, exprimindo formas de ser masculina e feminina. O sentido da existência do pacto baseia-se numa tensão constitutiva, já que a reciprocidade existente é o encontro com a diferença do outro, tanto na sua história como na sua personalidade e é o

reconhecimento através do encontro, de uma semelhança estrutural no outro (Cigoli & Scabini, 2006).

A norma da reciprocidade existente no casal inclui a simetria e a igualdade de condições sociais, mas não só, já que o casal não se rege apenas por uma lógica de justiça distributiva ou de um balanço de custos-benefícios. Inclui também a reciprocidade do dom de si (de cada um dos cônjuges), o cuidar um do outro e a vivência do paradoxo de uma obrigação existente no dar um ao outro. Daqui se retira que o grande dever de desenvolvimento do casal passa por cuidar do outro na sua unicidade e diferença (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Além destas características, existe ainda a confiança, que se constitui como um elemento central e inicial na relação conjugal. Um pacto conjugal sem confiança torna-se um contrato frio e a confiança sem um pacto assumido, torna o casal aberto ao risco de uma relação baseada apenas no sentimento e na emoção e conseqüentemente frágil e impraticável no futuro (Scabini & Cigoli, 2000). De realçar, também os elementos culturais que preenchem o meio onde cada casal se movimenta e com a sua evolução histórica. Significa que os pesos que cada componente tem na relação varia de cultura para cultura e de época para época (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A transmissão geracional da parentalidade está, também, dependente do processo de diferenciação, uma versão familiar do processo de desenvolvimento da personalidade chamado individuação (Scabini & Cigoli, 2000).

O casal vai adquirindo a sua própria identidade diferenciando-se ou distinguindo-se das suas famílias de origem, através da construção do seu percurso, criando um novo tipo de relação com as famílias de origem e relançando o laço existente com a geração sucessiva, algo que depende de factores culturais e da própria autonomia que o casal tem. O processo inicia-se aquando da escolha de um parceiro estável, consolidando-se com a constituição do pacto conjugal e torna-se mais significativa com o nascimento dos filhos (Scabini & Cigoli, 2000).

No processo de diferenciação espera-se que o novo casal seja capaz de construir um estilo relacional específico, tendo como fonte as modalidades transmitidas, aprendidas e interiorizadas nas famílias de origem. Espera-se que o casal seja capaz de o fazer sem que repita os padrões e sem rompa com as suas origens, de forma a garantir uma “*continuità innovativa*”. Ou seja pretende-se que o casal consiga construir-se dentro de um contexto que lhe é pertencente, sem se fundir e sem cortar com as origens (Scabini & Cigoli, 2000, p. 28).

Os autores abordam o estudo da família a partir de vivências críticas, que são as chamadas transições, que obrigam a reajustes de todos os membros familiares na organização

e dinâmicas relacionais. Basearam-se nas ideias de Haley (1973), que percebeu que os sintomas exibidos por um dos elementos da família poderiam estar ligados a crises de passagem (de transição) e de tensão pelos quais a família passa. A crise seria determinada da quebra do equilíbrio alcançado e requer a formação de uma nova organização na família (Hill, 1970). Desta forma as crises constituem-se, simultaneamente, como momentos de dificuldade da família em enfrentar a mudança e como momentos em que se propicia a transformação relacional requerida em cada transição (Scabini & Cigoli, 2006).

A família é considerada um corpo vivo envolto no seu tecido simbólico e prevê que os símbolos familiares se tornarão mais palpáveis em alturas de transição, evidenciando a sua estrutura com os seus pontos fortes e pontos fracos, bem como a forma como a família enfrenta a mudança (Scabini & Cigoli, 2006).

A dificuldade da transição traz consigo a ambiguidade e incerteza do processo e do caminho para onde se encaminha, os riscos que lhe são inerentes e do elemento de perda que qualquer mudança implica e inclui uma dimensão de dor (Hobfoll & Spielberger, 1992).

É neste “pano de fundo” que joga a geratividade na medida em que a família terá de perceber dimensões vitais do que está a transmitir, a viver e crescer. Sendo a família uma organização intergeracional significa que a geratividade é o seu ponto central, não no sentido de um evento meramente biológico, mas também como um evento simbólico e cultural (Erikson, 1976).

Erikson (1980) foi dos primeiros autores a centrar-se na geratividade através da sua teoria psicossocial onde descreve algumas crises pelas quais a pessoa passa, ao longo do ciclo vital. Estas crises seriam estruturadas de forma que, ao sair delas, a pessoa sairia com um ego (no sentido freudiano) mais fortalecido ou mais frágil, de acordo com sua vivência do conflito, e este final de crise influenciaria directamente o próximo estágio, de forma que o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo estaria completamente imbricado no seu contexto social, palco destas crises.

Quando a pessoa encontra-se no estágio da geratividade versus estagnação sobressai uma preocupação com tudo o que pode ser gerado, desde filhos, ideias e acontecimentos, dedicando-se ao cuidado com o que gerou e transmitindo valores sociais de pais para os filhos. Esta é a fase em que o ser humano sente que sua personalidade foi enriquecida com tais ensinamentos. Segundo o autor existe uma necessidade inerente ao Homem de transmitir, de ensinar desejando perpetuar-se pelo gerado, e sentir como válido, todo o esforço da sua vida, de saber que tem um pouco de si nos outros. Caso esta transmissão não ocorra, a pessoa percebe que tudo o que fez e tudo o que construiu não valeu a pena, não teve um porquê, uma

vez que já que não existe como dar seguimento, seja em forma de um filho, um sócio, uma empresa, entrando num estágio de *estagnação* (Erikson, 1980)

Cigoli e Scabini (2000) partem dos pressupostos de Erikson e pensam a geratividade como um verdadeiro e próprio construto relacional que está associado com o mundo do laço, que integra movimentos e acções de cada pessoa membro da família, numa teia complexa, “*unitas multiplex*” (Cigoli, 2006).

De facto, gerar coloca a pessoa em causa, “*expõe-na*”. Pode parecer paradoxal, dado que a reprodução física é natural e tida como certa. O facto é que o homem não só se reproduz, mas também gera histórias relacionais, e fá-lo através do cruzamento entre géneros e gerações e juntos constroem história e cultura (Cigoli & Tamanza, 2009).

A sensibilidade ao risco tornou-se bastante evidente na cultura do mundo ocidental: a idade em ser pais tem aumentado e número de filhos diminui. Cada criança, em suma, é uma “*empresa*” em que é necessário considerar cuidadosamente os possíveis custos, tanto emocional, tanto económico. Torna-se, então, num confronto entre produtos concorrentes: por um lado, as crianças, por outro eu mesmo, quais desses activos é digno de ser perseguido? A solução para o dilema, diria Aristóteles, é “*harmonizar os bens entre eles*”, mas na vida prática é um obstáculo real que muitas vezes é visto como intransponível (Cigoli & Tamanza, 2009).

A psicoterapia de família tem usado o conceito de “*ciclo de vida*” para mostrar o quanto da patologia relacional é devido ao terror do que é novo. A transição para o novo estado (por exemplo, deixar a casa da família, ter um filho e mais crianças e, posteriormente, deixá-los ir no mundo) faz com que haja perdas, mas também ganhos relacionais. O facto é que as perdas que sabemos (sentir-se bem) e desencantamento não são vistos como ganhos. Em suma, o conflito é a “*alma da acção*”, não tem um espaço para acomodar o novo e o inesperado (Cigoli & Tamanza, 2009).

Do ponto de vista relacional, a virtude é, portanto, a face da acção, acção em favor de alguém, velho, adulto, jovem ou criança, porque se trata de membros de um só corpo, uma família (Cigoli, 2006).

Enfãse na matriz familiar decorrente da “*relação*” entre géneros, gerações e estirpes, destacando que há uma tendência de valores do funcionamento das gerações. Trata-se da coexistência simbólica da confiança, da esperança, da justiça que conflitua com o outro lado da moeda, ou seja, a desconfiança, desespero e injustiça (Cigoli, 2006; Cigoli Scabini, 2006). É na gestão de conflitos e acção realizada ou omitida, que emerge as dimensões de valor e desvalor. Deste intercâmbio dinâmico intergeracional joga-se o dom e débito.

Na geratividade podemos reconhecer a presença de três acções: dar vida, curar, deixar ir. No entanto, eles estão em conflito no sentido de que eles encontram seu oposto. O conflito é "húmus", na qual cresce a criatividade ou a estagnação: ou se escolhe uma estrada ou a outra. Neste sentido, implica uma acção decisiva.

Assim, perante este modelo, surge a necessidade de aprofundar esta geratividade no acontecimento específico que é a transição para a parentalidade. Ou seja, o que estará a acontecer no homem, na mulher, no casal, na família e no modo como se situam na sociedade envolvente? Que tarefas, que dinâmicas, que vivências emergem nesta fase? E o pai em particular como vive o ser pai numa sociedade em mudança?

1.1 Transição para a parentalidade

A parentalidade traduz-se não apenas no acto biológico de serem pais, mas em multi-dimensões que lhe vêm associadas. Ser pai e mãe é diferente de ser progenitor ou progenitora, uma vez que a parentalidade é transmissão de vida que trespassa a biologia, e vai ao encontro dos valores, da transmissão das origens, a construção de algo novo numa origem já existente (Scabini & Cigoli, 2000).

De facto ser pai e mãe é ser-se reconhecido pelo filho que nasce e que lhes dá esse estatuto (Andofi, 2001). Desta forma o filho não tem um papel passivo mas activo na identidade da nova família que se forma. A parentalidade é um caminho simultaneamente relacional na medida que envolve as várias gerações, e simbólico na medida em que novos símbolos, heranças, valores se redefinem e se relançam no novo que surge (Scabini & Cigoli, 2000).

Quando comparada com outras etapas, pode-se constatar que tem um traço único, a sua irreversibilidade uma vez quando se dá a vida a um novo ser isso irá permanecer para sempre (Scabini, 1989). Desta forma, McGoldrick, Heiman e Carter (1993) consideram o nascimento do primeiro filho como o acontecimento mais significativo na família. Com efeito, intergeracionalmente, novos papéis e relações surgem quase magicamente: os esposos tornam-se pais, os pais tornam-se avós, os irmãos dos pais tornam-se tios, os seus filhos tornam-se primos, e assim por diante (Cigoli & Scabini, 2006).

A família, com o nascimento dos filhos, continua a sua história como projecto familiar e social, já que toda a relação parento-filial e os seus cuidados típicos estão imbuídos do património cultural específico que liga os pais aos seus antepassados (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

O nascimento de um filho é um grande desafio e provoca uma crise que precisa de resolução. A crise da transição não tem uma causa muito definida, porque o nascimento de uma criança implica a revisão de muitos processos sistémicos familiares (Haley, 1973), mas de facto modifica muito a relação conjugal, podendo este acontecimento activar recursos pessoais e relacionais, consolidando a identidade de casal ou funcionar como obstáculo e fracturar a identidade do casal (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

De início espera-se que o casal viva um período de crise, fruto da forte interdependência e complexidade entre a dimensão parental e a dimensão conjugal. Fruto desta crise, há quem considere que o nascimento de um filho provoca a diminuição da satisfação e qualidade conjugal (Belsky, Lang, & Rovine, 1985; Schulz, Cowan, & Cowan, 2006) mas há também dados que suportam a ideia de que há gratificação e consequências positivas no nascimento para o casal, nos casos em que haja mudanças no sentido de ambos assumirem papéis de género mais tradicionais (MacDermid, Huston & McHale, 1990).

Narciso (2001) aborda a satisfação conjugal tendo por base uma concepção sistémica e relaciona com outras perspectivas tais como a perspectiva dialéctica da satisfação em relações íntimas (Erbert & Duck, 1997), modelo de qualidade conjugal (Fincham, Beach & Kemp-Fincham, 1997), o modelo de sucesso conjugal (Gottman & Silver, 2000), o modelo da Filosofia de Vida (Hojjat, 1997) e o modelo Integrativo de Whisman (1997).

Narciso (2001) na sua concepção sistémica aborda a satisfação conjugal através da metáfora de um puzzle, considerando a conjugalidade como um conjunto de puzzles que, todos juntos, contam a sua “história”. Considerando o bem-estar como um dos quadros-puzzle, este divide-se em dois quadros-parte que correspondem a cada um dos cônjuges. Cada quadro-parte é constituído por várias peças de puzzle, onde a satisfação conjugal global pode ser considerada a peça central e estando rodeada por outras peças.

Encaixados na peça central – satisfação – encontram-se, em primeiro lugar, os Factores Centrípetos, que correspondem aos processos que geram e são gerados directamente pela relação; estes incluem os processos afectivos (sentimentos de amor, intimidade e compromisso), os processos cognitivos (pressupostos e padrões, percepções, atribuições e expectativas) e os processos comportamentais (comunicação, conflito, resolução de conflitos e controlo relacional).

Em torno dos Factores Centrípetos encontra-se o Factor Tempo ou Percurso de Vida Conjugal que, por sua vez, é rodeado por um terceiro nível, os Factores Centrífugos, que incluem os factores pessoais (características da personalidade, padrões de vinculação, motivação para o casamento), os factores contextuais (família de origem, rede social e

trabalho) e, por último, os factores demográficos (idade, estatuto socio-económico, origem cultural, sexo).

Se considerarmos as peças do puzzle como tendo contornos movediços, uma vez que se tratam de processos dinâmicos em sistemas vivos, percebemos o porquê desta concepção sistémica: a mudança nos contornos de uma peça implica a mudança nas outras peças, ou seja, nos quadros-parte e no quadro-puzzle. Estamos, então, perante uma permanente dinâmica criativa entre unicidade e diversidade, entre o todo e as partes (Narciso, 2001).

A perspectiva dialéctica da satisfação em relações íntimas (Erbert & Duck, 1997), considera a satisfação como parte de um processo mais vasto em que satisfação e insatisfação coexistem, sendo duas dimensões distintas mas relacionadas. Esta visão dialéctica está igualmente presente no modelo de qualidade conjugal (Fincham, Beach & Kemp-Fincham, 1997) e no modelo de sucesso conjugal (Gottman & Silver, 2000), que também vão de encontro à concepção sistémica da satisfação. O modelo da qualidade conjugal defende que a vivência conjugal é recheada de alterações entre momentos de afectividade positiva e outros de afectividade negativa. Por sua vez, o modelo de sucesso conjugal reflecte, igualmente, a concepção sistémica da satisfação já referida, salientando a complexidade criativa e dinâmica entre partes (indivíduos) e todo (casal), e considerando a amizade que se gera no casal como a base para a manutenção da relação apaixonada.

O modelo da filosofia de vida (Hojjat, 1997), apesar de não considerar a totalidade dos factores que influenciam a satisfação, relaciona-se com esta definição de satisfação ao conjugar um factor centrífugo (a filosofia de vida de cada cônjuge - factor pessoal), com factores centrípetos (processos cognitivos e operativos e comportamentais) e com o factor tempo (tempo de relação). Este modelo propõe uma explicação causal da satisfação, em que a satisfação nas relações próximas depende da semelhança entre filosofias de vida de cada cônjuge, relativamente ao mundo e ao modo de estar no mundo.

Por último, o modelo integrativo de Whisman (1997), também propõe uma classificação dos vários factores que influenciam a satisfação, embora diferente da de Narciso (2001), realçando as suas influências recíprocas e estabelecendo a possibilidade de influências directas ou mediatizadas sobre a satisfação conjugal.

Segundo Narciso (1994) a qualidade conjugal é frequentemente confundida com a satisfação conjugal, mas o termo qualidade conjugal é mais abrangente que o de satisfação. A satisfação só pode ser medida através da avaliação pessoal e subjectiva que o casal faz da sua relação; por outro lado, a qualidade refere-se ao desempenho da e na relação (Narciso, 2001). Igualmente Kotler (1985) considera que a qualidade conjugal é um fenómeno

multidimensional, sendo o resultado de um processo dinâmico e relacional do casal que resulta na avaliação que cada cônjuge experimenta em sua união (Kotler, 1985).

Uma das alterações mais frequentemente relatadas em toda a transição para a parentalidade é um declínio na qualidade conjugal após o nascimento do primeiro bebê. Experiências da família de origem podem influenciar a trajetória da qualidade conjugal (Perren, *et al*, 2005).

Durante a transição para a parentalidade, a experiência própria dos novos pais, dentro de suas famílias de origem pode influenciar modelos de referência ou representações mentais de funcionamento familiar em níveis quer conscientes quer inconscientes.

Belsky e Isabella (1985) demonstraram que as experiências dos novos pais na família de origem predisseram significativamente a mudança na qualidade conjugal no período de gestação de 9 meses pós parto. Os participantes que recordaram a qualidade da relação do casamento de seus pais como negativo mostraram um declínio maior na qualidade conjugal ao longo do tempo.

Da mesma forma, Cowan e Cowan (1992) relataram que casais em que ambos, marido e mulher descreveram grandes níveis de conflito nas suas famílias de origem apresentou maior decréscimo na satisfação conjugal desde a gravidez até 18 meses após o nascimento da criança. Em suma, a qualidade conjugal na família de origem está associada à qualidade dos casamentos da próxima geração. Esse impacto pode ser especialmente forte durante a transição para a parentalidade.

Um estudo suíço teve como objectivo investigar o impacto das recordações do casamento da família de origem sobre a qualidade conjugal (medido através de questionários de auto-relato e avaliação clínica), desde a gravidez até ao primeiro ano após o nascimento do primeiro filho (Perren, *et al*, 2005).

Um total de 62 pais pela primeira vez, completaram questionários (auto-relatos de satisfação conjugal) e entrevistas clínicas (avaliação clínica da qualidade do diálogo conjugal). Embora os auto-relatos de satisfação marital e a qualidade observada do diálogo terem sido altamente associadas, apenas a os auto-relatos da satisfação marital diminuíram desde a gravidez até ao primeiro ano após o nascimento.

Este decréscimo deveu-se, em parte, a uma satisfação marital muito alta durante a gravidez. As trajetórias para os auto-relatos de satisfação marital e da qualidade observada do diálogo, foram diferentes para participantes com qualidade baixa, média e alta, das lembranças dos casamentos das famílias de origem.

Um modelo de equação estrutural mostrou que participantes que recordavam a qualidade da relação dos seus pais como negativa, relataram mudanças mais negativas na qualidade dos seus próprios casamentos. Parece haver uma transmissão intergeracional da qualidade marital que emerge quando os casais são desafiados pelo nascimento e criação dum bebé (Perren, *et al*, 2005).

Para estudar a qualidade conjugal é preciso ter em conta dimensões como o contexto social, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos. Estas três grandes dimensões reúnem um número infinito de variáveis tais como as experiências na família de origem, o nível educacional, as características de personalidade, a fase do ciclo vital em que se encontra o casal, entre outras. Estas são variáveis difíceis de serem hierarquizadas, pois não há como determinar a maior importância de umas em relação a outras (Mosmann, Wagner & Carneiro, 2006).

Apesar de a alteração da qualidade e o sentido da alteração serem discutíveis, não se pode deixar de reconhecer que há mudanças no laço conjugal. Osofsky e Culp (1993) consideram que há uma sequência generalizada na forma de vivenciar a transição. Inicialmente há um entusiasmo em que a proximidade da rede familiar de origem e dos amigos ajudam o casal a adquirir o papel parental, seguindo-se um período de insatisfação com a vida conjugal, que se contrapõe a um aumento contemporâneo de bem-estar no desenvolvimento do papel parental. A própria forma como o casal vive enquanto tal muda. Segundo Emery e Tuer (1993) o laço conjugal vai perdendo aspectos de companheirismo, na mesma medida em que vai ganhando aspectos de parceria.

A relação ganha um sentido diferente do que tinha e evolui no sentido de ambos se sentirem pertencentes e envolvidos no projecto comum da parentalidade. As alterações na dinâmica conjugal podem iniciar-se ainda antes do nascimento, podendo a dimensão de projecto também influenciar a qualidade conjugal (Scabini & Cigoli, 2000).

1.2 Geratividade do casal na transição para a parentalidade

No que diz respeito à dinâmica relacional do casal, há aquilo que se pode considerar uma intersecção subtil entre o papel conjugal e o papel parental, mas são sempre subsistemas familiares diferentes.

Desta forma, requiere-se que o casal saiba gerir recursos, conflitos e afectos da relação conjugal, independentemente da relação com os filhos, o que leva a um outro desafio que passa pela regulação das distâncias com estes, de forma flexível. Se é positivo que haja uma

centralidade exclusiva do casal no investimento afectivo no filho nas primeiras fases do seu desenvolvimento, esta não deverá tornar-se uma modalidade predominante, caso contrário acaba por afastar os membros do casal da sua dimensão conjugal (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A dimensão conjugal está ligada à diferença fundamental de género e está também ligada à dimensão parental, como já foi dito. Isto significa que também a função parental de cada elemento está sob influência da diferença de género e implica que, mais uma vez, saiba reconhecer a unicidade e diferença no outro e que seja capaz de a aceitar, sendo uma ajuda na aquisição do papel parental. Implica também a presença das dimensões afectivas e normativas (éticas) na educação dos filhos, simbolicamente associadas ao papel materno e paterno, respectivamente (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Quando um casal tem uma imagem romântica de maternidade e paternidade torna muito difícil assumir a transição para a parentalidade uma vez que após o contacto real com o filho percebem que ele comporta efeitos positivos mas também negativos. É necessário que o casal saiba desconstruir a imagem idílica da infância e redefinirem-se e adaptem-se ao evento crítico que é o nascimento do filho (Scabini, 1989).

Os efeitos positivos do nascimento do primeiro filho vão encontro dos benefícios emotivos que um filho comporta: o filho é percebido pelos pais como fonte de sentimentos afectivamente gratificantes e de felicidade dos pais que desejam cuidar dele, brincar e ajudá-lo a descobrir o mundo. Esta ligação particular entre a mãe e o bebé, mas também afectivamente ligada ao marido cria um clima emotivamente positivo com a família mais que um particular vínculo entre si e o filho.

O enriquecimento e desenvolvimento de si mesmo associado ao reconhecimento de pessoa madura e responsável, sentindo confiança em enfrentar o futuro. O casal deixa de ficar centrado apenas sobre si mas abre-se à preocupação enquanto casal pelo crescimento do filho. Crescimento da coesão da família uma vez que o filho reconhece o laço entre a mãe e o pai e confere a integridade à família. O casal passa a ter um mandamento que os une ainda mais, algo interdependente e de mútuo acordo pelo bem-estar do filho (Sollie & Miller, 1980).

A identificação com o filho e o desejo de vê-lo crescer e desenvolver-se. O filho faz com que os pais possam reviver fantasias, desejos, sonhos que os ligam à sua própria infância e ao seu passado (Freud, 1914 cit in Scabini, 1989).

Porém, esta fase pode trazer consigo aspectos negativos devido às exigências físicas do cuidado com o bebé. O casal ressalta o cansaço, as poucas horas de sono, o aumento das

tarefas domésticas. As mulheres assumem a maioria das tarefas pelo que partilham a dificuldade em cuidar do bebé sentindo esta fase como mais stressante quanto imaginaram.

Poderá existir, também, um aumento da tensão entre marido e mulher. Apesar da relação se tornar mais próxima com o nascimento do filho pode criar problemas no casal uma vez que passam menos tempo enquanto casal devido à transição para a paternidade.

Os novos pais necessitam de tempo para se adaptarem a esta nova fase e encontrarem forma de redefinirem-se enquanto casal no que concerne à necessidade de continuarem a nutrir a relação conjugal. Esta fase poderá ser marcada por conflitos, dificuldade na mútua compreensão, e encontrar formas de fazerem o que desejam mesmo tendo o filho. As investigações vão ao encontro de uma diminuição da satisfação sexual devido à dificuldade em reorganizar-se das modificações da gravidez e do nascimento do filho.

Os custos emotivos experimentados pelos novos pais são significativos. O casal partilha um peso demasiado grande da responsabilidade que o filho exige e que se perpetua por vários anos. Esta exigência consome todo o seu tempo enquanto adulto. Outra dificuldade é tolerar a ambiguidade e incerteza em relação à sua própria capacidade e sentimentos ligados à competência para cuidar dum bebé.

Os custos e restrições ligados à vida social do casal, o lazer, os amigos, a preocupação financeira e a carreira. A necessidade contínua de cuidados ao bebé faz com que o casal tenha menos tempo para as actividades extrafamiliares. As mulheres relatam a dificuldade de competir a nível de carreira profissional uma vez que precisam de parar para cuidar do filho muito mais que os homens (Scabini, 1989).

A investigação ressalta em particular algumas tipologias na passagem geracional, ou diferentes percursos relativos à transmissão da geratividade. Entre as tipologias surgem a fecunda-transformativa, critico-gerativa, critico-bloqueada, não gerativa (Cigoli, 2006).

A tipologia fecunda-transformativa é caracterizada pelo encontro de duas histórias de vida que estão enraizadas numa origem fecunda, que se desenvolveram num pacto de casal e uma parentalidade à sua volta fecunda com a passagem de valores gerativos. Os membros do casal têm uma “vantagem inicial” devido a interiorização benéfica que lhes permite aventurar-se na relação com confiança. Apesar desta vantagem ou seja, uma “herança positiva”, esta precisa de ser relançada, depois de reformulada pelo casal tendo em conta as mudanças culturais (Cigoli, 2006).

A tipologia critico-gerativa apresenta no seu interior uma importante variação. A história do casal nasce de origens diversas, fecunda por um cônjuge e crítica pelo outro. Em alguns casos a “herança negativa” de um vem recuperada pelo encontro com o outro, dando

lugar a um pacto de casal fecundo e por sua vez a uma geratividade fecunda, com a passagem de valores gerativos. Em outros casos, pelo contrário, o pacto conjugal torna-se crítico, porém, o casal pode preservar-se da tal criticidade na geração dos filhos, de modo que haja uma transmissão de geratividade (Cigoli, 2006).

Kotre (1984) aborda o conceito de “tampão intergeracional” como capacidade do casal assumir em si o peso geracional (lutos, negligência, injustiças) sem lançá-lo sobre a nova geração, impedindo que esta “herança danosa” se propague na passagem geracional. Portanto, por um lado, é o encontro com o outro que permite ao cônjuge de reiniciar e de “reviver”, geracionalmente falando, interrompendo a cadeia dolorosa, por outro lado é como se a criticidade da relação de casal encontrasse a sua fronteira e não invadissem a relação parental (Cigoli, 2006).

A terceira tipologia é a crítico-bloqueada. Manifesta-se pela origem crítica ou até mesmo falimentar do casal e pelo pacto comum em não poder cuidar de tais origens. Pode, também estar presentes alguns aspectos de fecundidade mas sem sustentabilidade e estabilidade. Assim a parentalidade é arrastada num movimento flutuante e polarizado, ou é obscurecida e bloqueada do sentimento falimentar da matriz familiar de origem e da constante preocupação pelo fracasso da relação de casal (Cigoli, 2006).

A quarta tipologia é a não gerativa. Caracteriza-se pela presença falimentar nos três eixos geracionais. Começa falimentar nas origens e passa pela relação conjugal também ela falimentar e atingindo até um exercício falimentar da dimensão parental, cuja qualidade é precisamente não gerativa para a mente dos filhos (Cigoli, 2006).

A investigação estando em progresso ajuda a considerar diferentes percursos das mudanças geracionais, e afasta-nos do risco de considerar as passagens geracionais como uma constante ameaça e a uma redução da vida individual. A investigação sob uma óptima de tipologia de passagens geracionais caracteriza as passagens quanto tais e o casal parental é sempre considerado como o foco da passagem, e é vista como mediador da passagem entre as gerações e a geratividade, dos seus aspectos problemáticos ou, até mesmo da sua falta (Cigoli, 2006).

Uma recente meta-análise realizada por McAdams (2006) mostraram que os adultos gerativos são pais mais eficazes, e pessoas mais responsáveis e integrados na comunidade social. Os adultos gerativos vivem a assunção da parentalidade como uma oportunidade para transmitir valores e sabedoria para as gerações seguintes à sua numa relação baseada na confiança e no diálogo. Descobriu, também que eles estão mais envolvidos na criação dos

filhos, tendo um estilo parental firme com autoridade associado à vida familiar centrada no cuidado emocional e crescimento mental das crianças.

Neste contexto mostram altos níveis de autonomia, maturidade moral e emocional, mostram um forte investimento no processo de transmissão de valores para seus filhos, assim como a história da família e da envolvimento com a comunidade. Finalmente, em relação a si próprios, os adultos gerativos expressam maior percepção de bem-estar e satisfação, menores níveis de depressão e ansiedade. Além de desejarem nutrir a sua relação e dar-lhe profundidade desejam ser aceites e recebidos com carinho e afecto. Em resumo, a pesquisa psicossocial lançou luz sobre a construção da geratividade e destacou os efeitos positivos tanto a nível individual, quer ao nível das relações sociais (McAdams, 2006).

1.3 As tarefas desenvolvimentais na transição para a parentalidade: dimensões éticas e afectivas

A experiência de tornar-se pais modifica profundamente o laço conjugal e o nascimento do filho apresenta-se ao casal como uma grande mudança (Cigoli & Scabini, 2006). O nascimento do filho pode activar recursos pessoais e relacionais e consolidar a identidade do casal mas por outro pode ter o efeito contrário e não permitir o crescimento do casal e em alguns casos quebrar o laço conjugal (Cigoli & Scabini, 2006).

Desta forma, sob um ponto de vista afectivo, torna-se imprescindível ao casal integrar a dimensão parental com a dimensão conjugal e construir uma nova identidade de casal, ou seja negociação de papéis.

O laço marital assume novos significados: os aspectos típicos do *companionship* diminuem e emerge um novo sentido de envolvimento num projecto comum, *partnership*. Para o bem-estar e adaptação do casal é necessário que à medida que o filho cresce o casal vá redefinindo os seus objectivos enquanto casal.

A nível ético o casal deverá lidar adequadamente com o salto de posição que uma nova responsabilidade parental comporta. Ser pais significa estar numa posição relacional hierarquicamente superior à do filho. O casal deverá reconhecer o cônjuge como pai e mãe, apoiando-o e legitimá-lo na sua função parental (Cigoli & Scabini, 2006).

O casal enquanto pais, afectivamente, deverá criar e desenvolver o laço com o filho, dar espaço, calor e confiança na nova geração. Iniciar um processo de diferenciação que conduza a reconhecer o filho como um outro diferente de si.

Quando o filho é adolescente dever-se-á aceitar a recíproca separação através de uma protecção flexível. Como pais terão que construir e definir o estilo parental mais correcto para a educação do filho.

Sob um olhar ético o casal deverá legitimar o filho na família através da atribuição dum nome e de um apelido e consentir-lhe o acesso às raízes familiares e à participação aos valores transmitidos na família (Cigoli & Scabini, 2006).

Um dos aspectos afectivos do casal enquanto filhos será a partilha da própria experiência da parentalidade com os pais. Ou seja deixar os avós serem avós.

O casal deverá continuar a história familiar de um modo inovador sendo uma relação de casal diferente da família de origem. Eticamente o casal deverá pedir para ser legitimado como pais capazes e legitimar os próprios pais na sua nova função de avós de qualidade, o neto representa o continuador e novo protagonista da história (Cigoli & Scabini, 2006).

Ainda, o casal enquanto membros de uma comunidade social deverá gerir a combinação entre o espaço para a família e o espaço para o social (emprego por exemplo). É importante reconhecer o valor da geratividade como uma forma de pertença social.

1.4 O envolvimento paterno na transição para a parentalidade

Tradicionalmente apresentou-se a gravidez como uma dimensão feminina, até os homens que reflectiam acerca desta temática o faziam (Andolfi, 2001). O estudo da relação mãe-bebé foi o foco central de interesse no desenvolvimento infantil, sendo que apenas recentemente a relação pai-bebé começou a ser mais extensamente estudada (Costa & Katz, 1992; Lewis & Dessen, 1999). No período da gestação, essa exclusão do pai ainda é bastante preponderante, sendo que a maior parte dos estudos actuais centra-se na relação pai-bebé após o nascimento (De Martini, 1999).

Contudo ultimamente têm-se abordado o envolvimento paterno na gravidez e parto, uma vez que o homem experimenta o envolvimento sob umas características próprias, diferentes da mulher (Andolfi, 2001). Normalmente a mãe tem estado mais relacionada com o cuidado, a protecção, conforto e a estimulação social aos filhos. Por outro lado os pais eram relacionados com o papel instrumental da família. A mãe estava mais ligada aos relacionamentos afectivos e o pai preocupava-se mais com a educação e valores do filho (Emery & Tuer, 1993).

Além do apoio material, o suporte emocional à gestante também se constitui em uma importante função atribuída ao pai (Klaus & Kennell, 1992). Os casais, e não apenas as

mulheres, ficam grávidos, e as mudanças que ocorrem com os futuros pais durante a gravidez não são independentes das mudanças por que passam as próprias gestantes. Os pais podem, inclusive, desenvolver a Síndrome de Couvade, apresentando sintomas físicos e psicológicos semelhantes e concomitantes aos das mulheres (Parke, 1996).

Tornar-se pai traz muitas gratificações ao homem como por exemplo a demonstração das suas capacidades sexuais, a continuação da linhagem, a existência de um herdeiro mas a nível prático da criação dos filhos, esta exigência e centralidade de cuidados não traz muitas gratificações sociais ao homem (Entwisle & Doering, 1981).

O envolvimento paterno pode variar bastante ao longo da gestação, dependendo da qualidade do desenvolvimento do bebé e das características de cada pai. Com relação às diferenças ao longo da gravidez, May (1982) sugere um padrão de mudanças sequenciais no envolvimento emocional dos pais, constituído de três fases. A primeira destas compreende o período desde a suspeita de gravidez acompanhada de um grande impacto inicial até à sua confirmação, quando os pais podem experimentar reacções de desconforto, stress e ambivalência. Na segunda fase, os pais ainda não sentem a gestação como uma realidade, uma vez que os sinais físicos ainda não são evidentes. Em decorrência disto, a distância emocional entre o pai e bebé é a característica mais marcante deste período. Na última fase, os homens vivenciam a gestação como real e importante para as suas vidas, conseguindo definir-se como pais. Normalmente, segundo o mesmo autor, este último estágio ocorre no terceiro trimestre da gestação, quando o nascimento do bebé está mais próximo e os pais tornam-se mais participativos nos preparativos para a sua chegada.

Andolfi (2001) reforça a presença na gravidez de sentimentos de ambivalência no homem, alegria pelo nascimento do filho e medo porque comportará responsabilidade e cuidado. Por um lado, sente-se fora da fase da gravidez pelo sentimento de perda da unicidade na relação com a mulher sentindo os ciúmes da particular relação mãe/filho. Como se sentem esses desejos e sentimentos inaceitáveis, infantis, podem desviar para outros sentimentos da vida conjugal como a incompreensão, conflitos no “acordo” sexual (Scabini, 1989).

Durante a gravidez, as recordações da primeira infância do pai afloram com mais frequência. Essas recordações estão normalmente ligadas à relação que tinha a figura materna ou com uma avó, enquanto a relação recordada com o pai surge num plano mais secundário. Frequentemente lembra-se do pai como alguém com quem não tinha um contacto directo, que não o abraçava, às vezes temido, fazendo pensar que quase não existia. Desta forma existe por parte do homem uma tristeza por aquilo que não recebeu do pai, e, ao mesmo tempo, um

desejo de compensar e recuperar esse sentimento de ausência. Isto leva a que o homem deseje criar uma figura de pai que possa ser mais afectuoso com o filho (Andolfi, 2001).

A mulher fisiologicamente faz quase uma regressão, na medida em que volta a experienciar a relação fetal, o que a torna mais próxima da criança, identificando-se e fazendo próprias as necessidades do recém-nascido (Winnicott, 1962). Por outro lado, quando o homem está à espera do filho a sua mente fica “grávida” de pensamentos e emoções que é difícil dar sentido e entra em jogo o próprio conceito de *self*. O nascimento do filho confirma ao homem a sua paternidade, uma vez que é o filho que dá ao pai o seu estatuto de pai (Andolfi, 2001).

Os conflitos e as transformações internas do pai na gravidez são frequentemente desvalorizadas e ignoradas porque a gravidez é vista como um evento puramente materno, sendo o parto uma manifestação clara da feminilidade do evento. O homem, de facto, não é amparado e compreendido no momento de ter que encarar a mudança radical que se dá no plano da intimidade (Andolfi, 2001).

Assim, o casal, nesta fase, deverá integrar duas formas diferentes de amor: amor conjugal e amor parental-filial para a passagem à identidade de família. Esta nova mudança traz alterações na intimidade do casal que deverá revitalizar, crescer e solidificar a nova relação conjugal (Andolfi, 2001).

Caso o homem seja inseguro e não esteja preparado para fazer esta passagem à parentalidade, ou se a mulher está presa a esta nova vivência da maternidade, a chegada do terceiro na relação dual é de facto, a prova mais dramática e verdadeira para verificar a solidez e flexibilidade do casal e da sua capacidade de transformação afectiva. O pai pode sentir a nova relação entre a mãe e o filho como uma traição à relação que tem a esposa (Andolfi, 2001).

A mãe pode esquecer-se de nutrir a relação de casal e não querer fazer participativo o marido na sua nova experiência de ser mãe. Desta forma, não é infrequente que neste momento começa um divórcio afectivo. Muitas pessoas iniciam uma terapia neste momento. Isto porque o nascimento do filho coloca em causa a relação de casal daí que na terapia por vezes, percebe-se que as causas dos problemas são anteriores à gravidez. Frequentemente o filho é gerado como se fosse uma solução ou uma forma de revitalizar a relação entre adultos. Quando a criança cresce as problemáticas do casal ficam congeladas ou despoletam criando uma insustentabilidade na família (Andolfi, 2001).

O estilo de interacção do pai com a criança pequena parece basear-se sobre actividade assistencial em particular a lúdica mais do que a nutritiva que ainda está reservada

prevalentemente para a mãe. Desta forma o pai experimenta um novo modo “seu” de assistir o próprio filho, não imitativo nem competitivo com o da esposa (Andolfi, 2001). Essa dimensão lúdica concretiza-se nos desejos que o homem já tem na gravidez de brincar juntos, de ter contacto físico, passear, andar de bicicleta e visionamento de filmes e espectáculos. O jogo na infância cria rituais de relacionamento que se mantêm no tempo e são facilitadores de um encontro profundo. Sendo o jogo um canal de relação indirecto, possibilita um nível de confiança e intercâmbio autêntico entre o pai e filho (Andolfi, 2001).

De facto, o homem tem de desenvolver a sua dimensão feminina para sentir-se próximo da mulher, protegendo-a, até quase a contendo, como ela contém o feto dentro de si (Badolato, 1993). É também necessário aceitarem a posição um do outro, não tornar isso num problema, recorrendo a actividades protectoras de cuidado, sustento, sentir-se como importante nesta fase (Cigoli, 1977).

Falar de nascimento do filho apenas sob o plano horizontal entre pais e filho torna-se reducionista uma vez que o nascimento leva a mudanças no plano vertical no que concerne à família intergeracional. “A família psicológica é sempre uma família alargada” (Scabini, 1984, p.46). O filho é fruto não só de uma mudança no casal mas também, não só biologicamente de diversas gerações e estirpes.

Desta forma, é necessário que o casal se desenvolva enquanto pessoa individual e conjugal, que amadureça e confirme o projecto de vida conjunto integrado dentro das famílias de origem, das estirpes e da sociedade (Andolfi, 2001; Cigoli & Scabini, 2006).

Sendo os estudos nesta área, na sua maioria, de tipo quantitativo correlacionais, achamos que não permitem aprofundar o processo e as implicações relacionais que se produzem em todo o sistema familiar nesta fase da transição à parentalidade. Desta forma, pretendemos perceber o fenómeno, através de um estudo qualitativo e uma leitura dos dados, baseada no modelo Relacional Simbólico (Cigoli & Scabini, 2006).

II. PARTE EMPÍRICA

Cigoli e Scabini (2006) consideram que os estudos sobre o casal devem ter em conta as duas perspectivas dos cônjuges, comparando-as e integrando-as, de forma a conseguir reunir informação sobre o que os membros partilham, o que os une, qual o produto da sua história, bem como o que cada membro sente de forma individual. A nível metodológico implica uma abordagem com o casal enquanto tal e não a partir de uma visão individualizada ou do somatório das visões dos cônjuges acerca do fenómeno a estudar. Desta forma apresentam-se, sucessivamente, todas as directrizes metodológicas do estudo da paternidade e geratividade na transição para a parentalidade.

2. Método

Cigoli (2006) defende uma mudança de paradigma no estudo actual na psicologia, passando do estudo da mente e do indivíduo para o estudo da pessoa viva no seu corpo, com todas as suas necessidades, expectativas, desejos, intenções e descobertas e constituindo-se como um lugar de acção, seja no que faz, na reflexão sobre o que faz, na aprendizagem e na mudança do que faz.

Segundo Lanz e Rosnati (2002) a maior parte dos instrumentos na investigação centra-se em estudos de cariz individual, já que são, normalmente, instrumentos de auto-relato o que, em parte, explica a elevada tendência individualista destes trabalhos e o esquecimento da profundidade das relações familiares. Desta forma, os mesmos autores, afirmam que a unidade de mensuração depende directamente do tipo de instrumento utilizado, o que também explica alguma da dificuldade em sair da tendência de investigação individual em forma de auto-relato.

Assim, estudar o casal significa, então, considerá-lo a partir da sua natureza relacional, em que a metodologia escolhida deverá também ser coerente com uma investigação numa óptica relacional (Lanz & Rosnati, 2002).

Segundo Flick (2002) a investigação em psicologia e nas ciências sociais, em alguns períodos, teve como referência o modelo de investigação, uma total primazia ao desenvolvimento de métodos quantitativos e padronizados, com o objectivo isolar claramente causas e efeitos, medir e quantificar fenómenos, construir planos de investigação que permitam a generalização de resultados e a formulação de leis gerais.

Porém, o ser humano constrói interações e atribui significados ao mundo que o rodeia, logo, o seu mundo interno é muito mais profundo do que simples quantificações sobre determinados fenómenos (Chizzotti, 2003).

A investigação qualitativa apresenta uma abordagem diferente comparativamente com os métodos utilizados na investigação quantitativa, aplicando diferentes estratégias de investigação, métodos de recolha de dados, a sua análise e interpretação, possibilitando descrever a complexidade de um fenómeno, analisar a interacção de determinados factores, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais e entender, em maior profundidade, as características dos comportamentos dos indivíduos (Bogdan & Biklen, 2006). Por outro lado, o estudo não é feito em condições artificiais mas antes um contacto directo com as pessoas, observando a forma como interagem no seu contexto natural (Creswell, 2009).

Este tipo de metodologia assenta numa análise de cariz indutivo, holístico e idiográfico, estudando a realidade sem a fragmentar nem descontextualizar (Almeida & Freire, 2003).

O investigador quando usa uma metodologia qualitativa, usa uma grande variedade de fontes de informação, como entrevistas, observação e análise documental. Realiza uma análise indutiva dos dados recolhidos, construindo categorias passando para unidades mais abstractas de informação (Creswell, 2009; Johnson & Christensen, 2008).

Flick (2002) reflecte sobre uma das peculiaridades da análise qualitativa no que concerne à não linearidade no processo de investigação, em que a circularidade das etapas deste processo é uma característica fundamental desta metodologia, permitindo ao investigador uma reflexão constante sobre o processo de investigação, quer na sua totalidade quer na interligação de cada um dos passos. Esta relação entre a recolha e interpretação dos dados, a selecção do material empírico, permite ao investigador (contrariamente ao procedimentos do modelo linear) reflectir se as categorias, métodos e teorias utilizadas e na sua adequação ao tema e aos dados recolhidos.

Desta forma o papel do investigador qualitativo assume um papel preponderante. Ele torna-se num instrumento chave da pesquisa, com a observação directa dos fenómenos em estudo, que apesar de utilizar vários instrumentos, é o próprio que reúne a informação. Posteriormente, o investigador, partindo do mundo de significados dos participantes faz uma interpretação pessoal à luz da sua bagagem teórica, ou seja, sempre construído a partir do significado dos participantes, na constante atenção dada à sua experiência pessoal (Creswell, 2009).

Cigoli e Scabini (2006) acrescentam que o investigador sob uma perspectiva relacional, não tem uma presença neutral; ele é uma parte integrante do desenho do estudo, porque o investigador envolve-se numa relação. Os instrumentos utilizados são colocados entre o investigador e os participantes, criando configurações relacionais específicas e complexas.

Na investigação qualitativa, os estudos fenomenológicos têm como objectivo o estudo da perspectiva interna do sujeito e a compreensão do seu mundo de significados, tentando descrever as suas experiências sobre determinado fenómeno. Consiste num método descritivo, em que se pretende que o fenómeno fale por si (Holanda, 2006).

Os investigadores fenomenológicos salientam que para experienciar algo no seu estado mais puro, é necessário suspender qualquer preconceito, tentando aprender sobre a experiência do sujeito sobre determinado fenómeno, assumindo a unicidade de cada pessoa. Neste tipo de investigação, o investigador recolhe informações de várias pessoas, normalmente através de entrevistas, para posterior análise do seu significado e relevância para o seu estudo (Johnson & Christensen, 2008).

Dada a complexidade relacional do fenómeno inerente ao envolvimento paterno e geratividade conjugal na transição para a parentalidade, torna-se imprescindível uma metodologia que tenha em conta a profundidade da transição, e que compreenda tudo aquilo que estão a viver. Desta forma, a metodologia qualitativa fenomenológica parece ir ao encontro dos objectivos propostos.

2.1 Desenho do estudo

A investigação qualitativa fenomenológica pretende aprofundar o envolvimento paterno e geratividade conjugal na transição para a parentalidade. Como objectivo geral desejamos compreender em profundidade que dimensões estão implicadas nesta transição e como é que tanto o homem, a mulher, casal, a família e a comunidade social vivem a passagem à parentalidade, com um enfoque particular na vivência paterna.

Os objectivos específicos vão ao encontro do desejo de perceber como o casal construiu o sonho de serem pais, os seus medos, as suas metas, as tarefas desenvolvimentais na transição para a parentalidade. Perceber, também, como se desenvolveu o desejo de ser pai, o modo como se vive o ser pai na transição para a parentalidade e as diferentes dimensões da sua envolvência. Por fim, aprofundar a geratividade conjugal nesta fase vital da família de modo a compreender como o casal e a família geram vida para além do factor biológico.

Dos objectivos específicos decorrem as questões de investigação, perguntas que pretendem estudar um determinado fenómeno que gostaríamos de ver respondido (Johnson & Christensen, 2008), sendo um caminho para a pesquisa, orientado para esclarecer determinado objectivo e a delimitação de uma área de interesse concreta (Flick, 2002).

Desta forma as nossas questões de investigação são: Como é que o casal constrói o desejo de parentalidade? Que vivências acontecem na família durante a gravidez? Quais são as tarefas desenvolvimentais na transição para a parentalidade? Como se desenvolveu o desejo de ser pai? Como vive o pai gravidez? Como se envolve? Como o casal e a família geram vida para além do factor biológico? Que e como transmitem? Como se relacionam entre os diferentes géneros, gerações e estirpes?

De forma a responder a estas questões de fundo aplicou-se uma entrevista semi-estruturada ao casal e um questionário sócio-demográfico com posterior transcrição e análise de conteúdo categorial (Bardin, 1977).

2.2 Participantes

Na investigação torna-se fulcral a definição do tipo de população, seguido do procedimento para a amostragem e o tamanho da amostra (Barker, Pistrang & Elliott, 2002).

Assim, os participantes do estudo foram oito casais jovens que esperavam o primeiro filho, e que se encontravam no último trimestre de gravidez. A escolha destes critérios vai ao encontro dos autores considerarem as mudanças mais significativas quando se trata do nascimento do primeiro filho (McGoldrick, Heiman & Carter, 1993). A escolha do último trimestre de gestação surge na bibliografia de referência como a fase em que o casal se encontra mais consciente da realidade do evento e quando consegue dar mais significado ao que estão a viver (May, 1992).

No que concerne à amostragem foi não aleatória, por conveniência (Creswell, 2003). Foram contactados centros de saúde e clínicas privadas do Município de Braga mas apenas se conseguiu a população através de contactos pessoais de alguns investigadores que ajudaram a encontrar os casais.

A amostragem procurou respeitar os seguintes critérios de inclusão e exclusão: de inclusão procurou-se representantes do fenómeno que se pretendia aprofundar através de características homogéneas: jovens casados (23-35 anos), que se encontravam no último trimestre da primeira gravidez; de exclusão, os participantes em que a gravidez surge de

tratamentos de infertilidade; casais de etnias/culturas diferentes, casais em processo de divórcio ou conflito conjugal.

Contudo, os participantes da investigação dentro dos critérios homogéneos apresentavam uma variabilidade preponderante em questões sociodemográficas como a idade, habilitações, anos de namoro e casamento.

Desta forma, os casais tinham uma média de 28 anos, sendo que estes dados eram variáveis entre pessoas com 23 anos e 34 anos. A nível de anos de namoro e casamento a mesma variabilidade acontece desde casais que namoraram 1 ano e outro com 11 anos sendo que a média é de 5 anos de namoro. Quanto ao tempo de casamento varia entre um casal casado há meses e 5 anos sendo a média, 2 anos de casamento. Relativamente à escolaridade as pessoas variavam entre o 6º ano e mestrado sendo que tanto um como o outro eram *outliers* uma vez que 4 tinham o 9º ano, 4 a licenciatura e 10, o 12º ano de escolaridade. De ressaltar que as mulheres tinham em média maiores níveis de habilitações relativamente aos homens.

Quase todos os participantes estavam empregados sobretudo em áreas ligada ao comércio, construção, ensino e serviços. Os casais encontravam-se em média com oito meses de gravidez sem complicações de gestação. Após esta breve descrição podemos ver com mais detalhe em anexo.

A amostragem seguiu os trâmites da metodologia qualitativa em que só se terminou com a saturação teórica (Creswell, 2003; Flick, 2002).

2.3 Instrumentos

Nesta investigação, foram utilizados dois instrumentos para a recolha de dados, nomeadamente, o uso de um questionário socio-demográfico e uma entrevista semi-estruturada criada *ad hoc* baseada no eixo II da Entrevista Clínica Geracional criada por Cigoli e Tamanza (2009).

2.3.1 Questionário socio-demográfico

No sentido de recolher informações demográficas dos participantes foi elaborado um questionário socio-demográfico dirigido ao casal. O questionário socio-demográfico dirigido ao casal com os seguintes critérios: identificação, habilitações literárias, profissão, questões ligadas aos anos de namoro e casamento, tempo de gestação e problemas ligados à gravidez. Os elementos recolhidos procuravam, por um lado, certificar a homogeneidade de critérios que pretendíamos, e por outro ter elementos mais directos e quantificáveis em relação à entrevista de cariz mais simbólica e experiencial.

2.3.2 Entrevista

A entrevista é um instrumento bastante utilizado nas ciências sociais nas investigações qualitativas, sendo muitas vezes designadas de entrevistas de profundidade, uma vez que podem ser usadas na obtenção de informação mais profunda sobre os pensamentos, crenças, conhecimentos, motivações e sentimentos sobre a vida do entrevistado (Johnson & Christensen, 2004; Dallos & Vetere, 2005). Para além disso, ajuda a aprofundar melhor um determinado tema, e a realidade na qual se manifesta (Wengraf, 2001; Manzini, 1995).

Dos diversos tipos de entrevista, nomeadamente, as entrevistas estruturadas, as entrevistas semi-estruturadas, as entrevistas narrativas, entrevistas de *focus grupo*, entre outras, escolhemos as entrevistas semi-estruturadas (Almeida e Freire, 2003). Estas permitem uma maior liberdade de resposta do entrevistado, com a utilização de perguntas abertas (Flick, 2002), e que vão ao encontro do seu mundo, exprimindo-se pelas suas próprias palavras, não existindo qualquer tipo de influência, evitando assim respostas socialmente correctas, indicando-nos a relevância da informação e qual a sua importância na sua vida (Foddy, 1993).

A entrevista dirigida ao casal teve como referência algumas dimensões da ECG (Cigoli & Tamanza, 2009). Esta entrevista é um instrumento clínico, com origens no modelo relacional simbólico (Cigoli & Scabini, 2006) e no seu construto de geratividade, isto é, o intercâmbio entre gerações através da sua capacidade para desenvolverem um espaço de atribuição de significados às relações (Cigoli & Tamanza, 2009).

A ECG está ainda em fase de adaptação para a população portuguesa (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso, Facchin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves, Trigueiros, 2010a; 2010b). Está vocacionada para o contexto clínico e de investigação, seja pelo estudo das transições e mudanças geracionais em diversas situações de vida do casal, seja para a avaliação clínica e intervenção psicológica (Cigoli & Tamanza, 2009).

A nível investigativo, é um instrumento qualitativo, sob a forma de uma entrevista, articulado em três dimensões/eixos: origens de cada membro, formação do casal e desenvolvimento da relação de casal e a passagem e transmissão à geração seguinte (Cigoli & Tamanza, 2009).

A entrevista inclui elementos verbais através de questões e elementos gráfico-simbólicos pelo uso de imagens. Esta integração de diferentes elementos possibilita ao casal a

capacidade de reflectir e de verbalizar a sua própria experiência familiar e entrar em níveis mais profundos de comunicação.

Como já foi salientado anteriormente, baseamo-nos no segundo eixo, relativo à relação conjugal da ECG. Este eixo incentiva mentalmente à compreensão da diferença entre interacção e relação onde se convida o casal a perceber como construíram o seu laço conjugal e como este se foi integrando. As perguntas implicam uma forte referência ao nível interpessoal (à relação com o outro) e os processos de identificação projectiva e introjectiva. As questões visam perceber se o casal diferencia e integra a relação entre casal, com a comunidade social, entre as suas famílias de origem (Cigoli & Tamanza, 2009).

Por outro lado, as imagens possibilitam ao casal o surgimento do pensamento, imagens, e activa as dimensões emocionais e éticas. Enriquece também a profundidade do diálogo entre os cônjuges em que cada um é convidado a comentar sobre a escolha feita do outro. A última pergunta desta parte da entrevista é caracterizada pela abertura do futuro imaginativo. Sendo que este futuro não é só a abertura do casal ao que os espera mas é uma outra fonte para descrever a “realidade actual” do laço conjugal (Cigoli & Tamanza, 2009).

Da codificação da informação que a entrevista recolhe obtém-se três classificações em cada uma das três dimensões: Fecunda, Ambivalente e Degenerativa (Cigoli & Tamanza, 2009b), que ainda não foram validadas para a população portuguesa.

2.4 Procedimentos

Após a construção dos instrumentos e preparação materiais (consentimento informado, câmara de vídeo) iniciou-se os contactos com algumas clínicas de genecologia e obstetrícia da zona de Braga e Porto. Dada a dificuldade burocrática institucional exigida, procurou-se com a ajuda das orientadoras, pessoas do seu conhecimentos que poderiam enquadrar-se nos objectivos e critérios da investigação. Gradualmente, foi-se estabelecendo contactos com os potenciais casais em que se explicavam os objectivos do nosso estudo, os métodos utilizados na recolha dos dados e a marcação de uma data e hora e local para a realização das entrevistas.

Após os contactos realizou-se a entrevista piloto para testar a entrevista, as questões, o seu impacto. De facto, o casal partilhou que a entrevista tocava todas as dimensões do que estavam a viver nesta fase da gravidez. Após pequenos ajustes a entrevista ficou pronta para ser administrada aos participantes.

As oito entrevistas realizaram-se quase todas em casa do casal, com o objectivo de ser um local de conforto, que incitasse mais os conteúdos emocionais e que sendo acolhedor e calmo, ajudou a não sermos interrompidos. Apenas duas entrevistas foram realizadas fora da residência do casal, na sala de atendimentos do Centro Académico de Braga, tendo sido assegurado a tranquilidade, a não interrupção, a luz adequada.

As entrevistas iniciavam com a leitura e discussão do consentimento informado que já tinha sido partilhado nos contactos de selecção. Após a aprovação do consentimento, ligava-se a máquina de filmar (colocada num local que não incomodasse a livre partilha do casal).

Pedia-se ao casal antes de iniciar a entrevista que ficasse um pouco em silêncio, que “invocasse” algumas memórias ligados ao modo como estão a viver esta fase do ciclo vital, a importância dos acontecimentos passados, e o modo como sonham o futuro.

O objectivo era disporem-se para a reflexão e partilha. Com o decorrer da entrevista, tocava-se dimensões do passado do casal, desde o conhecimento do casal, à relação de namoro e casamento. Após o enfoque na historicidade do casal passava-se para o presente, e o modo como cada um vive o que está a acontecer, as mudanças dos papéis seja como casal, filho, pais, comunidade social.

Posteriormente, focaliza-se à experiência do pai nesta fase e o modo como se envolve nesta fase e como o casal procura “envolver-se”. De seguida incita-se a reflexão sobre a vivência e o papel das famílias de origem e a importância da transmissão. A entrevista termina com o casal a partilhar como se projecta no futuro, os seus desejos, onde procuram investir.

A entrevista terminava com a partilha de como o casal se sentiu na entrevista, como avaliam o que reflectiram, a sua importância, as questões que fizeram mais sentido, as que não entenderam tão bem.

Finalizávamos o encontro com o preenchimento do questionário socio-demográfico. Escolhemos preencher no fim para o casal não sentisse logo no início perguntas demasiado directas que pouco poderiam ajudar a criar o ambiente propício ao surgimento de conteúdos mais profundos. Desta forma, estes elementos mais demográficos faziam mais sentido no final e ajudavam ao fecho do encontro.

No que concerne aos dados obtidos através das entrevistas aos casais estes foram trabalhados pela análise de conteúdo. Ou seja, as entrevistas foram transcritas e submetidas a uma análise prévia, de modo a que sejam identificadas possíveis semelhanças entre dados e reconhecidos índices de saturação (Flick, 2002).

2.5 Análise dos dados

A análise dos dados na metodologia qualitativa, traduz-se no trabalhar todo o material que foi recolhido durante a pesquisa através da organização da informação, da identificação de padrões relevantes (Bogdan & Birklen 2006). Trata-se, portanto, na nossa investigação, de uma análise de conteúdo categorial (Bardin, 1977). Ou seja, após a codificação dos temas emergentes definem-se categorias reduzem os dados iniciais criando chaves de leitura do fenómeno (Coffey & Atkinson, 1996). No confronto com a teoria estudada com a prática vivenciada obtém-se as respostas às perguntas de investigação (Bogdan & Birklen 2006).

2.5.1 Análise de Conteúdo

A interpretação dos dados é o elemento principal de uma investigação qualitativa. Com o uso de entrevistas como processo de recolha de dados, a sua análise passa pelo uso de métodos de interpretação de texto, nomeadamente a análise de conteúdo (Johnson & Christensen, 2008).

A análise de conteúdo é um dos procedimentos recorrente na análise de material escrito (Flick, 2005) que nos permite compreender, partindo da realidade expressa dos discursos, o significado que os indivíduos atribuem aos fenómenos às realidades que vivem e observam (Almeida & Freire, 2003).

No que concerne ao “caminho” da análise de conteúdo, a análise dos dados segue um percurso circular (Flick, 2005), que inicia com a recolha dos dados, o seu armazenamento (as entrevistas são transcritas e lidas integralmente permitindo um primeiro contacto com os dados), criando uma espécie de “corpus” (Bardin, 1977; Coffey & Atkinson, 1996).

Posteriormente surge o processo de codificação (codificar é identificar características, é questionar os dados, e associá-los às determinadas intuições do investigador no confronto com a teoria). Através de uma leitura “flutuante” das entrevistas procurar-se-á codificar através de uma análise semântica, criando as unidades de registo e conseqüente enumeração.

Daí se desenvolvem os sistemas de categorias, a identificação de relações (temas, padrões, hierarquias, relações semânticas), a construção de diagramas, tabelas e a validação de resultados (Flick, 2005). Nesta fase definir-se-á categorias e construção dos indicadores, utilizar-se-á o teste de categorias para a génese de novas categorias, e culminará com a hierarquização categorial. Procurar-se-á que a categorização tenha em conta as características das boas categorias como a exaustividade, exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objectividade e fidelidade (Bardin, 1977).

2.6 Resultados

Pela metodologia escolhida para a análise dos dados, ou seja a análise de conteúdo categorial procuram-se criar categorias que nos permitam perceber as dimensões qualitativas do pai, casal e família aquando da transição para a parentalidade. A análise das entrevistas de casal foi interpretada a partir das regras específicas e natureza da análise de conteúdo (Bardin, 1977). Procurou-se, assim, que a categorização tivesse em conta as características das boas categorias como a exaustividade, exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objectividade e fidelidade (Bardin, 1977).

No nosso estudo, a análise de conteúdo remeteu-nos para três categorias de terceira ordem, dezanove de segunda e oitenta e nove de primeira ordem. Para efeitos de melhor visualização podemos ter acesso às categorias de segunda e terceira ordem na tabela abaixo destacada (ver tabela 1, categorização de 3ª e 2ª ordem).

	3ª Ordem	2ª Ordem
Paternidade e Geratividade na Transição para a Parentalidade	Paternidade na transição para a parentalidade	Crença social do papel secundário do pai
		Sentimentos do pai na gravidez
		Participação activa do pai na gravidez e apoio à esposa
		Desejos enquanto pai
		Imaginário do futuro com o filho
	Geratividade na transição para a parentalidade	Formação gradual do casal
		Vivências do casamento
		Vivências do casal na gravidez
		Vivências dos avós na gravidez
		Transmissão de valores
		Desejo de Educar
		Redefinição da identidade familiar
		Desejo de nutrir a relação conjugal
		Desejo de crescimento saudável do filho
		Desejos e receios de autonomia financeira
	Desejo de longevidade familiar e de terem mais filhos	
	Mudanças na Transição para a Parentalidade	Mudanças enquanto casal
		Mudanças enquanto filhos
		Mudanças enquanto comunidade social

Tabela 1 - Categorias de terceira e segunda ordem

Como categorias de terceira ordem surgiram: a Paternidade na transição para a parentalidade a Geratividade na transição para a parentalidade e as Mudanças na Transição para a Parentalidade.

A categoria da Paternidade na transição para a parentalidade subdivide-se em cinco categorias de segunda ordem, sendo elas a Crença social do papel secundário do pai, os Sentimentos do pai na gravidez, a Participação activa do pai na gravidez e apoio à esposa, os Desejos enquanto pai e o Imaginário do futuro com o filho.

Por sua vez, a categoria da Geratividade na transição para a parentalidade subdivide-se em onze categorias de segunda ordem: a Formação gradual do casal, as Vivências do casamento, as Vivências do casal na gravidez, as Vivências dos avós na gravidez, a Transmissão de valores, o Desejo de Educar, a Redefinição da identidade familiar, o Desejo de nutrir a relação conjugal, o Desejo de crescimento saudável do filho, os Desejos e receios de autonomia financeira, e o Desejo de longevidade familiar e de terem mais filhos.

Por fim a categoria das Mudanças na Transição para a Parentalidade divide-se em três categorias: as Mudanças enquanto casal, as Mudanças enquanto filhos e as Mudanças enquanto comunidade social.

As dezanove categorias de segunda ordem subdividem-se em oitenta e nove categorias de primeira ordem. Para uma melhor compreensão serão mencionadas as categorias de primeira ordem e expostas em tabelas que surgirão sucessivamente.

Quanto à paternidade na transição da parentalidade, esta categoria de terceira ordem subdivide-se em cinco categorias de segunda ordem e vinte e quatro de primeira ordem (ver tabela 2).

Paternidade na transição para a parentalidade	Categorias de 2ª Ordem	Categorias de 1ª Ordem
	Crença social do papel secundário do pai	Centralidade da mulher na gravidez
		Pai em segundo plano
		Gradual transformação positiva da sociedade na envolvimento do pai
		Necessidade de mudar mentalidades
	Sentimentos do pai na gravidez	Misto de sentimentos entre felicidade e preocupação
		Alegria contagiante
		Sentimento de responsabilidade
		Ansiedade pelo nascimento
	Participação activa do pai na gravidez e apoio à esposa	Presença ou ausência nas consultas pela disponibilidade laboral
		Interesse do pai por participar
		Importância da presença para criação de laços com o bebé e esposa

		Importância da presença do pai para a esposa
Desejos enquanto pai		Desejo desde cedo de ser pai
		Desejo de educar e transmitir valores
		Desejo de descobrir outro tipo de amor
		Desejo de estar à altura da responsabilidade
Imaginário do futuro com o filho		Algumas adaptações daquilo que já é
		Maior felicidade porque haverá a realidade do filho
		Desejo de brincadeiras com o filho
		Confiança de que será um pai exemplar
		Expectativa pelo futuro

Tabela 2 - Categorias de primeira ordem. Paternidade na transição para a parentalidade.

A Crença social do papel secundário do pai subdivide-se em cinco categorias de primeira ordem: a Centralidade da mulher na gravidez, o Pai em segundo plano, a Gradual transformação positiva da sociedade na envolvimento do pai e a Necessidade de mudar mentalidades.

A categoria dos Sentimentos do pai na gravidez subdivide-se em quatro categorias de primeira ordem: o Misto de sentimentos entre felicidade e preocupação, a Alegria contagiante, o Sentimento de responsabilidade e a Ansiedade pelo nascimento.

A categoria da Participação activa do pai na gravidez e apoio à esposa surgem as categorias de 1ª: a Presença ou ausência nas consultas pela disponibilidade laboral, o Interesse do pai por participar, a Importância da presença para criação de laços com o bebé e esposa e a Importância da presença do pai para a esposa.

Da categoria dos Desejos enquanto pai surgem as categorias: o Desejo desde cedo de ser pai, o desejo de educar e transmitir valores, o Desejo de descobrir outro tipo de amor, o Desejo de estar à altura da responsabilidade.

A categoria do Imaginário do futuro com o filho subdivide-se em: Algumas adaptações daquilo que já é, Maior felicidade porque haverá a realidade do filho, Desejo de brincadeiras com o filho, Confiança de que será um pai exemplar e Expectativa pelo futuro.

Da categoria de 3ª ordem, a Geratividade na transição para a parentalidade surgem 11 categorias de 2ª ordem e 58 categorias de 1ª ordem.

Uma vez que se trata de uma listagem demasiado extensa, para uma melhor compreensão ver abaixo tabela 3 onde se enumeram todas as categorias de 1ª ordem.

Geratividade na transição para a parentalidade	Categories de 2ª Ordem	Categories de 1ª Ordem
	Formação gradual do casal	Conhecimento do casal entre o grupo de amigos
		Muitos anos de namoro
		Relação de namoro fruto do desejo de passar mais tempo juntos e criação de amizade confidente
		Maior convivência levou à relação de namoro
		Dificuldades do namoro pelos impedimentos que atrasaram o desejo de casar mais cedo
		Namoro como acontecimento natural ao percurso de conhecimento mútuo
		Desejo de cuidar do cônjuge
	Vivências do casamento	Descoberta de um novo nível de intimidade
		Compatibilidade de personalidades
Importância do diálogo, objectivos, cuidado e responsabilidade		
Percepção de poucas descobertas em relação ao cônjuge após casamento		
Dificuldades no casamento		
Melhor acção realizada		
Poucas discussões		
Superação das expectativas		
Consciência das dificuldades e partilha		
Desejo de envelhecerem juntos		
Vivências do casal na gravidez	Notícia da gravidez inesperada	
	Incredulidade do casal	
	Felicidade da notícia marcada pelo desejo de contar a toda a gente	
	Misto de sentimentos de alegria e pânico	
	Dificuldade de imaginar o filho	
	Facilidade de imaginar o filho já nascido	
	Desejo de qualidades físicas e psicológicas	
	Centralidade da preocupação na saúde do bebé	
Vivências	Felicidade	
	Ansiedade pelo nascimento	

dos avós na gravidez	Avós demostram mais a alegria que os avós
	Apoio e preocupação pela gravidez e pelo casal
	Apoio ao casal material e emocionalmente
Transmissão de valores	Respeito, Justiça, Cuidado
	Amizade e Sinceridade
	Prioridade à família
	Transmitir valores cristãos
	Iniciar o filho na comunidade cristã
Desejo de Educar	Importância das fronteiras e limites na educação do filho
	Educar numa sociedade que não impõe limites aos filhos
	Desejo de acompanharem o filho
Redefinição da identidade familiar	Importância da não centralização do casal no amor parental
	Importância de introduzir o filho na história e vida geracional
	Importância da diferenciação do filho da família de origem
	Transmitir os valores recebidos pelos seus pais ao filho
	Desejo de mudar alguns aspectos que os pais não faziam bem
	Desejo de estarem mais ligados à família
	Importância para o casal receber o apoio dos pais
Desejo de nutrir a relação conjugal	Desejo de longevidade conjugal
	Olharem sempre na mesma direcção
	Desejo de serem um casal feliz
	Desejo de continuar a nutrir a relação conjugal
Desejo de crescimento saudável do filho	Desejo que seja autónomo
	Desejo que seja bom aluno
	Desejo que seja uma criança feliz
Desejos e receios de autonomia financeira	Maior segurança profissional e financeira
	Desejo de trocar de carro e casa
	Medo por não conseguirem atingir objectivos de casal
Desejo de longevidade familiar e de terem mais filhos	Desejo de longevidade familiar
	Desejo de terem mais filhos

Tabela 3 - Categorias de primeira ordem. Geratividade na transição para a parentalidade.

Por último, da categoria de 3ª ordem, as Mudanças na Transição para a Parentalidade, subdividida em 3 categorias de 2ª ordem, surgem 11 categorias de primeira ordem.

As categorias de 1ª ordem vão ao encontro de, Menos tempo entre o casal e rotinas diferentes, Mais responsabilidade, a Importância de nutrir as dimensões da relação conjugal, a Importância da união, intimidade e partilha, a Importância de saber educar bem o filho. O Sentimento de gratidão aos pais pelo cuidado recebido, o Reconhecimento das dificuldades dos pais na sua educação. Maior ligação do casal à sociedade, o Desejo de integrar bem o filho na sociedade, o Desejo de educar o filho na responsabilidade social e o Desejo do casal ser exemplo na sociedade (ver tabela 4).

Mudanças na transição para a parentalidade	Categorias de 2ª Ordem	Categorias de 1ª Ordem	
	Mudanças enquanto casal		Menos tempo entre o casal e rotinas diferentes
			Mais responsabilidade
			Importância de nutrir as dimensões da relação conjugal
			Importância da união, intimidade e partilha
			Importância de saber educar bem o filho
	Mudanças enquanto filhos		Sentimento de gratidão aos pais pelo cuidado recebido
			Reconhecimento das dificuldades dos pais na sua educação
	Mudanças enquanto comunidade social		Maior ligação do casal à sociedade
			Desejo de integrar bem o filho na sociedade
			Desejo de educar o filho na responsabilidade social
		Desejo do casal ser exemplo na sociedade	

Tabela 4 - Mudanças na transição para a parentalidade.

Uma vez que existe um extensa descrição das categorias surge a necessidade de se exporem, outros meios visuais mais dinâmicos de apresentação dos resultados. Os gráficos que se seguem procuram introduzir-nos dentro das categorias mais importantes do estudo. A partir delas podemos ter uma “linguagem comum” que nos permita entrar na complexidade da experiência humana na transição para a parentalidade (ver gráfico 1- dimensões centrais).



Gráfico 1 - Dimensões Centrais

2.7 Discussão

A análise de conteúdo permitiu fazer uma integração, ainda que vasta, muito concreta das dimensões que o casal e particularmente o pai vive aquando da espera do primeiro filho.

Pretende-se com a discussão ressaltar e aprofundar os aspectos mais pertinentes da análise de conteúdo, tentando ir respondendo às questões de investigação.

A categorização de terceira ordem procura focalizar no modo como o pai vive esta fase do ciclo de vida. E, sendo esta transição multidimensional e relacional, aprofunda, também, as qualidades simbólicas da geratividade e reflecte nas tarefas desenvolvimentais que esta fase “obriga” a realizar, enquanto casal, filhos e comunidade social.

Assim, falar de geratividade e paternidade na transição para a parentalidade implica uma complexidade de dimensões que se vão relacionando e caminhando par e passo. A temporalidade do fenómeno em questão assume um papel fulcral, na medida em que estamos a compreender uma transição onde se “joga” o passado, presente e futuro.

Com efeito, as categorias de terceira ordem referentes às dimensões da paternidade, geratividade e mudanças desenvolvimentais estão sempre imbuídas desta “dança” entre a história, o actual e a perspectivação futura. Ou seja, ser pai, implica falar no seu desejo de ser pai, a actualidade da paternidade e a projecção futura da paternidade. Ser um casal fecundo/gerativo implica ter uma história onde se preparou o desejo de serem pais, o presente da relação e os desejos e projecção futura

A dinâmica da relação conjugal na transição para a parentalidade encontra-se em grande mudança, ou seja, numa crise evolutiva (Norsa e Zavattini, 1997). Falar, então, em geratividade, significa perceber como o casal gera vida, não só biologicamente, mas, sobretudo como gera o sonho de serem pais, os significados que dão ao seu casamento, que transmissões desejam que ocorram, que tarefas desenvolvimentais irão ocorrer. Esta crise evidencia-se nas categorias do nosso estudo que discutiremos posteriormente.

2.7.1 Constructos chave: paternidade e geratividade

A discussão incidirá nos constructos essenciais do nosso estudo aprofundando os elementos de novidade da paternidade e geratividade na transição para a parentalidade.

2.7.1.1 Paternidade

O enfoque deste estudo fenomenológico pretende aprofundar as dimensões qualitativas do papel do pai na gravidez. Como tal, as dimensões envolvidas na paternidade vão ao encontro do modo como o pai se envolve, numa sociedade, que mesmo em gradual mudança, ainda dá primazia ao papel da mulher na gravidez. Para a maioria dos casais a crença social assume o pai como tendo um papel secundário, enquanto a centralidade recai sobre a mulher e o bebé.

Neste contexto, os resultados do nosso estudo parecem introduzir elementos de novidade na compreensão do papel do pai na gravidez. Falar, então, em ser pai, implica ressaltar os seus sonhos, os seus sentimentos, os seus desejos, as suas expectativas e as mudanças que daí advirão.

Deste modo, no nosso estudo, a construção da paternidade parece começar bem antes da gravidez, através do sonho precoce de ser pai (“era um objectivo desde sempre ter os meus próprios filhos, ter essa responsabilidade de tentar passar o melhor de mim para eles” E3). Parece ser unânime que o desejo de ter um filho é anterior à gravidez. De facto, alguns pais partilhavam que sentiam esse desejo desde a adolescência quando cuidavam dos irmãos mais

novos ou aquando do nascimento dos sobrinhos. Alguns participantes falavam do desejo de ser pai como algo “obrigatório” independentemente de quando seria. Desta forma, fez-nos reflectir sobre que dimensões estavam associadas a este desejo. Os pais que partilhavam este desejo obrigatório tinham pais que viviam ansiosos a chegada do primeiro neto. Isso fez-nos pensar que este desejo ansioso de ser avós criava uma espécie de “pressão” sobretudo no homem em “dar” um filho aos pais (“querem um neto homem, filho do seu filho homem” E2).

De realçar que o desejo de paternidade dos futuros pais vem quase sempre acompanhado pelo desejo de transmitir (“quero transmitir o melhor de mim”, “tenho de ter alguma coisa para contar aos netos”, “ quero ter uma criança, vê-la começar a andar, começar a falar, algo meu, um amor incondicional, algo diferente”, “tentar educar e que sejam pessoas de bem”). Assim, estes desejos parecem tocar em várias dimensões do homem, não só na demonstração das suas capacidades sexuais, mas também a continuação da linhagem e o desejo de transmitir valores ao filho, dentro de uma relação conjugal e familiar pré-existente (Scabini, 1989; Cigoli, 2000).

Estes desejos deixam transparecer, por outro lado, as inseguranças e os medos do pai que não são fáceis de gerir. Desejam saber educar e transmitir valores, ao mesmo tempo que têm receio de não estar à altura da responsabilidade. Querem ajudar a esposa, mas por vezes sentem-se impotentes sem saber o que fazer. Querem descobrir outro tipo de amor desejando serem exemplo para o filho.

Estes sentimentos contraditórios do pai na gravidez vêm confirmar os dados da literatura de referência, no que diz respeito ao misto de sentimentos entre felicidade e preocupação (“Sou feliz e preocupado, atento” E3). Andolfi (2001) reforça a presença na gravidez de sentimentos de ambivalência no homem, alegria pelo nascimento do filho e medo porque comportará responsabilidade e cuidado.

Esta ambivalência de sentimentos encontra-se presente durante toda a gravidez em que o pai vai experimentando muitos sentimentos que vão desde a alegria, felicidade, sentimento de estar completo à insegurança, receio, preocupação pelo futuro. Desde a alegria contagiante, a um sentimento de responsabilidade que o assusta e ao mesmo tempo fá-lo sentir-se “dentro” desta fase.

Parece, então que, quando o pai consegue integrar estes sentimentos de se sentir “dentro” e “fora”, ou seja, quando integra o significado do filho na nova posição de pai, quando “o aceita” e o confirma como filho, quando o imagina, quando procura uma relação com ele, o pai fica à “espera”, a sua mente fica “grávida” de pensamentos e emoções aos quais é difícil dar sentido e entra em jogo o próprio conceito de *self*. O nascimento do filho

confirma ao homem a sua paternidade, uma vez que é o filho que dá ao pai o seu estatuto de pai (Andolfi, 2001).

De facto, a dimensão do imaginário do filho no ventre materno, constituía ainda uma dificuldade, para alguns pais, porque ainda não existia a “realidade” do filho. Frisam, então, o aumento da felicidade quando o filho nascer porque haverá a realidade e poderão estabelecer uma relação mais explícita (“passar do ver as coisas a senti-las, é diferente, fica mais consciente do que é a realidade” E3). Nesta “busca” vivem a ansiedade pelo nascimento (“é um pai ansioso, ansioso que chegue a hora” E1).

Este desejo de “materialidade” do filho traz consigo a projecção futura aquando do seu nascimento. Imaginam, também como será o futuro, as adaptações que terão de ocorrer, desenvolvendo-se expectativas daquilo que os espera.

É neste contexto que o pai tenta perceber como pode fazer-se participativo na gravidez. Procura envolver-se, muitas vezes pela cooperação em tarefas muito práticas, sobretudo no que concerne ao apoio à esposa. De facto, a sua presença traduz-se em segurança à futura mãe (“É, o papel activo do pai na gravidez para nós futuras mães, é muito bom, porque não precisamos de decidir tudo sozinhas” E2).

A nível prático, no que diz respeito à participação paterna, o casal e não apenas o pai ressalvam, por um lado o desejo e interesse do homem em fazer-se participativo, e por outro a sua importância para a esposa. A presença nas consultas, nas ecografias, na compra da roupa e demais logística, ajuda a preparar-se para ser pai.

Os futuros pais reconhecem a sua posição de suporte à esposa e desejam procurar formas de se envolverem e serem pais, sem querer nem substituir a mãe ou competir com ela. De facto, os dados parecem confirmar que um dos estilos de interacção do pai com a criança pequena baseia-se sobre actividade assistencial, em particular, a lúdica, experimentando um novo modo “seu” de assistir o próprio filho, não imitativo nem competitivo com o da esposa (Andolfi, 2001).

Essa dimensão lúdica concretiza-se nos desejos que o homem já tem na gravidez (“o pai nas brincadeiras mais activas e a mãe em brincadeiras mais paradas...Logo ali já vai haver um equilíbrio” E3).

De realçar, a dimensão da comunicação e partilha no seio do casal sobre todas estas questões ligadas às vivências do pai na gravidez. Desta forma não parece fazer sentido falar só na participação do pai, uma vez que é algo que se vive em casal e as entrevistas fazem questão de o frisar (“nós temos feito, tudo, tudo, tudo, juntos, e não porque lhe digo, tu deves fazer, mas porque ele sempre mostrou essa vontade” E2).

Assim, falar de envolvimento paterno, significa também e sobretudo, perceber como vive o casal esta passagem. As entrevistas ressaltam as diferentes dimensões da geratividade que vão muito além do desejo de biologicamente ter um filho.

2.7.1.2 Geratividade

No que concerne à geratividade, os casais, na sua maioria, ressaltam todas as dimensões do ser gerativos/fecundos apesar de algumas ambivalências, inseguranças e medos. Como podemos perceber pelas categorias que daí surgiram, estas remetem-nos para um caminho desde o conhecimento do casal, o que os fez criar um laço, as vivências do namoro como projecção para o casamento, o significado deste, o modo como sonharam ou não a gravidez. Percebemos, também, as vivências associadas à notícia e ao processo, as dinâmicas relacionais que daí advieram.

Esta fase encontra-se ligada, igualmente, às vivências dos futuros avós, uma vez que também eles vivem esta transição e não apenas o casal. Este enfoque dos casais na importância da família alargada vem expressa na dimensão do desejo de transmissão de valores, grande parte deles recebidos pelos seus pais, o desejo de redefinir a identidade familiar com o nascimento de uma nova geração na história familiar.

As dimensões da geratividade continuam com a importância para os casais em educar bem o seu filho como força motriz para o seu crescimento saudável. Partilham com grande veemência os desejos e receios do futuro enquanto profissionais, a dimensão da insegurança financeira associado aos desejos de qualidade de vida. Algo que todos os casais ressaltam é o desejo de continuarem a nutrir a relação conjugal, o desejo de longevidade familiar e o desejo de terem mais filhos.

2.7.2 Tentativa de resposta às questões de investigação

Apesar da análise de conteúdo ter sido bastante descritiva, vamos circunscrever-nos à tentativa de resposta às questões de investigação.

2.7.2.1 Como é que o casal constrói o desejo de parentalidade?

Embora a pergunta remeta para o desejo de parentalidade, poderíamos erradamente falar do momento explícito de que tal evento ocorreu. Contudo, falar de desejo de serem pais remete o casal para a gradualidade das etapas que suportaram e fundaram esse desejo e que fizeram com que primeiramente se tornassem adultos.

A transição para a idade adulta obriga o casal a uma exigente redefinição de papéis da infância e dos modelos de interacção observados com e entre os pais e ao nível do casal, a reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a preparação do sonho de serem pais (Cigoli & Scabini, 2006).

Este desejo de parentalidade vem acompanhado pela importância das etapas e do planeamento familiar, sendo o filho um objectivo comum do casal (“... o objectivo é comum...”E1). O filho é também sonhado como pertencente a um modelo de família que pretendem continuar.

Ou seja, os casais entrevistados parecem sentir-se preparados para serem pais após um processo gradual de conhecimento que levou à formação do laço e identidade conjugal e à importância da transmissão da história familiar pelo nascimento do filho (Cigoli & Scabini, 2006).

A formação do casal é algo dinâmico e vai-se “reformando” e redefinindo, não sendo uma etapa estanque mas antes um processo (Scabini & Iafrate, 2003).

De facto, os casais do nosso estudo contradizem a habitual imagem associada à sociedade contemporânea onde se dá um enfoque apenas na dimensão individualista e puramente afectiva, onde o casal se conhece e se relaciona quase espontaneamente (Cigoli & Scabini, 2006).

Esta imagem romântica da sociedade actual vem contraposta com a necessidade dos casais de se conhecerem bem, fruto das suas relações de pares onde os primeiros encontros se dão entre o grupo de amigos (“conhecemo-nos num bar, fomos apresentados e ficamos amigos”- E3).

Apesar de muitas análises psicossociológicas irem ao encontro de uma sobrevalorização do pólo afectivo em detrimento do pólo ético na construção da formação do casal, ou seja, os casais viverem na base do sentimento descurando o compromisso não só entre eles, mas com as famílias de origem e sociedade, isso não se comprova na nossa investigação.

A maioria dos casais partilha a importância da reciprocidade dos dois pólos e a necessidade de se irem descobrindo aos poucos e irem-se preparando para o casamento (“Foi, muitos anos de namoro” E5).

Com efeito, a naturalidade do namoro parece continuar aquando da transição para o casamento (“tínhamos um plano, os mesmos objectivos, se calhar o futuro tínhamos sonhos, tínhamos muita coisa que... em comum...” E2).

Os casais parecem fazer uma associação quase directa entre o casamento e a festa, denotando a importância que a presença da família e amigos tiveram neste compromisso “público”. Assim, uma vez mais, a nossa investigação parece contrariar a primazia do pólo afectivo.

Outrora, o casamento constituía, normalmente, um contrato entre duas famílias, hoje, este é basicamente uma questão de auto-realização emocional. As famílias baseadas nos laços de sangue e portanto numa familiaridade compartilhada foram substituídas pelas famílias baseadas no laço sentimental/afectivo que é originado no casal e pelo casal que forma o casal. Assim, as famílias de origem são relegadas para planos secundários, que apesar de manterem a sua importância, não desempenham um papel tão visível na formação do novo casal (Cigoli & Scabini, 2006).

Quando um casal casa, exige um conjunto específico de mudanças que geram “vida relacional” e que faz com que a relação conjugal se torne fecunda como a necessidade de “primeiro sair de casa dos pais e depois começar a pensar em nós” (E1).

Contudo, na nossa análise, esta questão não é unânime, uma vez que dois casais partilharam a dificuldade da saída de casa dos pais para casar (“A ela custou-lhe mais mudar de casa” E6). Por vezes, os jovens adultos vêem as suas famílias de origem como locais de segurança e de confiança, dentro de um contexto mais vasto de relações de casal e relações sociais que podem ser problemáticas e ansiogénicas. Por sua vez, os pais vêem nisto uma oportunidade de expressar a sua auto-realização, apesar do seu sentimento de insegurança enquanto casal, impedindo-os de experimentar a angústia do “ninho vazio”. Isto poderá criar dificuldade ao jovem casal diferenciar-se da família de origem sem se fundir nem cortar com ela. Isto poderá também levar a uma falsa vivência de emancipação do casal, em o casamento poderá ser apenas um “satélite” da “casa” dos pais (Cigoli & Scabini, 2006).

Na análise das entrevistas os casais parecem estar conscientes dessa redefinição necessária, mencionando os aspectos centrais das mudanças necessárias frisadas na literatura no que concerne à diferenciação.

Os casais conscientes desta importante tarefa de diferenciação sonham a parentalidade como uma transmissão dessa mesma autonomia e diferenciação emocional do filho. Com efeito, os casais pretendem que o filho se diferencie e que cresça com autonomia e individualidade assim como sentem a importância de integrá-lo na história de vida familiar.

Uma vez mais as fotografias ajudaram a despoletar os desejos nesse sentido (“resume-se nesta fotografia, a filha nunca há-de deixar de ser e será amor incondicional, faremos tudo e mais alguma coisa por ela, mas há uma história há gerações há muitas coisas que também

temos a fazer” E4). Com efeito, o casal pretende que o filho se diferencie e que cresça com autonomia e individualidade.

2.7.2.2 Que vivências acontecem na família durante a gravidez?

As vivências da gravidez são, de facto, uma das categorias mais preponderantes da geratividade na transição para a parentalidade, uma vez que trazem consigo uma riqueza afectiva e projectiva dos sentimentos e crenças do casal. Os sentimentos associados à notícia da gravidez vêm acompanhados por um misto de sentimentos que vão desde a incredulidade à alegria contagiante. Este “choque” inicial traduz-se na simultaneidade da alegria e medo (“muita alegria mas ao mesmo tempo muito medo” E3). De facto, teste de gravidez é a “primeira prova de realidade” do filho, e isso afecta o casal na medida em que se processa de uma forma “materializada” a passagem à parentalidade (Draper, 2002).

Porém, quando os casais, realmente, sentem confirmada a gravidez são “invadidos” por uma alegria enorme, surgindo, por um lado, o desejo de comemorar, mas por outro lado, continua o misto de sentimentos de preocupação e felicidade.

Após a confirmação o casal fica preocupado pela saúde do bebé, da possibilidade ou não de ter uma deficiência, e o medo de um aborto espontâneo. Isto é, a alegria vem sempre acompanhada pelo receio de que algo possa correr mal (“E pronto há sempre aquele medo, aquela angústia, receio” E3).

Estes sentimentos assumem um carácter de reflexão sobre que significados poderão ter na reconstrução da identidade conjugal. Ou seja, consideramos que este misto de sentimentos poderá vir associado à crise conjugal que esta transição ocasiona, na medida em que a confirmação da gravidez se assume como o “início da realidade” do filho. Assim, despoleta no casal um conjunto de ressonâncias que tocam no sentimento de se sentirem ou não preparados para serem pais.

Para além dos sentimentos, o casal reflecte sobre o imaginário do filho. Verifica-se, por um lado, a incapacidade de imaginarem o filho quer física quer psicologicamente (“Agora não sei se terá olhos azuis, não tenho uma ideia definida... psicologicamente também não”), por outro, por um conjunto de desejos de qualidades do filho.

Nesta possível dicotomia entre incapacidade de imaginação e desejo de qualidades do filho “joga-se” a centralidade da preocupação na saúde do bebé. De facto, quase todos os pais sentem que a gravidez está toda ela marcada por esta constante preocupação (“Agora é mais de ser perfeito ou não... e ter saúde, que nasça com saúde” E2). Isto é, o casal parece estar a

integrar a chegada do filho através de algo mais “visível” que é a sua saúde, ou seja, sabem o que têm de fazer mas ainda procuram dar sentido ao que sentem e imaginam.

Ainda em relação à dificuldade dos pais em imaginar o filho no ventre materno, os casais têm mais facilidade em imaginar o filho após o nascimento, uma vez que é uma prova mais explícita da realidade do filho. Porém, uma forma de procurarem imaginá-lo, tocam na barriga e dialogam com o bebé.

A este tipo de representações/imaginário enquadram-se naquilo que Ammaniti, Tambelli e Odorisio (2006) chamam de representações integradas, uma vez que os seus pais conseguem estabelecer uma relação com o feto durante a gravidez, dando a seu filho um rosto, uma personagem, e tratando-o pelo nome (“o meu filho já tem nome” E2).

Nesta fase não só o casal vive a gravidez e seus sentimentos e desejos futuros, mas também os avós. No que concerne às vivências dos avós na gravidez os dados parecem ser bem claros quanto aos seus sentimentos, no que diz respeito à alegria, ao apoio, à preocupação e à ansiedade pelo nascimento.

De facto, a alegria e contentamento parecem ser os sentimentos mais comuns nos avós (“Andam todos contentes” E8). Esta alegria vem acompanhada pelo desejo de apoiarem em tudo aquilo que o casal precisa tanto material como emocionalmente (“já nos ofereceram bastantes coisas, tanto um como outro, tanto o casal, e em termo de, é assim, estão sempre a perguntar se está tudo bem” E2).

A preocupação dos futuros avós parece ser um dos pontos essenciais desta fase, tendo um forte impacto no casal sentir esta preocupação (“estava sempre a dizer que ela tinha de ir descansar, é bom sentir a preocupação deles” E4).

Nesta fase, o casal partilha que as avós vivem duma forma mais manifesta a alegria da gravidez pelo que os avós vivem de uma forma mais reservada (“já não demonstra tanto, já não é pessoa de demonstrar tanto o afecto, o carinho mas também” E3). Apesar de não ter surgido como uma das categorias mais fortes, não pode ser descurado o desejo para os avós terem um neto do sexo masculino (“o neto do filho dele, que nunca teve” E2). Em relação a esta diferença significativa nas vivências do avô e da avó levantam-se algumas questões para aprofundamento futuro que posteriormente serão apresentadas.

Consideramos que parece haver transmissão intergeracional do cuidado e apoio, uma vez que as vivências dos avós repercutem-se na geração dos filhos. Apesar de terem papéis diferentes, futuros avós e futuros pais, vivem esta transição de formas muito semelhantes no que concerne aos sentimentos de alegria, preocupação, apoio e cuidado. Assim, as vivências da gravidez não estão apenas circunscritas ao casal mas também à família alargada.

2.7.2.3 Que e como transmitem?

Esta dimensão intergeracional da gravidez trespassa as vivências das diferentes gerações e funda-se nas transmissões que pretendem “lançar” sobre a nova geração que vai nascer. Por outras palavras, a geratividade na transição para a parentalidade ganha visibilidade no desejo de transmissão de valores, educação, diferenciação e introdução na história da família.

A nível de valores o respeito, a justiça, o cuidado, a amizade, a sinceridade parecem assumir o maior peso na transmissão ao filho (“O respeito por todos sempre, a amizade, a sinceridade” E7). Este desejo vai ao encontro do construto de parentalidade como transmissão de vida que trespassa a biologia, e vai ao encontro dos valores, da transmissão das origens, a construção de algo novo numa origem já existente (Scabini & Cigoli, 2000).

De frisar que quase todos os casais consideram como sendo importante transmitir valores religiosos ao filho e concretizá-los com a iniciação do filho na comunidade cristã à qual eles pertencem (“Em termos de valores, é assim, nós somos os dois católicos, queremos iniciá-lo na vida cristã, iniciá-lo” E6).

Nesta transmissão, o casal deseja saber acompanhar o filho e educá-lo numa sociedade que consideram que não impõe limites aos filhos (“é o resultado daquilo que os pais não tiveram enquanto crianças...querem dar tudo aos filhos” E5).

Desta forma pretendem criar fronteiras e limites na educação do filho (“Depois aquelas regras sociais... Fazê-lo cumprir logo desde pequenino” (E8). Em seguimento disso pretendem dar a conhecer ao filho as dificuldades da vida (“O dinheiro custa a ganhar, muitas coisas que eu gostava de impor”).

Assim, para que os futuros pais sejam gerativos devem viver a assunção da parentalidade como uma oportunidade para transmitir valores e sabedoria para as gerações seguintes à sua, numa relação baseada nas fronteiras claras e flexíveis, na confiança e no diálogo (McAdams, 2006).

Por outro lado, o casal pretende introduzir o filho na história e vida geracional, não cortando com a geração anterior nem se fundir com ela. Este desejo dos casais parece ir ao encontro da teoria em que no processo de diferenciação espera-se que o casal seja capaz de o fazer sem que repita os padrões e sem romperem com as suas origens, de forma a garantir uma “*continuità innovativa*” (Scabini & Cigoli, 2000).

Neste sentido, os casais pretendem transmitir os valores recebidos pelos seus pais ao filho como base para que tudo corra bem (“querer transmitir aos filhos o que receberam dos pais” E6). Contudo, pretendem mudar alguns aspectos que o casal considera menos positivos na sua história (“muita coisa nos pensamos os nossos pais faziam o que faziam e nós vamos mudar porque queremos fazer melhor” E4). Sobretudo em questões ligadas à autoridade (“Quero que ela me guarde respeito mas que não tenha medo de mim” E5).

Os futuros pais desejam que o seu filho dê prioridade à família (“dê atenção à família e que nunca se esqueça lá na pirâmide de valores dele de pôr a família”E3). Quando os casais se referiam ao desejo de que os filhos os considerassem como prioridade denotavam uma preocupação e receio para que tal não acontecesse. Ou seja, pareceu-nos que este desejo estaria disfarçado por um medo de abandono ou uma projecção da sua própria relação com as famílias de origem.

A dimensão da transmissão intergeracional assume, assim, um carácter de grande profundidade que deverá ser explorado em investigações futuras como veremos mais adiante.

Por fim, no sentido mais biológico da geratividade, é unânime o desejo de terem mais filhos (“ter mais filhos...com os que vierem” E7). De facto, a dimensão biológica da geratividade tem também ela um peso muito forte no processo de transmissão da vida, uma vez que corporiza e torna real o filho imaginado, desejado ou receado pelo casal (Scabini & Cigoli, 2000).

2.7.2.4 Quais são mudanças desenvolvimentais na transição para a parentalidade?

A transição para a parentalidade, implica, para além das dimensões de geratividade, como as vivências, os desejos, os medos, as transmissões, a qualidade das relações, implica também, as questões mais “práticas” que a transição exige. Desta “dança” entre dimensões “(re)construção interna familiar” e tarefas desenvolvimentais, constrói-se a “passagem” à parentalidade.

Assim, quando um casal deseja ter um filho, isso implica um conjunto de tarefas e mudanças que trespassam apenas a componente individual, mas também, em mudanças nos papéis enquanto casal, pais, filhos e comunidade social.

Impõe, por um lado, a nível individual, a revisão dos papéis da infância e dos modelos de interacção observados com e entre os pais, e, por outro lado, ao nível do casal, a

reorganização das modalidades anteriores de relacionamento e a preparação para a tarefa conjunta de cuidar do bebê (Cigoli & Scabini, 2006; Figueiredo, 2004).

Estas tarefas têm por base a reciprocidade da (co)presença das dimensões afectivas e éticas (Cigoli & Sabini, 2006). Ou seja, a transição faz-se na relação dinâmica entre os desejos e os deveres que o casal, nos seus diversos papéis deverá “renegociar”, a fim de que a passagem seja amadurecida e crie identidade.

Apesar das mudanças surgirem discriminadas pelos diversos papéis, elas acontecem gradualmente num ritmo muito próprio, uma vez que nesta fase da gestação os casais ainda procuram redefinir-se na sua nova identidade.

Nas mudanças enquanto homem e mulher não conseguimos estabelecer índices de saturação teórica necessária para categorizar, uma vez que os casais ou não respondiam directamente a esta questão, ou partilhavam o desconhecimento das mudanças pela novidade da experiência (“o que me vai acontecer enquanto mulher não sei, é uma realidade totalmente nova”).

Ainda assim, algo que parece ser uma mudança e ao mesmo tempo uma preocupação enquanto homem e mulher, é o aumento de responsabilidade, o maior crescimento em maturidade e a importância de educar e transmitir valores (“uma pessoa quando é pai há certas coisas que deixam de ser prioritárias ou ser o centro da nossa atenção às vezes como o trabalho” E4).

Assim, a transição para a parentalidade parece constituir-se como um “teste” à autonomia e maturidade de cada um. Os casais parecem partilhar o impacto do filho na sua vida prática, pela dificuldade de ainda estarem a perceber a influência que este terá em si mesmos.

A transmissão geracional da parentalidade está, também, dependente do processo de diferenciação, uma versão familiar do processo de desenvolvimento da personalidade chamado individuação (Scabini & Cigoli, 2000).

No que concerne às mudanças enquanto casal, os dados são bastante consistentes quanto às tarefas que esta fase exige, frisando, por um lado, os aspectos concretos que mudarão no quotidiano do casal, e por outro as mudanças que desejam que ocorram. Ou seja, a redefinição da identidade de casal surge como a maior tarefa desta fase.

Os casais parecem ter, ainda, alguma dificuldade em diferenciar as mudanças enquanto casal das que ocorrerão enquanto pais. Realçam a importância de enquanto casal serem bons educadores sem antes falarem das mudanças que acontecerão a nível conjugal.

Desta forma, o casal parece ter mais facilidade em projectar as futuras mudanças enquanto pais, e maior dificuldade em imaginar as mudanças na identidade de casal.

Contudo, o casal facilmente imagina e menciona as mudanças “práticas” que ocorrerão enquanto casal. Consideram que terão mais responsabilidade enquanto casal (“mais exigência para nós não é, mais responsabilidade, é natural” E1). Esta responsabilidade acrescida virá acompanhada de menos tempo entre o casal e rotinas diferentes, dormindo menos (“provavelmente vamos dormir menos” E5), menos tempo para actividades de lazer (“Acho que são as nossas rotinas vão mudar, não é? O facto de termos tempo para nos sentarmos no sofá a ver um filme do princípio ao fim” E6), e isso fará com que haverá menos tempo entre o casal dada a centralidade dos cuidados iniciais do bebé (“vamos ter alguma coisa que vai atrair a nossa atenção para o bebé, e não tanto um para o outro” E2).

Perante esta naturalidade das mudanças práticas que o casal considera que ocorrerão, partilham alguns desejos que serão factores protectores nesta passagem à parentalidade, como a importância da união, a intimidade e partilha e a importância conjunta de saberem educar bem o filho. Para além disso, ressaltam a importância de continuarem a nutrir a relação conjugal. É unânime para os casais investirem no laço conjugal mesmo após o nascimento (“temos de conciliar e ter tempo também para nós senão a relação fica esgotada” E3).

Em relação às mudanças enquanto pais, o casal parece já ter interiorizado os papéis que naturalmente se desenvolverão, conseguindo perspectivar as mudanças, sobretudo de cariz ético. Frisam a importância de darem um nome ao filho, transmitirem valores, acompanhar o seu crescimento.

Para termos acesso às dimensões mais afectivas das mudanças enquanto pais, precisamos de recorrer à interpretação das fotografias da entrevista, onde ressaltam o “calor”, a “afectividade” e “cuidado” que o casal parental necessita de partilhar com o filho. Desta forma, da análise da componente gráfica da entrevista, confirma-se a teoria de que o casal enquanto pais, afectivamente, deverá criar e desenvolver o laço com o filho, dar espaço, calor e confiança à nova geração. Iniciar um processo de diferenciação que conduza a reconhecer o filho como um outro diferente de si (Cigoli & Scabini, 2006).

Achamos que o facto de se imaginarem facilmente como pais vem associado a uma boa experiência enquanto filhos. Isto porque enquanto filhos, o casal toca duas dimensões essenciais sobretudo ligado ao reconhecimento das suas raízes (“vamos reconhecer mais ainda a vida dos nossos pais e que não é fácil” E3) e agradecimento pelo cuidado recebido (“eu vou dar muito mais valor aquilo que os meus pais me fizeram depois de ser mãe” E2).

Apesar dos casais não desenvolverem muito a relação intergeracional e o modo como os avós serão avós e o modo como os avós legitimarão o casal enquanto pais, pelo contexto de cada entrevista, parece existir o desejo do casal em interagir e aproximar-se da geração dos avós. Eticamente o casal deverá pedir para ser legitimado como pais capazes e legitimar os próprios pais na sua nova função de avós de qualidade, em que o neto representa o continuador e novo protagonista da história (Cigoli & Scabini, 2006).

No que concerne à abertura do casal ao mundo, ou seja as mudanças enquanto membros de uma comunidade social, grande parte dos casais já sentem maior ligação à sociedade, à qual pretendem potenciar e tornarem-se exemplos (“sinto-me mais activo, agora que vou ser pai tenho que contribuir de uma forma diferente para a sociedade a partir do momento que vou educar uma criança, sinto-me mais responsável, mais activo” E4).

Desejam, também integrar o filho e educá-lo na conciliação entre afecto e responsabilidade social (“... a questão dos limites... gostamos muito dele mas tem de saber comportar-se” E1). Desta forma, desejam a combinação entre o espaço para a família e o espaço para o social (Cigoli & Scabini, 2006).

Conclusão

A investigação qualitativa ressaltou um conjunto de dimensões de novidade na compreensão do fenómeno da transição para a parentalidade. De facto, chegou-se a conclusões que abrem caminho a aprofundamento em investigações futuras.

A nível macro, falar de paternidade e geratividade na transição para a parentalidade é entrar, por um lado, na profundidade da identidade em mudança do pai, da mãe, do casal e dos avós e, por outro lado, é perceber as diferentes dinâmicas relacionais familiares que emergem nesta fase, através das vivências, das transmissões e das relações.

O nosso estudo permitiu reflectir, também, sobre o lugar da sociedade contemporânea no que concerne à parentalidade. Apesar de os casais perceberem a preponderância do individualismo na actual sociedade, pretendem “introduzir” o filho numa família alargada e com história.

No enfoque paterno, a imagem social, apesar de estar em gradual mudança, ainda dá a primazia à mulher grávida. Contudo, os casais do nosso estudo refutam essa imagem, desejando uma mudança de mentalidades que criem integração do pai neste aparente “evento médico e feminino”.

Os casais desconstroem, também, a imagem romântica veiculada pela sociedade no que concerne ao encontro com o outro, ressaltando as dimensões do conhecimento, o modo como se foram tornando íntimos e a importância dos ritos como prova de realidade da relação. Assim, falar de parentalidade implica falar de projecto de vida.

Os casais reforçam a importância da gradualidade das etapas na formação do casal adulto. Ou seja, ser-se pais, parte de uma experiência séria e natural de passagem pelo namoro, casamento e gravidez.

No que diz respeito ao pai em concreto, esta gradualidade de etapas corresponde ao modo como ele vai conseguindo perceber-se dentro do que está a acontecer. De acordo com esta gradualidade, primeiramente, o homem tem um desejo precoce de ser pai que é anterior à gravidez. Posteriormente, a efectivação da gravidez despoleta no futuro pai sentimentos contraditórios aos quais sente dificuldade em dar sentido. Por um lado, sente uma alegria contagiante, e ao mesmo tempo tem medo de não estar à altura da responsabilidade.

Mesmo assim, esta ambivalência não bloqueia os pais do nosso estudo quanto à participação, ao interesse e ao apoio emocional à esposa. Quando o pai dá este passo de integração das vivências, começa a projectar o futuro com o filho e a esposa. É também necessário aceitarem a posição um do outro, não tornar isso um problema, recorrendo a

actividades protectoras de cuidado, sustento, sentir-se como importante nesta fase (Cigoli, 1977).

Ainda em relação ao casal, um dos aspectos preponderantes no nosso estudo centra-se na importância do cuidar. Esta importância relaciona-se tanto com o pólo afectivo e polo ético, criando confiança, compromisso e lealdade no futuro casal e família (Cigoli & Scabini, 2006). De facto, as categorias frisam recorrentemente esta reciprocidade entre a dimensão afectiva e ética, o que faz com que reforce a nossa consideração de que os casais do nosso estudo são gerativos e fecundos (Cigoli, 2006). Fecundos na medida em que existe, em quase todos os casais, a união de duas histórias de vida que estão enraizadas numa origem fecunda, que se desenvolveram num pacto de casal e uma parentalidade à sua volta fecunda, com a passagem de valores gerativos e que lhes permite aventurar-se na relação com confiança (Cigoli, 2006).

Apesar desta “vantagem benéfica inicial” isso não significa que a relação conjugal está isenta de dificuldades e desafios. De facto, percebe-se que a transição para a parentalidade implica uma crise que obriga os casais a redefinirem-se. Esta crise evolutiva torna-se muito presente aquando da reflexão sobre as mudanças desenvolvimentais do casal enquanto pessoa, casal, pais, filhos e comunidade social.

De uma forma geral, os casais sentem alguma dificuldade em perceber-se em cada papel, confirmando que a reconstrução da identidade é algo que se vai desenvolvendo progressivamente (Norsa e Zavattini, 1997).

No que concerne ao enfoque paterno, a crise do pai também vem acompanhada por uma reestruturação da sua identidade enquanto homem, cônjuge, filho e membro de uma comunidade. O pai procura dar sentido aos seus sentimentos, à tentativa de se sentir capaz da responsabilidade para a qual a nova posição o “obriga”. Procura dar sentido à sua forma de poder ajudar e envolver-se na gravidez e apoio à esposa.

Badolato (1993) referia que o homem, nesta fase crítica, tem de desenvolver a sua dimensão feminina para sentir-se próximo da mulher, protegendo-a, até quase a contendo, como ela contém o feto dentro de si.

A nível interno, o pai procura imaginar as mudanças que surgirão, o papel que terá de assumir na educação e transmissão de valores ao filho. Ou seja, poucos os pais falaram o seu mundo interno, do modo como estão a viver esta fase e remetem já para o futuro e aquilo que irá acontecer. Isso poderá ter dependido do período em que as entrevistas foram realizadas. De facto, no último trimestre da gravidez o pai já se sente mais integrado nesta fase, fruto de uma experiência progressiva de sete meses de descobertas e integrações. May (1982) refere

que no último trimestre o pai já consegue integrar a paternidade e sentir-se mais envolvido projectando o futuro.

Porém, esta crise não se limita ao casal e ao pai mas estende-se às demais gerações envolvidas. Também os futuros avós participam desta redefinição identitária, exprimindo as suas vivências pelo neto que se “aproxima”. Vivem preocupados pela saúde da mãe e pelo casal, procuram apoiar o jovem casal material e emocionalmente, vivendo ansiosos a chegada da nova geração.

Os casais procuram integrar os avós nesta fase ressaltando a sua importância pelo apoio que assumem. Nesta fase, eles sentem o reconhecimento pelo cuidado recebido dos pais, sentindo-se gratos e desejando aproximar-se ainda mais das suas origens.

Esta gratidão vem associada ao desejo de transmitir os valores recebidos pelos pais ao seu filho, como base para que tudo corra bem. Porém, desejam também mudar algumas situações que consideravam menos correctas. Desta forma, verifica-se um desejo do casal em criar algo novo através de um contínuo entre as diversas gerações. Por isso, é necessário que não haja nem um corte, nem uma fusão entre estas gerações (Cigoli & Cigoli, 2006).

No que diz respeito ao futuro, o casal projecta os seus desejos e receios. Desejam educar bem o filho para que seja autónomo e com valores. Desejam acompanhá-lo sem centralizá-lo, a fim de que o casal continue casal e não apenas pais. Este desejo de nutrir a relação conjugal vem associado ao desejo de longevidade conjugal e familiar. Desejam, então, criar uma estrutura sólida para aguardarem a vinda de mais filhos.

Assim, a geratividade assume-se como multidimensional, não se circunscrevendo puramente ao evento biológico. A paternidade, igualmente, traduz-se em dimensões multidimensionais que integram a dimensão biológica do nascimento mas que trespassa a biologia e funda-se nas vivências, nos projectos, no imaginário, nos desejos, nos medos.

Consideramos que este estudo, para além das conclusões da análise, contém outros aspectos positivos que se prendem desde logo pela qualidade do instrumento de recolha de dados. A entrevista criada baseada na ECG tem, de facto, a capacidade de aceder a informações partilhadas e conjuntas do casal, tornando conscientes elementos que explicam a evolução do casal ao longo da sua relação e ao longo da história progressiva de cada um dos cônjuges. Permite, também, que o casal mantenha um diálogo e uma descoberta recíproca do outro. Por outro lado, o instrumento comunga perfeitamente com os estudos fenomenológicos, já que reconhece o âmbito fenomenológico e centra-se precisamente na realidade do casal, conforme as suas percepções e vivências.

Os estímulos gráficos e projectivos da entrevista, através dos quadros de casal e fotografias, permitiram perceber que uma sugestão mais simbólica faz tocar em dimensões mais inconscientes do imaginário do casal. Além disso, permitiram partilhar reciprocamente os significados que atribuíam às imagens favorecendo a partilha e diálogo.

O facto de a entrevista de casal ser gravada em vídeo permite-nos aceder à complexidade dos elementos não-verbais. Os olhares cúmplices entre o casal, os receios em partilhar, o fascínio, a alegria, as contradições entre o verbal e o não-verbal ajudaram na análise mais íntegra da profundidade desta fase.

Dada a riqueza do instrumento e, conseqüentemente, da profundidade dos resultados existiram muitas questões que se abriram para investigação futura nesta transição para a parentalidade.

No que concerne ao imaginário que o pai faz da sua infância e o modo com as representações são “lançadas” na geração do futuro filho, seria importante aprofundar o imaginário infantil do futuro pai em investigações futuras. Andolfi (2001) frisa que frequentemente o pai lembra-se do seu pai como alguém com quem não tinha um contacto directo, que não o abraçava, às vezes temido, fazendo pensar que quase não existia. Desta forma, existe por parte do homem uma tristeza por aquilo que não recebeu do pai, e, ao mesmo tempo, um desejo de compensar e recuperar esse sentimento de ausência. Isto leva a que o homem deseje criar uma figura de pai que possa ser mais afectuoso com o filho.

Não se percebeu, ainda, o possível sentimento do pai se sentir excluído da gravidez pelo sentimento de perda da unicidade na relação com a mulher sentindo os ciúmes da particular relação mãe/filho (Scabini, 1989). Como se sentem esses desejos e sentimentos inaceitáveis, infantis, podem desviar para outros sentimentos da vida conjugal como a incompreensão, conflitos no “acordo” sexual (Scabini, 1989).

Também, neste sentido não podemos compreender o fenómeno do potencial conflito na intimidade do casal, uma vez que a própria entrevista não aprofundava nesse sentido; por outro lado, os casais não frisaram dificuldades graves de relacionamento, associado ao facto, da população escolhida ser homogénea, enquanto excluía casais em fase de conflito marital. Desta forma, seria importante tornar a população escolhida mais heterogénea, a fim de perceber possíveis diferenças significativas nesta transição.

No que concerne à relação do casal com as suas origens, nomeadamente o apoio dos avós, percebeu-se uma enorme conexão entre a futura avó e sua filha nesta fase da gravidez, em que o marido por vezes parecia que nem estava presente na entrevista.

Assim, em investigações futuras seria pertinente aprofundar a dimensão das alianças femininas mãe-filha na gravidez e reflectir sobre a aparente “distância afectiva” das figuras masculinas. Que peculiaridades da masculinidade se jogam neste aspecto?

No que diz respeito aos valores, os casais partilhavam o desejo de transmissão de valores “tradicionais e cristãos” recebidos pelos pais. Seria importante tentar perceber que dimensões estão envolvidas neste desejo. Desta forma, parece fazer sentido continuar a investir neste campo das dimensões fenomenológicas e qualitativas da transição para a parentalidade. Este estudo parece ser uma boa base de exploração do tema em questão na nossa população portuguesa, desafiando a novas chaves de leitura dos eventos críticos da família.

Apesar dos aspectos positivos, o estudo não está isento de limitações. Sendo a análise de dados subjectiva implicou constantes reformulações, leituras, correcções e supervisões, de modo, a poder criticar a possibilidade de enviesamentos próprios da observação. E sobretudo comprometer a validade.

Um dos aspectos que definem uma análise de conteúdo de qualidade é a representatividade e a significância da amostra. Neste caso, como tínhamos oito entrevistas, não podemos dizer que a amostra é significativa, apesar de ser representativa da população que procurámos.

O próprio estudo poderia ter sido feito com uma amostra maior, opção já justificada e, eventualmente, fazendo uma aplicação de outro instrumento, por forma a conseguir obter uma comparação mais precisa do que os vários instrumentos são capazes de obter. Seria igualmente pertinente voltar a fazer a análise das entrevistas, agora com um *software*, de modo a fazer um aprofundamento mais linguístico que possibilitaria enriquecer a análise e salvaguardar a validade dos dados obtidos.

Poder-se-ia, também, em estudos posteriores, focar a transição para a parentalidade a partir da metodologia de estudo de caso, aplicando outros instrumentos de forma a aumentar a fonte de proveniência de dados e complexidade do tema.

Uma vez que escolhemos estudar o fenómeno em questão no último trimestre da gravidez, ficamos sem perceber o que, de facto, está a acontecer agora que o filho nasceu. Desta forma, seria pertinente, criar um projecto longitudinal de forma a perceber as dinâmicas da paternidade e geratividade na gravidez e pós-parto.

A criação da entrevista baseada na ECG apesar do seu potencial e riqueza levanta algumas questões limitativas. Apesar de ter sido feito um estudo piloto para testar as questões e sua compreensão, não se encontra, ainda, adaptada para a população portuguesa. A

adaptação dará, sem dúvida, uma resposta a esta questão e, nesse sentido, este estudo poderá contribuir, também, para a adaptação do instrumento à população portuguesa.

O problema de os estudos da família, em geral, transição, em particular, não terem modelos que os suportem (Rosnati & Lanz, 2002) encontra também, uma resposta, já que a ECG deriva da visão de família da Perspectiva Relacional-Simbólica (Cigoli & Scabini, 2006).

O estudo limita-se a poucos autores e poucos estudos empíricos de referência. Apesar de ter sido justificado a escolha de uma só perspectiva, seria importante fazer mais pontes com a literatura tendo em vista uma discussão mais rica e variada.

Consideramos, ainda, que a perspectiva relacional-simbólica constitui-se, desta forma, como uma chave de leitura capaz de responder à exigência do entendimento do casal e da família como uma unidade complexa. É capaz, ainda, através do estudo da história progressiva dos cônjuges, de compreender o casal como tal, ao ter em conta tanto o nível interactivo como o nível relacional. Referente à sua dinâmica de investigação/acção as suas potencialidades ainda se tornam maiores quer a nível empírico como no acompanhamento ao casal e às famílias.

Referências Bibliográficas

- Almeida, S., & Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia da Educação*. Braga, Portugal: Psiquilíbrios.
- Ammaniti, M. (2008). *Pensare per due Nella mente delle madri*. Bari, Itália: Laterza.
- Ammaniti, M., Candelori, C., Pola, M., & Tambelli, R. (1995). *Maternità e gravidanza*. Milano, Itália: Raffaello Cortina.
- Ammaniti, M., Candelori, C., Pola, M., & Tambelli, R. (1995). *Maternità e gravidanza. Studio delle rappresentazioni materne*. Milano, Itália: Raffaello Cortina.
- Ammaniti, M., Tambelli, R., Odorisio, F. (2006). Entrevista clínica per lo studio delle rappresentazioni paterne in gravidanza: IRPAG, *Età evolutiva*, 85, pp. 30-40.
- Andolfi, M. (2001). *Il Padre Ritrovato: Alla ricerca di nuove dimensioni paterne in una prospettiva sistemico-relazionale*. Milano, Itália: FrancoAngeli.
- Badolato, G. (1993). *Identità paterna e relazioni di coppia*. Milano, Itália: Giuffrè.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Belsky, J., & Isabella, R.A. (1985). Marital and parent-child relationships in family of origin and marital change following the birth of a baby: A retrospective analysis. *Child Development*, 56, 342–349.
- Belsky, J., Lang, M. E., & Rovine, M. R. (1985). Stability and change in marriage across the transition to parenthood, a second study. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 855–865.
- Bogdan, O., & Biklen, K. (2006). *Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Cigoli, V. (1977). *Modelli d'interazione familiare. Lo stato delle ricerche e delle formulazioni concettuali*. Milano, Itália: Franco Angeli.
- Cigoli, V. (1997). *Intrecci Familiari*. Milano, Itália: Raffaello Cortina.
- Cigoli, V. (2006). *L'albero della discendenza, clinica dei corpi familiari*. Milano, Itália: Franco Angeli.
- Cigoli, V. (2009). Risalire le origini, la storia dell'Intervista clinica generazionale. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *L'intervista clinica generazionale* (pp. 13-26). Milão, Itália: Raffaello Cortina.

- Cigoli, V., & Scabini, E. (2007). Relación familiar: la perspectiva psicológica. In M. I. González (Ed.), *El cuidado de los vínculos. Mediación familiar y comunitária* (pp. 71-108). Bogotá, Colômbia: Editorial Universidad del Rosario.
- Cigoli, V., & Tamanza, G. (2009). *L'Intervista clinica generazionale*. Milano, Itália: Raffaello Cortina.
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2006). *Family Identity. Ties, symbols, and transitions*. Mahwah, USA: Lawrence Erlbaum Associates.
- Costa, G. P., & Katz, G. (1992). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Cowan, C.P., & Cowan, P.A. (1992). *When partners become parents, the big life change for couples*. New York, USA: Basic Books.
- Cowan, P. (1991). Individual and family life transitions: A proposal for a new definition. In P. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family transitions, Advances in family research* (Vol. 2, pp. 3–30). Hillsdale, USA: Erlbaum.
- Cowan, P.A., & Cowan, C.P. (1988). Changes in marriage during the transition to parenthood, Must we blame the baby? In G.Y. Michaels & W.A. Goldberg (Eds.) *The transition to parenthood: Current theory and research* (pp. 114–154). New York, USA: Cambridge University Press.
- Creswell, J. (2003). *Research Design, qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. Thousand Oaks, USA: Sage Publications.
- Creswell, W. (1997). *Qualitative inquiry and research design-choosing among*. London, Inglaterra: Sage Publications.
- Crohan, S. (1996). Marital quality and conflict across the transition to parenthood in African American and white couples. *Journal of Marriage and the Family*, 32, 407-417.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Lisboa, Portugal: Quarteto.
- De Martini, T. A. (1999). *A transição para a parentalidade, expectativas, sentimentos e síndrome de couvade dos futuros pais ao longo da gestação*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil: RS.
- Emery, R., & Tuer, M. (1993). Parenting and marital relationship. In T. Luster & L. Okagaki. (Eds). *Parenting, an ecological perspective*. (pp.121-148). Hillsdale, USA: Lawrence Erlbaum Associates.

- Erbert, L. A. & Duck, S. W. (1997). Rethinking satisfaction in personal relationships. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds). *Satisfaction in Close Relationships* (pp. 190-218). New York, USA: The Guilford Press.
- Erikson, E.H. (1980). *Identidad juventud y crisis*. Madrid, Espanha: Taurus.
- Figueiredo, B., Pacheco A., Costa, R., & Magarinho, R. (2004). *Qualidade das relações significativas da mulher na gravidez*. Porto, Portugal: Psicologia, teoria, investigação e prática.
- Flick, U. (2002). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa, Portugal: Monitor.
- Gottman, J. M. & Silver, N. (2000). *Les Couples Heureux ont Leurs Secrets*. Paris, França: JCLattès.
- Hill, R. (1970). *Family development in three generations*. Cambridge, Inglaterra: Schenkman.
- Hojjat, M. (1997). Philosophy of Life as a Model of Relationship Satisfaction. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds). *Satisfaction in Close Relationships* (pp. 102-128). New York, USA: The Guilford Press.
- Huston, T. L. & Vangelisti, A. (1995). How parenthood affects marriage. In M. Fitzpatrick & A. Vangelisti (Eds), *Explaining family interactions* (pp. 147-176). Thousand Oaks, USA: Sage Pubs.
- Klaus, M. H., & Kennell, J. H. (1992). *Pais/bebê: A formação do apego*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Kotler, T. (1985). A Balanced Distance, aspects of marital quality. *Human Relations*, 39 (5), 391-407.
- Lanz, M. & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão, Itália: Edizione Universitarie di Lettere Economia Diritto.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia, teoria e Pesquisa*, 15, 09-16.
- MacDermid, S., Huston, T. & McHale, S. (1990). Changes in marriage associated with the transition to parenthood: individual differences as a function of sex-role attitudes and changes in the division of household labor. *Journal of Marriage and the Family*, 52(2), 475-486.
- Manzini, J. (1995). *Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes deficientes mentais: um estudo através de interações verbais*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, Brasil.
- May, K. A. (1982). Three phases of father involvement in pregnancy. *Nursing Research*, 31, 337-342.

- McGoldrick, M., Heiman, M., & Carter, B. (1993). The changing family cycle: a perspective on normality. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes* (pp. 405-443). New York, USA: Guilford.
- Mosmann, C., Wagner., & Carneiro, T.F. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia, 16* (35), 315-33125.
- Narciso, I. (1994). *Metamorfoses do amor e da satisfação conjugal*. Lisboa: Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentadas na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas, mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Norsa, D., & Zavattini, G. (1997). *Intimità e collusione*. Milano, Itália: Raffaello Cortina.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, USA: Harvard University Press.
- Perren, S., von Wyl, A., Simoni, H., Stadlmayr, W., Bürgin, D., & von Klitzing, K. (2003). Parental psychopathology, marital quality, and the transition to parenthood. *American Journal of Orthopsychiatry, 73*, 55–64.
- Perren, S., Wyl, A., Burgin, D., Simoni, H. & Klitzing, K. (2005). Intergenerational transmission of marital quality across the transition to parenthood. *Family Process, 44*(4), 441-459.
- Raguso, F. (2006). O modelo Relacional em Psicologia. Desafios e perspectivas. *Pessoas & Sintomas, 1*, 8-11.
- Scabini, F. (1989). *L'organizzazione famiglia tra crisi e sviluppo*. Milano, Itália: Franco Angeli.
- Scabini E., & Iafrate R. (2003). *Psicologia dei legami familiari*, Bologna: Il Mulino.
- Scabini, E., & Cigoli, V. (2000). *Il familiare*. Milano: Raffaello Cortina Editore.
- Schulz, M. S., Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2006). Promoting healthy beginnings, a randomized controlled trial of a preventive intervention to preserve marital quality during the transition to parenthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 74*, 20–31.
- Silva, D.V., & Salomão, N, M. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebés. *Estudos de Psicologia, 8* (1), 135-145.
- Smorti, A. (1987). La fase dell'attesa. *Psicologia Contemporanea, 81*, 33- 39.

- Whisman, M. A. (1997). Satisfaction in Close Relationships: Challenges for the 21st Century.
In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds). *Satisfaction in Close Relationships* (pp. 385-410). New York, USA: The Guilford Press.
- Winnicott, D. W. (1962). *Sviluppo affettivo e ambiente*. Roma, Itália: Armando.

Anexos

Anexo I

Consentimento Informado

Caros (as) participante (s),

No âmbito do mestrado em Psicologia da Família, da Universidade Católica Portuguesa, o aluno Diogo Albano Mendes Soares pretende realizar o trabalho de dissertação com o tema: *Paternidade e Geratividade na transição para a parentalidade*. Esta investigação tem como principal objectivo perceber as dimensões qualitativas do envolvimento paterno e da relação conjugal na transição para a parentalidade.

Para a recolha dos dados usaremos uma entrevista de casal e um questionário socio-demográfico. Nesse sentido, vimos por este meio solicitar a sua participação no referido estudo e a sua autorização para a gravação vídeo da entrevista.

Este trabalho é realizado com fins estritamente académicos, sendo a confidencialidade dos dados absolutamente garantidos. Os resultados da investigação serão apenas utilizados na elaboração e divulgação científica, mas como foi referido anteriormente comprometemo-nos a manter em sigilo a sua identidade.

A sua participação é absolutamente voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento.

Reconhecidamente, agradecemos a sua disponibilidade e preciosa colaboração.

Atendendo às condições acima descritas, nós
_____ e _____,

declaramos que concordamos em participar no estudo.

_____, ____ de _____ de _____
Assinatura dos participantes

_____, ____ de _____ de _____
Assinatura do investigador

Anexo II

Questionário socio-demográfico

Idade (s):

Habilitações Literárias:

Profissão:

Quando se casaram:

Há quantos anos estão casados:

Namoram durante quanto tempo:

Quem mais mora em casa:

Tempo de gestação:

Contratempos/problemas na gravidez:

Anexo III

GUIÃO DE ENTREVISTA

A entrevista procura responder e aprofundar aos objectivos propostos do estudo. As áreas centrais serão as tarefas desenvolvimentais na transição para a parentalidade, as representações e expectativas do casal em relação ao nascimento do futuro filho, os sentimentos e pensamentos associados a esta fase, perceber a paternidade e a geratividade na transição para a parentalidade.

Dimensão histórica:

- Como é que se conheceram?
- O que fez com que o vosso encontro se tenha tornado um laço?
- Com que é que pensam ter casado no outro?
- Encontraram aquilo que procuravam um no outro?
- Que descobriram de novo no outro?
- Houve algum momento particularmente difícil na relação agora que estão para ser pais? Como o enfrentaram?
- Agora têm à vossa frente uma série de imagens (apresentam-se as reproduções dos quadros de casal). Cada um de vocês pode escolher uma imagem que possa expressar como vive a relação de casal e os sentimentos que experiencia.
- Podem comentar a imagem que escolheram?
- Podem comentar reciprocamente a imagem que o outro escolheu?

Presente

- Quais consideram que serão as mudanças após o nascimento do vosso filho?
- Enquanto pessoa? Casal? Filho?
- Enquanto membros de uma comunidade social?
- Quais foram as reacções ou sentimentos que tiveram quando souberam da gravidez?
- Como imaginam este filho?

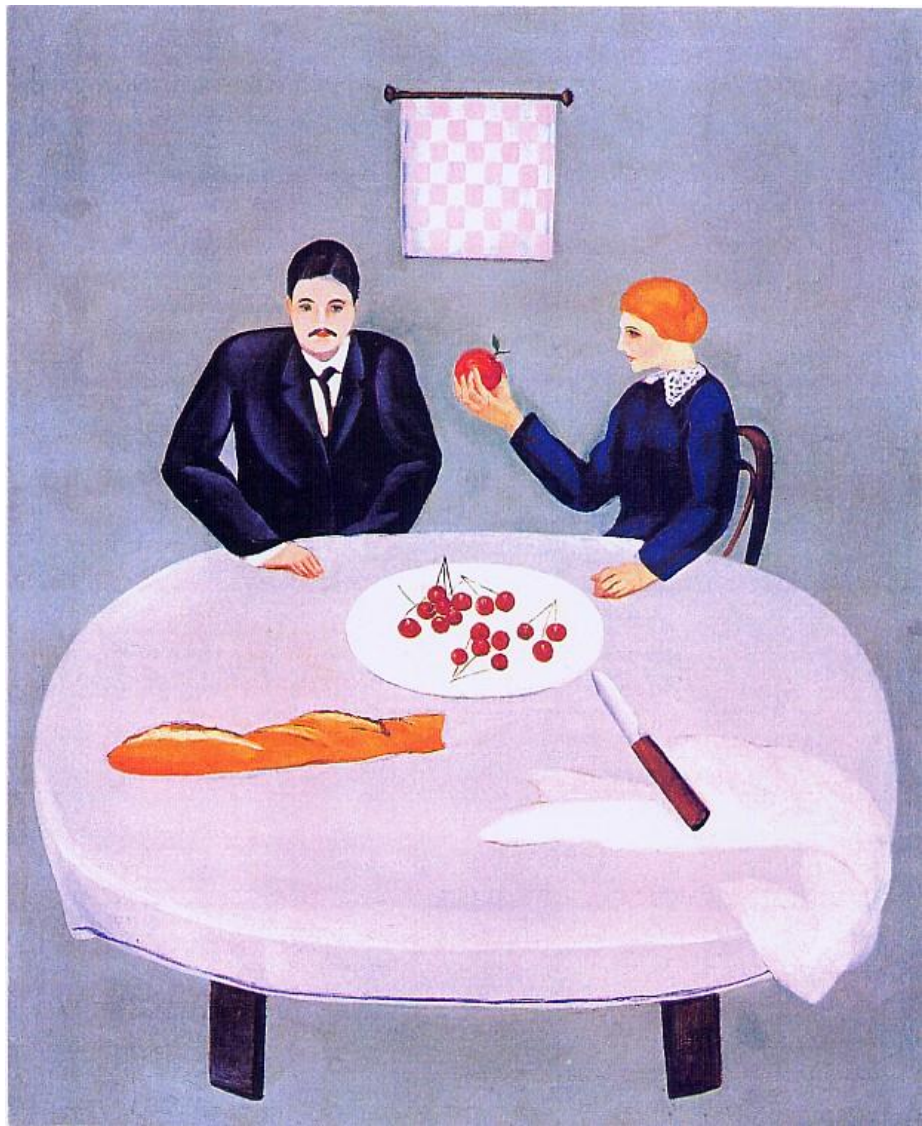
- Como consideram que é a imagem da sociedade acerca do papel do pai na gravidez?
- O que pensam e sentem em relação a essa imagem?
- Como se desenvolveu o sonho/ideia de ser pai ao longo da sua vida?
- Que pai é neste momento? Como a esposa sente que está o envolvimento do pai?
- Que pai será? Que pai será o seu marido?
- Escolham uma foto como se imaginam como família!
- Como vivem os vossos pais esta fase?
- De que forma os vossos pais vos apoiam?

Futuro

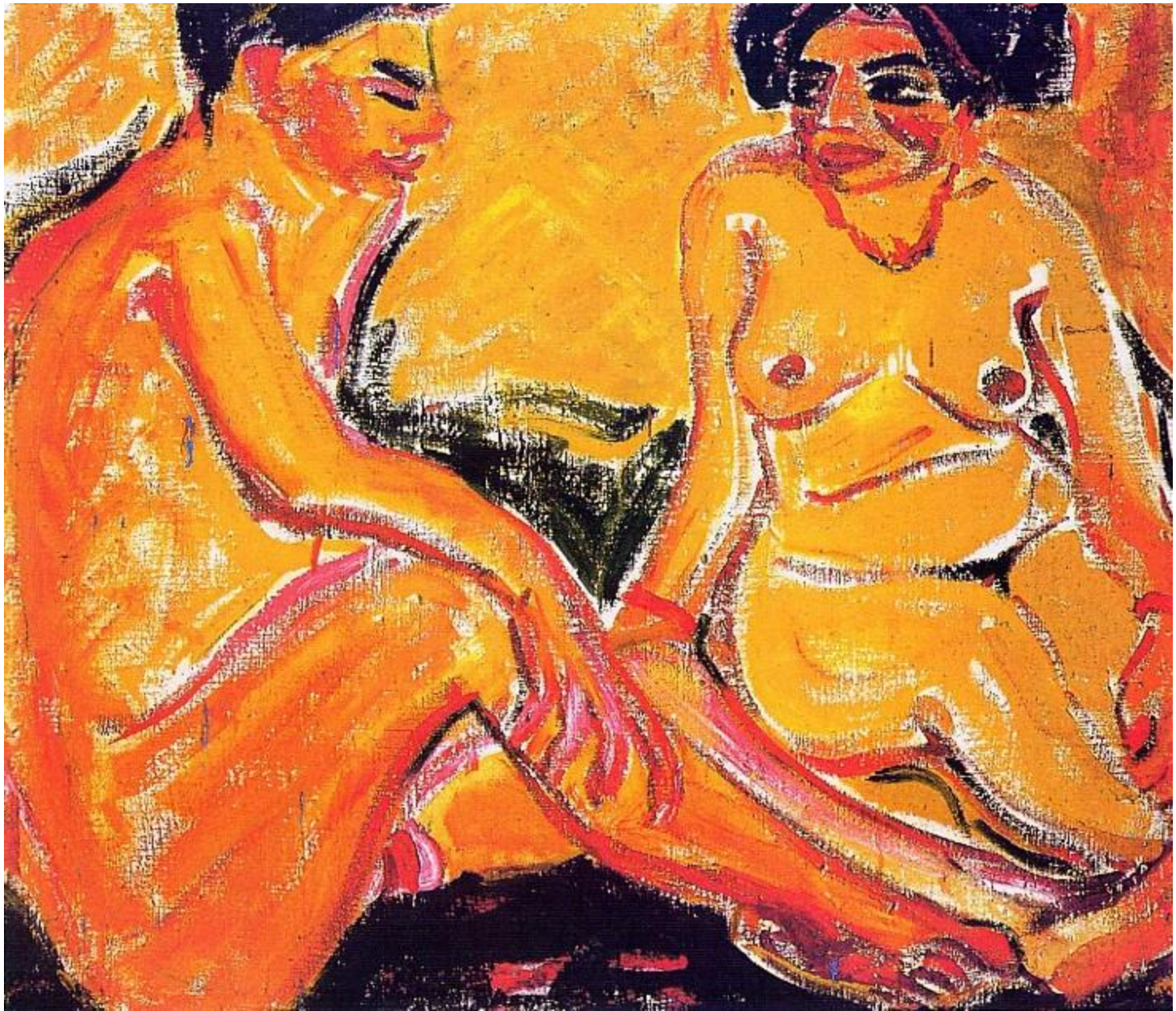
- Que consideram importante transmitir aos vossos filhos? Que valores? Que modelos de vida?
- É alguma coisa que tenha a ver com o que vocês receberam dos vossos pais?
- Como avaliam estes anos de casados?
- Imaginem-se como videntes, como se vêem daqui a dez anos, podem-me descrever o que estão a ver?
- Querem partilhar mais alguma coisa?

Anexo IV









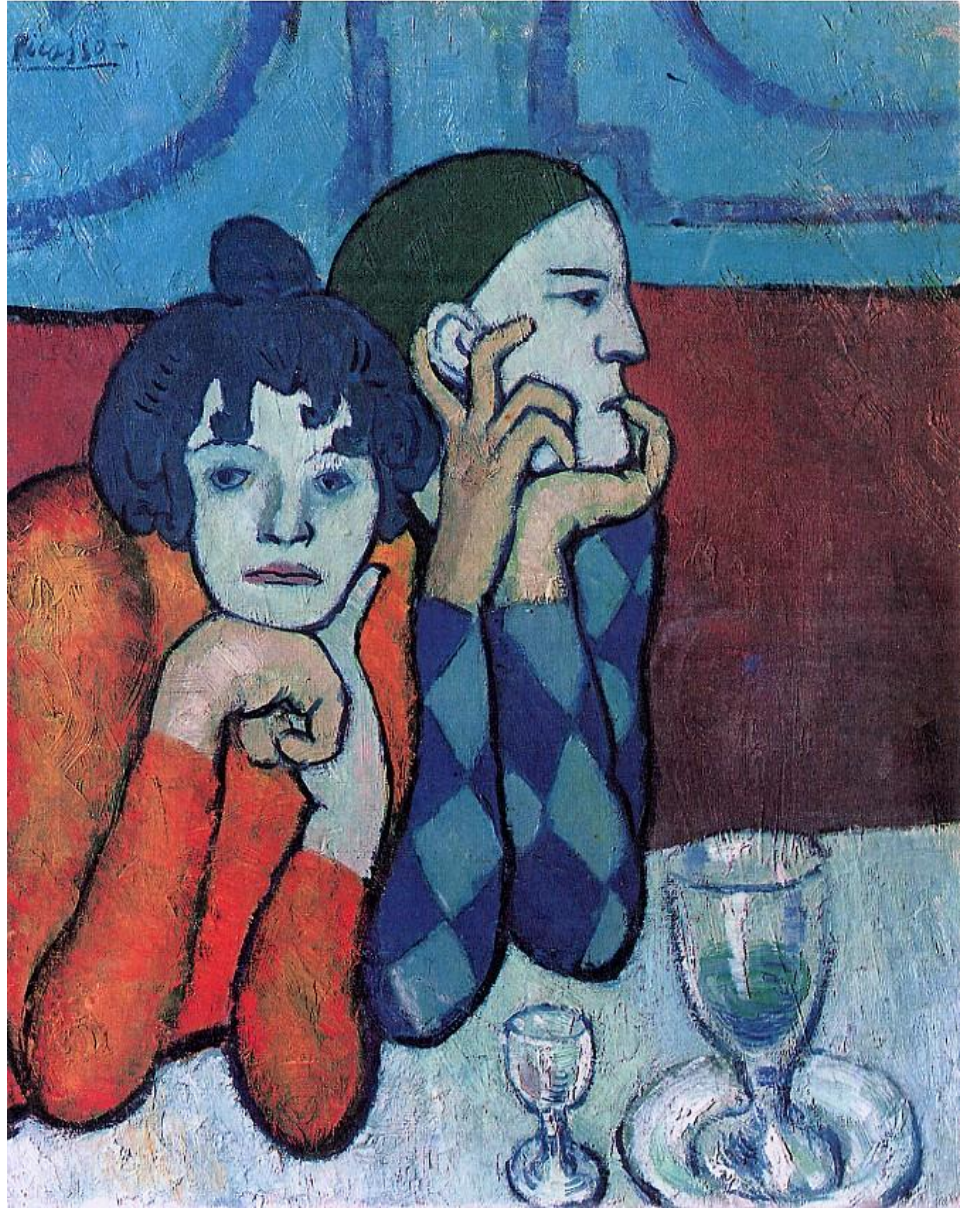






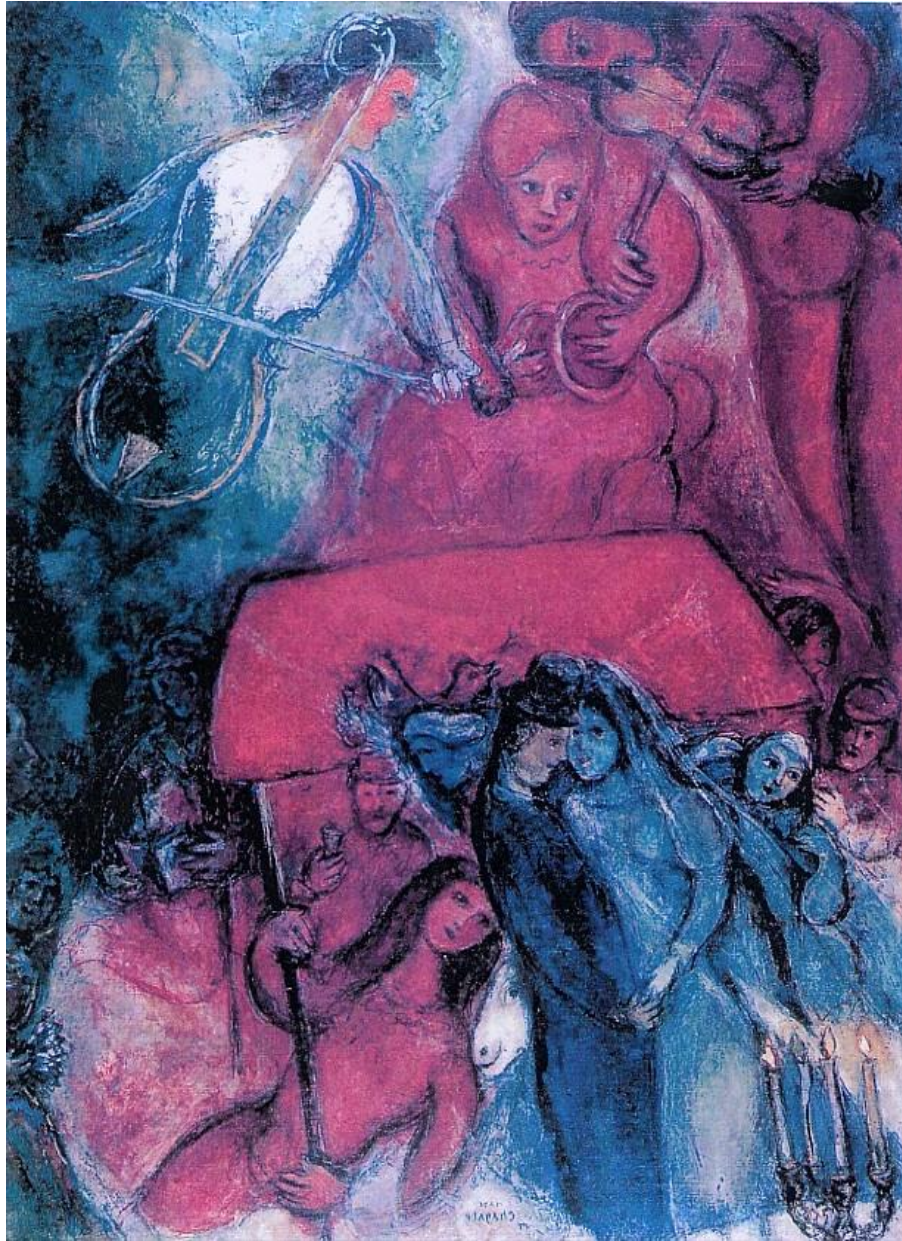


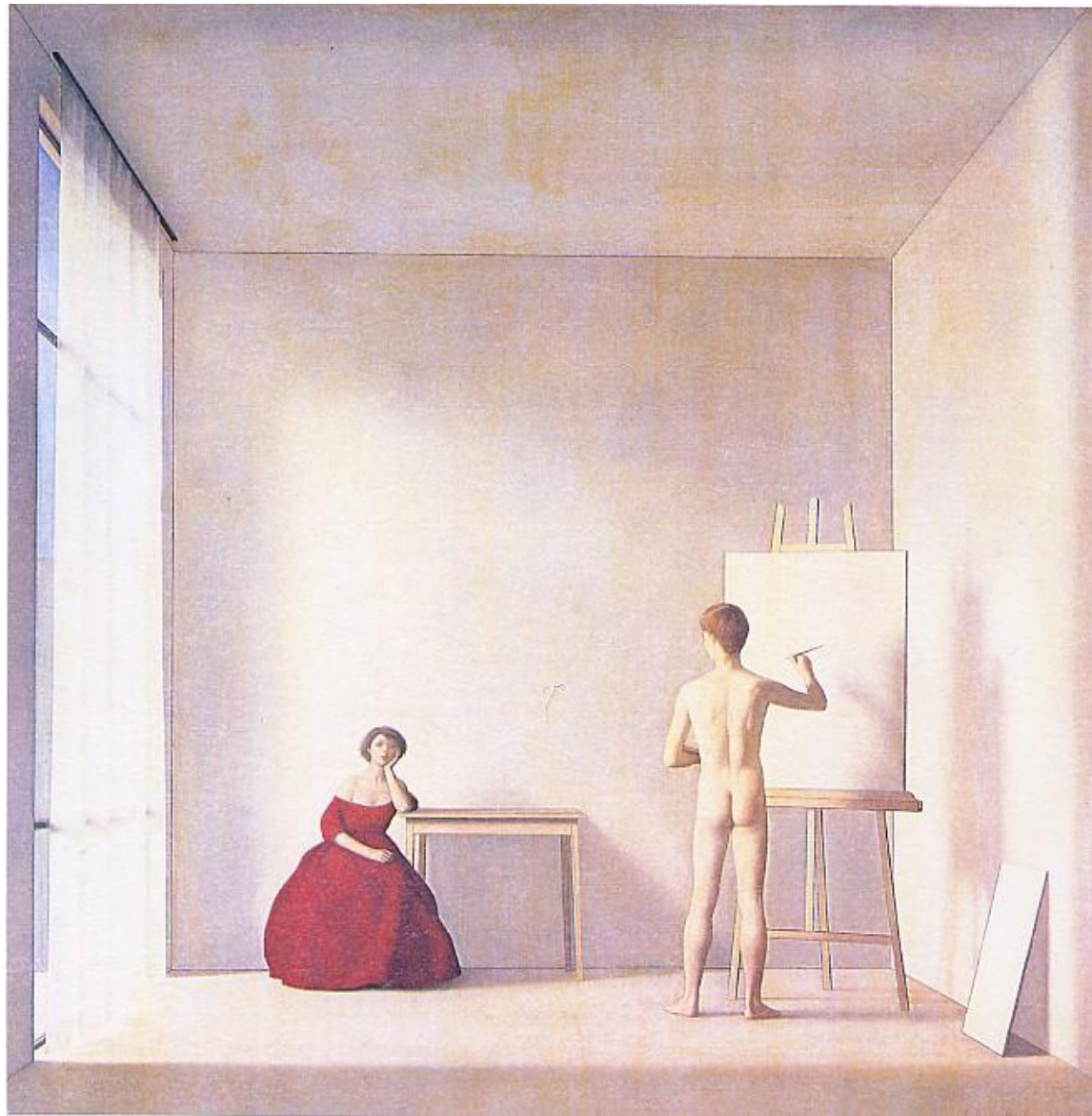
Salvatore Ferruccio di Francesco Ferruccio
L'ultimo giorno di Francesco Ferruccio
della sua morte nel 1599

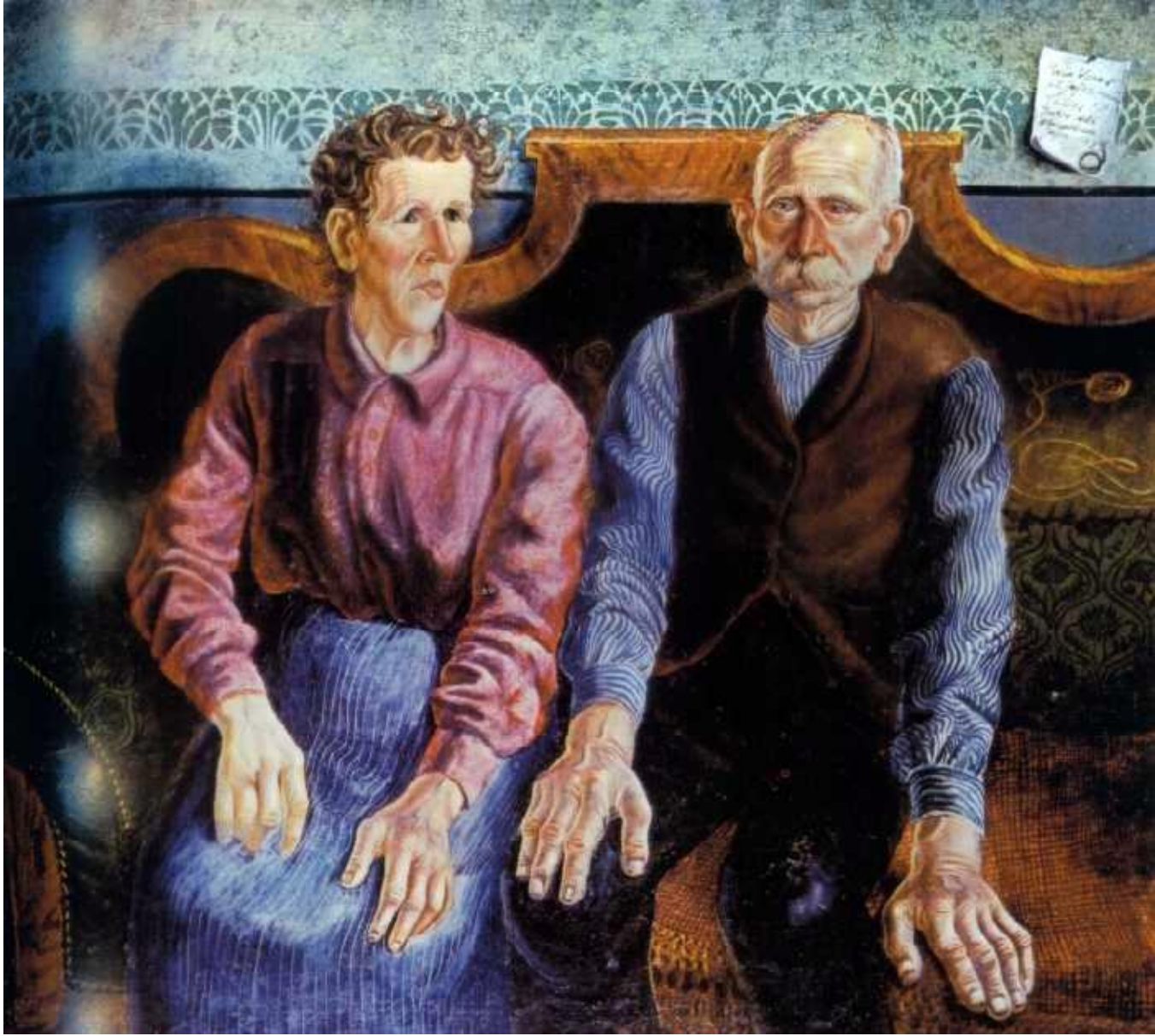














Anexo V





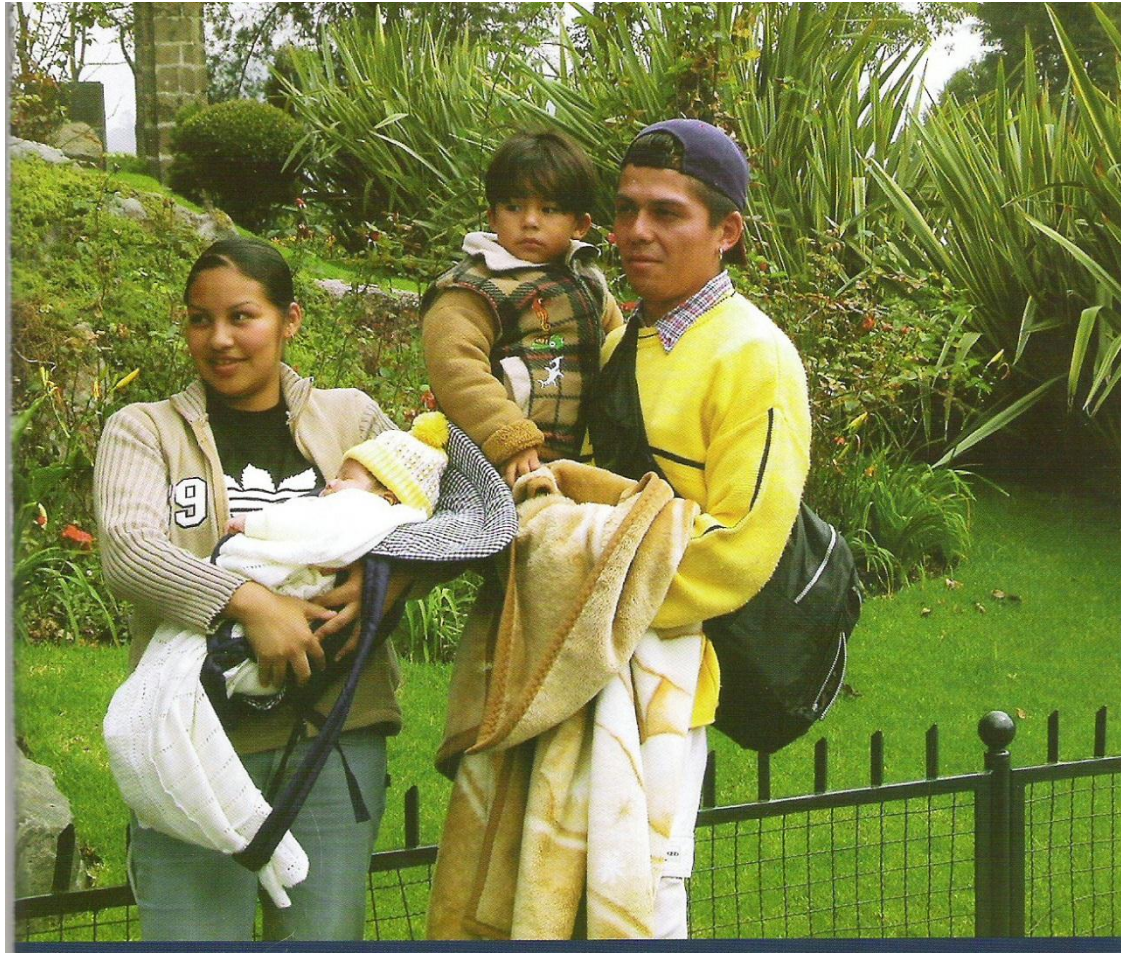
























Anexo VI

	Anexo VI							
Categoria 2º Ordem	Categoria 1º Ordem	Indicadores	Unidades de Registo	Nº Ent	Nº de Registos	Referências		
Conhecimento do casal entre o grupo de amigos	Conhecimento do casal entre o grupo de amigos	Conhecimento e partilha do casal do mesmo círculo de amigos	Conhecimento do casal entre o grupo de amigos	1,2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	XI	“éramos do mesmo grupo de amigos”		
			Conhecimento num bar apresentados pelos amigos	3, 5, 8	III	“conhecemo-nos num bar, fomos apresentados e ficamos amigos”.		
			Partilha do mesmo círculo de amigos	4, 5, 7	III	“Tínhamos também o mesmo círculo de amigos”		
Relações prolongadas de namoro devido a preparação do projecto de vida	Muitos anos de namoro	Necessidade de namorarem mais tempo que o que desejavam	Muitos anos de namoro	1, 2, 3, 5, 6	IX	“Foi, muitos anos de namoro”		
	Universidade e preparação do casamento e projecto de vida como motivos de namoro prolongado	Casamento resultado de um namoro prolongado de preparação através da construção da casa e projecto de vida	Universidade e preparação do casamento como justificação para o namoro prolongado	1 e 2	V	“era preciso terminar primeiro o curso”		
			O casamento resultado de um namoro de vários anos, construção da casa e criação do projecto de vida	3	III	“ainda demorou muito tempo para nos conhecermos e depois começamos a desenvolver a casa, mesmo em solteiros e o projecto da casa e tudo o mais e depois é que casamos”		
			Os trabalhos de grupo da faculdade como motores de interacção e conseqüente relação de amizade	4	II	“conhecemo-nos assim a interagir nos trabalhos de grupo assim a fazer parte também e foi assim que criamos uma amizade”		

Começo do namoro como um caminho natural, pelo gradual conhecimento e aproximação associado ao desejo de estarem mais tempo juntos	Gradual convivência e conhecimento recíproco fez crescer o sentimento dando início à relação de namoro	A maior convivência fez com que o sentimento crescesse e assumissem o namoro	Maior convivência levou à relação de namoro	3, 5, 6	VI	“depois começamos a conviver mais e até que chegou o ponto do namoro”
			O sentimento de amizade foi crescendo e mudando	2, 5	II	“Acho que o sentimento foi crescendo, acho que foi mudando”
	Desejo passarem mais tempo juntos, sentir-se bem junto da pessoa, as conversas confidentes, a beleza e atração criaram o laço de namoro	Criação do laço de namoro pelo desejo passarem mais tempo juntos, sentir-se bem junto da pessoa, as conversas confidentes e pela beleza e atração	Relação de namoro fruto do desejo de passar mais tempo juntos e criação de amizade confidente	2, 5, 3	VIII	“começamos a pensar em estar mais tempo juntos, ficamos muito amigos e confidentes”
			Sentir-se bem perto da pessoa, a atenção, as conversas, dar-se a conhecer e a troca de segredos como forma de criação do laço de namoro	4,5	V	Sentir-se bem perto da pessoa, a atenção, as conversas, dar-se a conhecer e a troca de segredos como forma de criação do laço de namoro
			A beleza, o sorriso e atração como motivos de encontro e aproximação	3, 5	III	“achava-a bonita... Achava-a atraente”.
	Namoro como acontecimento natural ao percurso de conhecimento mútuo	Namoro como acontecimento natural ao percurso de conhecimento mútuo	Namoro como acontecimento natural ao percurso de conhecimento mútuo	1 e 3	VI	“Por isso na nossa relação foi acontecendo foi acontecendo. Sei que houve momento que foi assim uma coisa natural”

Dificuldades do namoro pelos impedimentos que atrasaram o desejo de casar mais cedo	Diferença de idades como primeiro obstáculo à relação de namoro	Diferença de idades como primeiro obstáculo à relação de namoro	Diferença de idades como primeiro obstáculo à relação de namoro	3	II	“Mas no princípio havia um obstáculo que era eu achava que era demasiado nova”
	Estudos e trabalho como impedimento para casarem mais rapidamente	Estudos e trabalho como impedimento para casarem mais rapidamente	Estudos e trabalho como impedimento para casarem mais rapidamente	1 e 2	IV	“era preciso terminar primeiro o curso”
	Demasiado tempo de namoro estava a levar a desgaste na relação porque não havia meta	Desgaste da relação pela demora em casarem	Demasiado tempo de namoro estava a levar a desgaste na relação porque não havia meta	1	I	“tantos anos estava a tornar-se desgastante para os dois”
Encontro com a correspondência de personalidades, formas de pensar, interesses e desejos comuns motivaram o casamento	Formas de pensar e personalidades semelhantes, confiança e os sentimentos nutridos um pelo outros motivaram a casarem-se	Formas de pensar e personalidades semelhantes, confiança e os sentimentos nutridos um pelo outros motivaram a casarem-se	Pensar de forma parecida como elemento de aproximação do casal	2	I	“pensávamos de formas parecidas em relação em algumas coisas”
			Personalidades semelhantes, confiança e os sentimentos nutridos um pelo outros motivaram a casarem-se	3,4	VI	“semelhantes... Confiança... e os sentimentos que nos unia”
	Desejos e interesses comuns na base da criação da relação como os planos, os objectivos, os sonhos	Desejos e interesses comuns na base da criação da relação como os planos, os objectivos, os sonhos	Desejos e interesses comuns na base da criação da relação como os planos, os objectivos, os sonhos	Desejos e interesses comuns na base da criação da relação como os planos, os objectivos, os sonhos	2,4, 8	IV

Dimensões do encontro e aprofundamento da relação de namoro como a naturalidade da descoberta do amor, o respeito, o desejo e a importância da distância	Descoberta do amor um pelo outro como um caminho muito natural	A naturalidade do caminho de proximidade e descoberta do amor	Descoberta do amor um pelo outro como um caminho muito natural	3, 7	VI	“é foi muito natural”.
	Importância para o casal não deixar as suas actividades de voluntariado só porque começaram a namorar	Importância para o casal não deixar as suas actividades de voluntariado só porque começaram a namorar	Importância para o casal não deixar as suas actividades de voluntariado só porque começaram a namorar	6	III	"Nunca deixámos as actividades que desenvolvíamos"
	Desejo e respeito um pelo outro amadureceram naturalmente o sentimento mútuo	Desenvolvimento do sentimento mútuo aliado ao desejo e respeito pelo outro	Desejo e respeito um pelo outro amadureceram naturalmente o sentimento mútuo	3	II	“Por isso na nossa relação foi acontecendo foi acontecendo. Sei que houve momento que foi assim uma coisa natural”
	Distância como alimento de aproximação, sentimento de espera e reflexão sobre o sentimento nutrido	Distância como alimento de aproximação, sentimento de espera e reflexão sobre o sentimento nutrido	A distância como alimento de aproximação e a experiência do sentimento de espera	2, 5	IV	só que já havia aquela, aquele sentimento que nos chamava, a estar sempre à espera”
			A distância como elemento de reflexão sobre o sentimento nutrido um pelo outro e transformação em algo mais que amizade	2, 5	III	“a distância dele, fez com que uma pessoa, visse que realmente, se calhar era mais que amizade”
Do encontro ao projecto de vida de casal como o desejo de casar, constituir família, tempo de planear e iniciar a caminhada	Vontade de casar e constituir família como meta do namoro	Vontade de casar e constituir família como meta do namoro	Muita vontade casar	1	II	“Muita vontade de casar”
			Muita vontade de constituir família	1	III	“Muita vontade de constituir família”
	Casamento como <i>deadline</i> /meta do namoro	Casamento como <i>deadline</i> /meta do namoro	Casamento como <i>deadline</i> /meta do namoro	1	I	“Tinha de ser agora (...) estávamos naquele deadline”
	Tempo de namoro como tempo de planear as coisas para depois casar	Tempo de namoro como tempo de planear as coisas para depois casar	Tempo de namoro como tempo de planear as coisas para depois casar	3	III	“tínhamos tempo podíamos planear as coisas e construir a casa e depois casávamos”
	Casamento como encontro do que procuravam no outro	Casamento com o que procuravam no outro	Casamento como encontro do que procuravam no outro	1	II	“encontramos o que procurávamos”

Significado do casamento associado ao casamento por amor e o encontro do que procuravam no outro, a descoberta de dimensões novas e desejo de viver um dia de cada vez	Casamento como um conjunto de coisas novas e marco de descobertas positivas	Casamento como um conjunto de coisas novas e de descobertas positivas	Casamento como um conjunto de coisas novas e marco de descobertas positivas	1, 2	II	“tudo é novidade”
	Casamento como uma vivência dia-a-dia sem pensar muito no futuro	Casamento como uma vivência dia-a-dia sem pensar muito no futuro	Casamento como uma vivência dia-a-dia sem pensar muito no futuro	1	II	“gosto de viver o dia-a-dia (..) pensar pouco no futuro”.
	Casamento como forma de passarem mais tempo juntos	Casamento como forma de passarem mais tempo juntos	Casamento como forma de passarem mais tempo juntos	5	III	resolvemos casar para passar mais tempo juntos e assim partilhar todos os momentos da nossa vida
	Casamento por amor	Casamento por amor	Casamento por amor	1, 5	III	“todos os casais que se casam por amor desejam ficar juntos até morrer”
	Casamento de almas gémeas	Casamento de almas gémeas	Casamento de almas gémeas	4	I	“muito sinceramente com alma gémea”
	Casamento de almas gémeas em que o outro o completa	Casamento de almas gémeas em que o outro o completa	O cônjuge como a outra parte de si que a completa	4	I	“é outra parte de mim, é, vejo nela aquilo que me completa”
Descobertas com o casamento de novas formas de ser e estar do cônjuge, sentimento de partilha, e um outro nível de intimidade	Descoberta de um marido mais organizado e cuidadoso do lar	Descoberta de um marido mais organizado e cuidadoso do lar	Descoberta de um marido mais organizado	1	I	“... muito mais organizado como não imaginava”
			Descoberta de um marido mais cuidadoso com o lar	1	I	“não imaginava que fosse tão cuidadoso”
	Descoberta de mais coisas na esposa após casamento	Descoberta de mais coisas na esposa após casamento	Descoberta de mais coisas na esposa após casamento	1, 5	III	“só um acrescentar de coisas àquilo que eu já conhecia”
	Sentimento de partilha no casamento	Sentimento de partilha no casamento	Sentimento de partilha no casamento	1	III	“o sentimento de partilha”
			Casal com feitos iguais e reacções diferentes	1	I	“os feitos são os mesmo mas as reacções são diferentes”
Descoberta de outro nível de intimidade após o casamento	Descoberta de outro nível de intimidade após o casamento	Descoberta de outro nível de intimidade após o casamento	2, 5, 6	V	nós não tínhamos a intimidade que, não é, que alguém vive na mesma casa tem”	

	Encontro de novas formas de viver e ver as coisas após viver com o outro	Encontro de novas formas de viver e ver as coisas após viver com o outro	Encontro de novas formas de viver e ver as coisas após viver com o outro	4	I	“encontrei muita coisa uma nova forma de viver e ver as coisas”
Dimensões essenciais na relação conjugal como os objectivos, os esforços comuns, a responsabilidade e o diálogo	Objectivos e esforços comuns do casal como elementos de união e revigoração da relação	Objectivos e esforços comuns do casal como elementos de união e revigoração da relação	Objectivos e esforços comuns do casal como elementos de união e revigoração da relação	1, 3	VII	“termos de montar a casa, termos de unir esforços para atingir determinados objectivos, é uma vitória, uma alegria”
	Necessidade de serem responsáveis para poderem levar uma vida digna e consciente	Necessidade do casal ser responsável para poderem levar uma vida digna e consciente	Necessidade de serem responsáveis para poderem levar uma vida digna e consciente	3	III	“As responsabilidades e as despesas de uma casa é uma coisa que nos limita muito de certas coisas, uma pessoa também tem de pensar”
	Importância do diálogo no casal como forma de resolver os seus problemas	Importância do diálogo no casal como forma de resolver os seus problemas	Importância do diálogo no casal como forma de resolver os seus problemas	4	III	“se eu tiver mais um bocado chateada ele chega à minha beira: não, temos que conversar”
Percepção de poucas descobertas em relação ao cônjuge após casamento	Percepção de poucas descobertas em relação ao cônjuge após casamento	Percepção de poucas descobertas em relação ao cônjuge após casamento	Percepção de poucas descobertas em relação ao cônjuge após casamento	5, 1, 6	V	"Pouco mudou do namoro para o casamento"
Percepção de ausência de mudanças no casal com o surgimento da gravidez	Percepção de ausência de mudanças no casal com o surgimento da gravidez	Percepção de ausência de mudanças no casal com o surgimento da gravidez	Percepção de ausência de mudanças no casal com o surgimento da gravidez	6	II	"Foi tranquilo, é igual."
Mudanças necessárias no casamento desde o sair de casa e ao viver em comum como corrigir os erros do cônjuge, conversarem, resolverem os problemas, perceber novas formas de relacionar com as famílias de origem	Necessário sair de casa dos pais para pensarem como casal	Necessário sair de casa dos pais para pensarem como casal	Necessário sair de casa dos pais para pensarem como casal	1, 6	II	“primeiro sair de casa dos pais e depois começar a pensar em nós”
	Convivência com as diferenças do cônjuge e a importância de se corrigirem mutuamente	Convivência com as diferenças do cônjuge e a importância de se corrigirem	Convivência com os hábitos e peculiaridades do outro	1, 6	II	“convivência com aquelas pequenas manias de casa um”
			Importância do casal corrigir os erros do outro como sinal de união	4	II	“ele corrige os meus erros e eu corrijo alguns dele”
	Importância de desligar a televisão e conversar sobre o dia, que realizaram, como correu	Importância de desligar a televisão e conversar sobre o dia, que realizaram, como correu	Importância de desligar a televisão e conversar sobre o dia, que realizaram, como correu	4	III	“vamos desligar a televisão vamos só falar, como é que correu o dia, como é que, o que fizeste hoje”
Importância do casal conversar diariamente e não irem dormir zangados	Importância do casal conversar diariamente e não dormirem zangados	Enquanto não resolvem os problemas não vão dormir para não ficarem chateados	4	I	“enquanto não resolvermos uma coisa nenhum dos dois descansa não conseguimos ficar chateados”	

	Viver em comum ensinou a ver outras formas de relacionar com a própria família, com a família da cónjuge e a relação conjugal	Viver em comum ensinou a ver outras formas de relacionar com a própria família, com a família da cónjuge e a relação conjugal	Viver em comum ensinou a ver outras formas de relacionar com a própria família, com a família da cónjuge e a relação conjugal	4	II	“ensinou a ver outras formas de viver de me relacionar até com a minha família, com a dela a minha relação com ela”
	Viver em comum mudou a forma como a pessoa é, como fala e como vive determinadas coisas	Viver em comum mudou a forma como a pessoa é, como fala e como vive determinadas coisas	Viver em comum mudou a forma como a pessoa é, como fala e como vive determinadas coisas	4	II	“a forma como sou como falamos e como vivemos determinadas coisas, mudou muita coisa”
Do casal conjugal ao desejo serem pais marcado por um não adiar mais nascimento do primeiro filho devido incerteza laboral, o filho como modelo de família, a importância das etapas e do planeamento como estabilidade familiar	Filhos como objectivo comum do casal	objectivo comum do casal em terem filhos	Filhos como objectivo comum do casal	1,2, 3	V	“... o objectivo é comum, portanto...”
	A certeza da instabilidade laboral ajudou o casal a perceber que tinham de seguir com a sua vida e não adiar mais o nascimento do filho	Instabilidade laboral ajudou o casal a perceber que tinham de seguir com a sua vida e não adiar mais o nascimento do filho	A certeza da instabilidade laboral ajudou o casal a perceber que tinham de seguir com a sua vida e não adiar mais o nascimento do filho	2	I	“só que quando eu vi que realmente que nunca irei entrar no quadro, nós decidimos que a nossa vida tinha que andar para a frente”
	Desejo do casal em serem pais como modelo de família	Desejo do casal em serem pais como modelo de família	Desejo do casal em serem pais como modelo de família	2	I	“nós queríamos muito ser pais, a imagem da família”
	Importância das etapas a serem percorridas pelo casal como estabilidade até ao nascimento do filho	Importância das etapas a serem percorridas pelo casal como estabilidade até ao nascimento	Importância das etapas a serem percorridas pelo casal como estabilidade e nascimento do filho	3	I	“depois estando a vida mais estável é o filho...sempre por etapas. E agora é o bebé”
Dificuldades em sair de casa dos pais, a experiência anterior de aborto na espera do primeiro filho, as instabilidades laborais e surpresa da gravidez	Dificuldade em sair da casa dos pais e separar-se da mãe para casar	Dificuldade em sair da casa dos pais e separar-se da mãe para casar	Dificuldade em sair da casa dos pais e separar-se da mãe para casar	6,1	IV	“A ela custou-lhe mais mudar de casa”
	Aborto espontâneo do primeiro filho como uma das fases mais difíceis do casal por ter sido planeado e desejado	Aborto espontâneo do primeiro filho como uma das fases mais difíceis do casal	Aborto espontâneo do primeiro filho como uma das fases mais difíceis do casal por ter sido planeado e desejado	3	V	“um aborto, foi difícil...lá está também já estava planeado, era um bebé desejado”.
	Dificuldade no casal por motivos profissionais que levaram à imensa espera para serem pais	Dificuldade no casal por motivos profissionais que levaram à imensa espera para serem pais	As dificuldades de emprego fizeram atrasar o planeamento do primeiro filho, contudo o casal sentiu que não devia esperar pelo momento ideal que podia não surgir	2	II	“nós não podemos estar à espera do momento ideal, porque eu sou contratada, ando a saltitar de um lado para o outro, e ele também no início quando casamos ele estava desempregado”
		Adiamento do primeiro filho fruto do medo de ficarem desempregados e entrarem numa situação difícil	2	II	“O meu medo de ficar desempregada todos os anos tem-me perseguido, tenho tido sempre esse medo e fomos adiando”	

	Pânico, dificuldades no casal e preocupação por tudo o comportará ser pais sem terem planeado	Pânico, dificuldades no casal e preocupação por tudo o comportará ser pais sem terem planeado	Pânico quando se apercebe realmente que vão ser pais	4	II	“quando realmente se apercebe vamos ser pais acho que é um pânico”
Dificuldades no casal aquando da surpresa da notícia da gravidez			4	II	“o início que nos apanhou assim um bocado de surpresa”	
Preocupação pela chegada de mais um ser onde se testa e imagina como serão enquanto pais			4	I	“vem ai outro ser, já não somos só nos os dois acho que é aquela preocupação será que vamos conseguir ser bons pais”	
Significados do casamento associado ao desejo de cuidar do cônjuge, a serenidade e festa do casamento e a importância do valor do casamento na família de origem	Imagem representativa da serenidade do casamento e relação de cuidado no casal	Imagem representativa da serenidade do casamento e relação de cuidado no casal	Imagem representativa da serenidade do casamento e relação de cuidado no casal	1, 2,3	VI	“transmite... a serenidade do casamento”
	Escolha de fotografia transmitindo a imagem de casamento como algo harmónico e fascinante	Escolha de fotografia transmitindo a imagem de casamento como algo harmónico e fascinante	Escolha de fotografia transmitindo a ideia de casamento como algo harmónico	6	I	"Pela imagem do casamento, depois também por presumir que seja um anjo, harmonia"
			Escolha de fotografia reflectindo o fascínio pela imagem de casamento	6	I	"Eu vivo fascinada com o casamento"
	Casamento como uma festa e todos à volta a partilharem da sua alegria	Casamento como uma festa e todos à volta a partilharem da sua alegria	Escolha de uma fotografia que reflecte o casamento como uma festa	4, 5, 6	V	“eu de todas procurei sempre onde visse 2 pessoas mais alegres e o que me identifico logo”
			Escolha de fotografia que transmite o acontecimento muito importante que foi o casamento e que todos fazem festa em volta dos noivos	4	I	“esta imagem que transmite um acontecimento muito importante e um deles foi o nosso casamento que está tudo em festa em volta dos noivos”
	Casamento como um dos valores transmitidos pelos pais e a sua importância para o casal	Casamento como um dos valores transmitidos pelos pais e a sua importância para o casal	Escolha de fotografia que transmite o casamento como um dos valores da família de origem e a importância do rito para o casal	4, 5	III	“o dar a notícia não foi nenhum momento mau pelo contrário foi melhor do que eu esperava mas o facto de eu não ser casado”
			Importância de casar como um valor transmitidos pelos pais	4	I	“que tive educação pelo que os meus pais me deram e um dos valores é esse, vida a dois casados”

Divergência na forma como o casal percebe a relação de cuidado: para um significa servilidade para outro cuidado	Divergência na forma como o casal percebe a relação de cuidado: para um significa servilidade para outro cuidado	Divergência na forma como o casal percebe a relação de cuidado: para um significa servilidade para outro cuidado	Divergência na forma como o casal percebe a relação de cuidado: para um significa servilidade para outro cuidado	6	II	"Eu olho para aqui e vejo uma criada, e ela não vê a criada"
Desejo do casal envelhecer juntos mesmo na dificuldade e cuidar dos netos	Desejo de envelhecerem juntos	Desejo de envelhecerem juntos	Desejo de envelhecerem juntos	1, 2, 3, 4,5	XII	"A esta idade como dois juntos, eu gostava"
	Desejo do casal fazer uma caminhada longa, às vezes difícil até à velhice	Desejo do casal fazer uma caminhada longa, às vezes difícil até à velhice	Desejo do casal fazer uma caminhada longa, às vezes difícil até à velhice	3	IV	"um caminho longo e muita caminhada que se calhar fizeram ou custou ou pode-se dizer no sentido que gostaríamos de fazer uma caminhada que eu as vezes digo juntos até sermos velhinhos"
	Desejo de envelhecer juntos e cuidar dos filhos e netos	Desejo de envelhecer juntos e cuidar dos filhos e netos	Desejo de envelhecer juntos e cuidar dos filhos e netos	1	III	"estão sentados a observar os netos"
Partilha no casal comprometido os momentos bons e maus, sempre com a consciência das dificuldades mas felizes por estarem unidos	Partilha no casal comprometido os momentos bons e maus, sempre com a consciência das dificuldades mas felizes por estarem unidos	Partilha no casal comprometido os momentos bons e maus, sempre com a consciência das dificuldades mas felizes por estarem unidos	Consciência do casal das dificuldades que os espera durante a vida	2, 4	II	"É o que temos de reserva para a frente, há altos e baixos"
			Desejo do casal em partilhar as coisas boas e más em conjunto	2	III	"Mas nós temos que passar por tudo juntos"
			Identificação do casal com um casal idoso cansado da vida difícil mas felizes por ter deixado filhos e encontrarem-se unidos	2	II	"Eles têm um ar cansado, dá impressão que já passaram portanto na vida, com certeza, já deixaram filhos, ou vão deixar filhos, netos, e acho que estarem tão próximos um do outro com esta idade, é bom"
						"já passamos um cancro, já

			Consciência das dificuldades do casal desde que assumem um compromisso e a necessidade de perceberem que não existem só coisas boas	2, 4	II	“já passamos um tempo, já passamos muitas coisas, acho que quando as pessoas assumem uma vida a dois, casadas ou não, uma vida a dois tem que pensar nisso porque só coisas boas não é”.
Importância do apoio e companhia do cônjuge nos medos, obstáculos e dificuldades da esposa	Importância do apoio e companhia do cônjuge nos medos, obstáculos e dificuldades da esposa	Importância do apoio e companhia do cônjuge nos medos, obstáculos e dificuldades da esposa	Importância para a esposa do apoio e interesse do marido nas alturas de maior dificuldade	3, 2, 4, 5, 8	VI	“não for o marido, o pai a manifestar maior interesse a mãe como é que fica? Ainda mais abalada”
			Confiança da esposa que terá sempre a companhia e segurança do marido sempre que tiver qualquer medo	4, 7	I	“vou ter a ele e qualquer medo que eu tiver não vou ser eu sozinha vou ter sempre a ele”
			Importância do sentimento de apoio e segurança do cônjuge para ultrapassar os obstáculos que surgirão	4, 2, 3, 5	IV	“mas eu estou segura ao lado dele, sinto-me segura por isso uma pessoa pensa, não, isto vai correr bem porque temos apoio e tendo apoio uma pessoa consegue ultrapassar os obstáculos”
			Importância para a futura mãe mais sentir o apoio activo do cônjuge	2, 3, 4, 5, 8	VI	“É, e acho que ajuda no papel activo do pai na gravidez para nós futuras mães, é muito bom”
			Escolha de fotografia que transmite o companheirinho do casal e estarem sempre um para o outro, os dois com um mundo todo aparte.	4	II	“resume se a isso a companheirismo”

Cumplicidade, companheirismo, confiança, interesse e compreensão como elementos de longevidade do casal	Cumplicidade, companheirismo, confiança, interesse e compreensão como elementos de longevidade do casal	Cumplicidade, companheirismo, confiança, interesse e compreensão como elementos de longevidade do casal	Apesar da vinda do bebê, dos medos e frustrações do futuro incerto sabem que podem continuar a confiar um no outro	4	III	“Apesar de vir o bebe e sei lá, termos muitos medos e frustrações que se calhar devíamos ter pelo que virá... continuamos a saber que podemos confiar um no outro”
			Desejo do casal viver esta fase da cumplicidade e interesse como uma caminhada até atingir a velhice	3	III	“é uma fase, isto demonstra cumplicidade e interesse.. isto é uma caminhada até atingir..”
			Desejo de enquanto casal olharem sempre na mesma direcção	3	III	“também pode ser por ai, o olhar na mesma direcção”
			Cumplicidade e compreensão como elementos de longevidade do casamento	3	II	“só com cumplicidade é que se chega a esse ponto. Hoje em dia as coisas, ninguém está para aturar ninguém...compreensão”
Crença que o casal terá menos	Crença que o casal terá	Crença que o casal terá menos tempo	Exigência dos cuidados ao bebê retirará tempo para cuidar do pai	4	II	“o bebê assim o exige é um bocado a falta de tempo não digo para cuidar do pai”
			Menos horas para dormir	1, 2, 3, 5	V	“provavelmente vamos dormir menos”
			Menos tempo disponível entre o casal após o nascimento	2, 3, 5, 6	VII	“Se calhar o tempo disponível para o outro”

tempo para nutrir a relação conjugal, para dormir, para o lazer e terá de alterar as suas rotinas	menos tempo para nutrir a relação conjugal, para dormir, para o lazer e terá de alterar as suas rotinas	para nutrir a relação conjugal, para dormir, para o lazer e terá de alterar as suas rotinas	Nascimento do filho trará mudanças na rotina do casal como menos tempo para actividades de lazer	2, 6	III	“Acho que são as nossas rotinas vão mudar, não é? O facto de termos tempo para nos sentarmos no sofá a ver um filme do princípio ao fim”
			Nascimento do filho trará mudanças na rotina do casal como não dormir sem interrupções	2, 1, 3	IV	“quando formos para o quarto, para dormir agora, vai ser ir a um quarto ir a outro”
			Maior cansaço depois do nascimento	1	II	“ vamos andar mais cansados”
			Ficar mais tempo em casa após o nascimento do filho	3	IV	“pelo menos 1 ano, ainda hoje comentei com ela que vai ser assim passar o dia mais em casa”
			Diminuição do tempo entre o casal após o nascimento	3, 2, 6	IV	“Vamos ter menos tempo para nós”
Crença na centralidade da atenção do casal no bebé devido à sua urgência de cuidados	Crença na centralidade da atenção do casal no bebé devido à sua urgência de cuidados	Crença na centralidade da atenção do casal no bebé devido à sua urgência de cuidados	Após o nascimento o filho pedirá mais atenção, disponibilidade, carinho e amor	4, 3, 2	IV	“a nossa filha vai pedir mais atenção, disponibilidade, carinho, amor”
			Centralização da atenção da mãe no bebé após o nascimento	3, 4, 2	II	“a minha atenção vai mais para o bebé que é normal”
			Importância de serem pais atentos às necessidades do filho	3, 2	III	“sermos pais atentos”
			A atenção do casal é tendencialmente atraída para o bebé após o nascimento em detrimento da atenção para o cônjuge	2, 3, 4, 6	V	“vamos ter alguma coisa que vai atrair a nossa atenção para o bebé, e não tanto um para o outro”
			Nascimento do filho obrigará o casal a uma gestão de planos consoante as necessidades do bebé	2, 3	II	“nós vamos estar dependentes, se é possível ou não, se está bem o bebé, ou se não pode fazer a viagem, ou pode”
Mais responsabilidade enquanto futuros pais	Mais responsabilidade enquanto futuros pais	Mais responsabilidade enquanto futuros pais	Mais responsabilidade enquanto futuros pais	1, 2, 3, 4, 6	V	"Mais exigência para nós não é, mais responsabilidade, é natural"
			Crença que enquanto casal tudo correrá bem caso haja diálogo e partilha de desejo de atenção e afecto	4	II	“tem que haver diálogo e se algum tiver frustrado em alguma situação ou de atenção ou afecto acho que isso é uma coisa que se comunica”

Importância de continuar nutrir a relação conjugal após nascimento	Importância de continuar nutrir a relação conjugal após nascimento	Importância de continuar nutrir a relação conjugal após nascimento como não se envolver demasiado no bebé e não dar atenção à relação conjugal	Importância de não ficar demasiadamente envolvidos no filho e deixar de nutrir a relação conjugal	2, 3	III	“não podemos confundir, é assim, que nós não vamos estar só envolvidos só com a criança, e que nos esqueçamos como casal”
			Necessidade do casal não se esquecer de continuar a ser cônjuge depois do nascimento	1, 3, 4	IV	“...sem nos esquecermos de como somos como casal...”
			Importância de conciliar tempo para nutrir a relação conjugal depois do nascimento para não esgotar a relação	3, 2, 6	VI	“temos de conciliar e ter tempo também para nós senão a relação fica esgotada”
			Desejo que a prioridade dos cuidados ao bebé não interfira com o cuidado da relação conjugal	4, 2	IV	“vou ter de largar o que estou a fazer para ir ter com o bebé e isso é uma das grandes preocupações que espero que não interfira”
			Crença que se o casal se apoiar terá sempre tempo para nutrir a relação conjugal	4, 3,1	III	“o tempo se arranja sempre se houver apoio dos dois lados ou ajuda dos dois lados”
			Importância de rituais como casal como jantar fora e passear	1	II	“se resolvemos ir dar uma voltinha, vamos dar uma voltinha por nós”
Importância da união, intimidade, e partilha no casal na alegria da transição para a parentalidade	Importância da união, intimidade, e partilha no casal na alegria da transição para a parentalidade	Importância da união, intimidade, e partilha no casal na alegria e felicidade da transição para a parentalidade	Vinda do filho ajudará o casal independentemente se houver mais ou menos tempo para a relação conjugal e intimidade	4	II	“Acho que enquanto casal só nos vai ajudar é assim pode ter mais ou menos tempo para outras coisas, intimidades e assim”
			O casal deverá estar unido na centralidade do bebé e da atenção que receberá	2, 5	IV	“é a nossa atenção que vai estar unida na criança”
			Crença que se o pai ajudar e a mãe tiver disposta o nascimento do filho só pode ser uma coisa positiva	4	I	“pai ajudar e a mãe tiver disposta para isso acho que só pode ser uma coisa positiva”
			Casal feliz mesmo na gravidez	1	I	“... continuamos a ser um casal e feliz, graças a Deus”
			Gravidez como factor de fortalecimento do sentimento pelo cônjuge	1	I	“... sinto que a relação é muito mais forte”
Alegria do nascimento como melhor coisa que possa acontecer ao casal	1, 5	III	“...como sendo a melhor coisa que aconteceu”			

Importância de saberem educar e acompanhar juntos o filho numa geração diferente e exigente através os valores morais e cristãos	Importância de saberem educar e acompanhar juntos o filho numa geração diferente e exigente através os valores morais e cristãos	Importância de saberem educar e acompanhar juntos o filho numa geração diferente e exigente através os valores morais e cristãos	Importância de educar numa geração diferente	1	I	“... educar numa outra geração, geração muito diferente”
			Na actual geração exige dos pais uma responsabilidade redobrada	1, 5	I	“... acaba por ser uma responsabilidade redobrada”
			Importância de educar o filho nos valores cristãos transmitir aquilo que também eles aprenderam	2	I	“Por exemplo, se estivermos a falar da comunidade cristã ... acho que, vamos, pronto, algo diz que dentro de nós, que nós temos que temos que os educar naquele sentido”
			Importância dos pais estarem conscientes da necessidade de educar bem os filhos e acompanhá-los não só em casa mas também nas companhias que eles tiverem	3	II	“temos de estar conscientes e estar sempre prontos e tentar dar sempre a melhor educação possível, mas não só em casa, mas estar atento com companhias”
			Partilha comum do casal em serem eles os únicos a cuidarem da filha, não delegando a responsabilidade a outrem	4	III	“defendemos o mesmo valor é a nossa filha nós cuidamos dela nós somos os responsáveis por ela”
			Desejo do casal educar sozinhos a filha onde aprenderá tudo	4	I	“a nossa filha vai se educada por nós, não é, é connosco que vai aprender tudo...”
Enquanto homem o nascimento trará mais responsabilidade sobretudo financeira	Enquanto homem o nascimento trará mais responsabilidade sobretudo financeira	Enquanto homem o nascimento trará mais responsabilidade sobretudo financeira	Como homem vai continuar a ser como era mas com a responsabilidade de ser pai	1	I	“... vou continuar a ser como era mas agora com outra responsabilidade, vou ser pai”
			Enquanto homem após nascimento terá mais responsabilidade	4	I	“mais responsabilidade”
			Preocupação monetária do futuro pai para que nada falte à família	4	I	“homem há sempre a preocupação será que vai faltar alguma coisa será que eu vou estar a altura, acho que isso é uma coisa mais de homens”
			Enquanto homem após nascimento exigirá mais maturidade	4	I	“mais maturidade”

Mudanças enquanto homem a nível de responsabilidade acrescida, maior crescimento em maturidade e importância de educar e transmitir valores e desconhecimento das mudanças pela novidade da experiência	Enquanto homem o nascimento dará mais maturidade e mudará o modo de ver as coisas como a mudança de prioridades e maior importância do filho	Enquanto homem o nascimento dará mais maturidade e mudará o modo de ver as coisas como a mudança de prioridades e maior importância do filho	Enquanto homem após nascimento mudará a sua vida e a forma de ver as coisas	4	I	“vai ser algo que vai mudar muito a minha vida e a forma como se calhar vou ver as coisas”
			Enquanto homem após o nascimento certas coisas deixam de ser prioritárias como o trabalho e o filho assume maior importância	4	III	“uma pessoa quando é pai há certas coisas que deixam de ser prioritárias ou ser o centro da nossa atenção às vezes como o trabalho”
			Ser pai como algo novo	1	I	“para mim é uma coisa nova”
			Desde o momento que se é pai há alguma coisa diferente que os move	4	I	“desde o momento que somos pais que há ali alguma coisa diferente que nos move”
	Como pai, após nascimento exigirá a educação e a transmissão de valores ao filho	Como pai, após nascimento exigirá a educação e a transmissão de valores ao filho	Desejo que os filhos saibam aprender o que o pai tentará transmitir	3	I	“que saibam aprender o que eu tentarei transmitir”
			Como futuro pai terá de saber educar	1	I	“... o educar”
			Passar da transmissão dos valores aos irmãos mais novos para o filho que vai nascer	1	I	“... eu tenho irmãos mais novos , portanto tentei transmitir-lhes os valores que foram transmitidos a mim. E agora vou ter que transmitir ao meu filho”
	Dificuldade de imaginar as mudanças futuras pela novidade da experiência	Dificuldade de imaginar as mudanças futuras pela novidade da experiência	Dificuldade de imaginar as mudanças futuras pela novidade da experiência	2	II	“Ainda não tenho a experiência”
			Falar de mudanças após o nascimento ainda é prematuro	1	I	“neste momento acho que é prematuro estar a falar disso”
	Mudanças enquanto mulher associadas a uma maior	Como mulher terá mais responsabilidade e crescimento	Como mulher terá mais responsabilidade e crescimento	Enquanto mulher terá outra responsabilidade após nascimento	4, 6	II
Crença que enquanto mulher crescerá muito e irá gostar após nascimento				4	I	“mas acho que vou crescer muito e vou gostar”
Como mulher mudará a personalidade, a forma de pensar e ficará mais calma		Como mulher mudará a personalidade, a forma de pensar e ficará mais calma	Enquanto mulher mudará o modo de fazer as coisas e de pensar após nascimento	4	I	“vou mudar muitas maneiras de fazer as coisas e de pensar “
			Enquanto mulher mudará a personalidade, ficará mais calma e tranquila após nascimento	4	I	“mudar muitos aspectos se calhar da minha personalidade, penso que serei mais calma, mais tranquila”

responsabilidade, crescimento, mudança de personalidade e forma de pensar, a importância de transmitir valores e não centralizar a atenção no filho e a dificuldade de perceber as mudanças pela novidade da experiência	Importância de não centralizar a atenção só no filho e transmitir-lhe valores	Importância de não centralizar a atenção só no filho e transmitir-lhe valores	Desejo de não centralizar a atenção só no filho	1	VI	“... fazer um esforço para que apesar do nosso filho ser uma prioridade poderá andar à nossa volta mas não pode ser o centro de tudo”	
			O centro da família é o casal não o filho	1	I	“... porque o centro somos nós”	
			Importância de transmitir os valores aos mais novos	1	I	“... tinha essa ideia de transmitir valores e acabei por fazer isso com os meus primos”	
	Falar de mudanças como mulher após o nascimento ainda é prematuro dada a novidade da experiência	Falar de mudanças como mulher após o nascimento ainda é prematuro dada a novidade da experiência	Falar de mudanças enquanto mulher	Novidade da experiência em ser mãe não permite imaginar quais sejam as mudanças enquanto mulher	1	I	“o que me vai acontecer enquanto mulher não sei, é uma realidade totalmente nova”
				Falar de mudanças após o nascimento ainda é prematuro	1	I	“neste momento acho que é prematuro estar a falar disso”
		Desconhecimento das mudanças do casal enquanto filho	Desconhecimento das mudanças do casal enquanto filho	Desconhecimento das mudanças do casal enquanto filho	1	II	“não sei se vai mudar grande coisa”
Desejo que a relação de proximidade com os pais não mude pelo facto de ser mãe		Desejo que a relação de proximidade com os pais não mude pelo facto de ser mãe	Desejo que a relação de proximidade com os pais não mude pelo facto de ser mãe	1	I	“... a relação com a minha mãe é muito especial, muito próxima...continuará tudo igual”	
Casal agradecerá aos pais por tudo o que fizeram por si e dará mais valor à família passando mais tempo com eles e fazendo perguntas		Casal agradecerá aos pais por tudo o que fizeram por si e dará mais valor à família passando mais tempo com eles e fazendo perguntas		Crença que após serem pais agradecerão aos seus pais por tudo aquilo que fizeram por si	2,3, 4, 5	VIII	“eu vou dar muito mais valor aquilo que os meus pais me fizeram depois de ser mãe”
				Casal enquanto filho dará mais valor àquilo que os seus pais lhes diziam	3	II	“vamos dar mais valor ao que os nossos pais nos diziam”
				Enquanto filhos o casal agora dá mais valor à família	4	II	“acho que damos muito valor à família”
				Enquanto filhos o casal começa a dar valor e a passar mais tempo com os pais a fazer perguntas	4	II	“começamos a dar valor a querer passar tempo com os pais a fazer perguntas”
				Casal enquanto filho reconhecerá as dificuldades de ser pais e pelo que eles passaram	3, 5	III	“vamos reconhecer mais ainda a vida dos nossos pais e que não é fácil”

Mudanças enquanto filhos associado a um desconhecimento das mudanças, um desejo que a relação parental continue próxima, a crença que após nascimento a forma de ver os pais muda, e o casal reconhecerá e agradecerá por tudo o que os pais fizeram por si e desejam passar mais tempo com eles, ao mesmo tempo que pretendem ser autónomos e transmitir os valores recebidos aos seus filhos	Reconhecimento das dificuldades passadas pelos seus pais e pedir desculpa pelos actos de rebeldia que os fizeram passar	Reconhecimento das dificuldades passadas pelos seus pais e pedir desculpa pelos actos de rebeldia que os fizeram passar	Nascimento do filho fará com que o casal perceba melhor os seus pais e peçam desculpa enquanto filhos	2	II	"como filhos, vamos ter vontade de pedir desculpa aos nossos pais"	
			Enquanto filhos o casal reconhece agora as reacções de rebeldia que tinham e o que os pais passaram com eles	4	II	aqueles reacções que tínhamos com os pais se calhar de rebeldia, pensamos realmente eles... começamos a ver o que os pais passam"	
	Casal enquanto filho irá reflectir e dar os ensinamentos recebidos pelos seus pais	Casal enquanto filho irá reflectir e dar os ensinamentos recebidos pelos seus pais	Casal enquanto filho irá reflectir e dar os ensinamentos recebidos pelos seus pais	3	II	"nós vamos dizer aos nossos filhos ou reflectir nelas, reflectir nessas mesmas coisas que nos diziam"	
	Enquanto filhos existirá uma aproximação gradual à família de origem na qualidade do tempo juntos e na partilha de dúvidas e apoio		Enquanto filhos existirá uma aproximação gradual à família de origem na qualidade do tempo juntos e na partilha de dúvidas e apoio	Enquanto filhos o casal reconhece que a relação com os pais melhorou 50%	4	I	"subiu a 50%"
				Enquanto filhos o casal começa a perguntar como foi a sua experiência de pais, como nasceram, quanto pesavam, como nasceram	4	I	"como foi contigo? Que dificuldades tiveste? Quanto é que eu pesava? Como é que eu nasci?"
				Enquanto filhos o casal sente que está a crescer mas sente que os conselhos das suas mães são muito importantes	4	I	"estamos a crescer vamos ser mais também, mas também os conselhos das nossas mães são muito importantes"
				Enquanto filhos o casal sente o apoio dos pais a vê-los crescer e a envelhecerem	4	I	"apoio eles estarem lá para nós começamos a ver que estamos a crescer e os nossos pais a envelhecer"
	Casal mais maduro e em crescimento na responsabilidade e autonomia face à família de origem apesar da aproximação emocional existe o desejo do casal se		Casal mais maduro e em crescimento na responsabilidade e autonomia face à família de origem apesar da aproximação emocional existe o desejo do casal se	Enquanto filhos o casal está diferente, mais maduros, em que a mãe já sente que pode ter uma conversa a sério com a filha	4	I	"enquanto filhos acho que melhorei mesmo a minha mãe diz: tu estás muito diferente estás muito mais madura já se pode ter uma conversa contigo"
				Enquanto filhos o casal sente que está mais responsável porque são eles que conduzem a sua vida fora de casa dos pais	4	I	"Somos nós que seguramos a nossa vida agora"

	sentir capaz de viver independente	independente	Enquanto filhos o casal quer passar a imagem aos pais que está tudo bem, que não precisam de se preocupar com eles que são capazes	4	I	“depois queremos passar essa imagem que está tudo bem, que não têm de se preocupar connosco”
	Poucas mudanças em relação à comunidade social após o nascimento do filho	Poucas mudanças em relação à comunidade social após o nascimento do filho	Poucas mudanças em relação à comunidade social após o nascimento do filho	1, 6	III	“... a forma como vivemos em comunidade...eu acho que não irá mudar”
	Obrigatoriedade de inserção da filha na comunidade social envolvente como os pais	Assim como os pais estão muito envolvidos na comunidade querem que a filha também seja	Obrigatoriedade de inserção da filha na comunidade social envolvente como os pais	6, 4 8	IV	"Se ela não quiser, mas inicialmente há-de ser porque é imposição nossa. "
	Enquanto membros de uma comunidade social haverá um afastamento no início mas gradualmente integrar-se-ão	Enquanto membros de uma comunidade social haverá um afastamento no início mas gradualmente integrar-se-ão	Enquanto membros de uma comunidade social haverá um afastamento no início mas gradualmente integrar-se-ão	5, 7	II	"vamos ter que nos desligar um bocadinho pois não poderemos andar tanto em saídas, mas com o tempo vamos nos integrar normalmente"
	Necessidade de transmissão para o futuro filho da realidade difícil do mundo e não só carinho conciliando afecto e responsabilidade social	Necessidade de transmissão para o futuro filho da realidade difícil do mundo e não só carinho conciliando afecto e responsabilidade social	Necessidade de transmissão para o futuro filho da realidade difícil do mundo e não só carinho	1	IV	“eu quero dar o carinho que puder ao meu filho mas também com consciência e com o cuidado que ele tem para mais tarde conhecer a realidade”
			Conciliação entre afecto e responsabilidade social na relação com o filho	1	II	“... a forma como vivemos em comunidade...eu acho que não irá mudar”
	Necessidade de educar o filho com responsabilidade e	Necessidade de educar o filho com	Necessidade de ensinar o filho a viver em comunidade assim como os pais foram ensinados	1	II	“... como nós fomos ensinados a viver em comunidade, ensinámo-lo a ele também”
Necessidade de limites e regras ao filho na convivência social			1	II	“... a questão dos limites... gostamos muito dele mas tem de saber comportar-se”	

<p>Mudanças enquanto membros de uma comunidade social existe a necessidade do casal das a conhecer ao filho a realidade, educa-lo na conciliação entre afecto e responsabilidade social, existência de uma maior ligação do casal à sociedade preocupando-se por ser exemplo</p>	ensiná-lo a viver numa sociedade que normalmente não assume o seu papel de pais educadores e delega aos outros	responsabilidade e ensiná-lo a viver numa sociedade que normalmente não assume o seu papel de pais educadores e delega aos outros	A sociedade delega as responsabilidades da educação apenas à escola demitindo-se da sua responsabilidade enquanto pais	3	III	“hoje em dia os pais pensam que a escola é que é, os professores é que são os educadores dos filhos e esquecem muitas vezes da responsabilidade”
			Crença que o aumento dos problemas na escola está ligado ao mau desempenho dos pais enquanto educadores	3	II	“há muitos problemas porque não desempenham o seu papel em casa, que é preocuparem-se com os filhos e saber educá-los”
			Necessidade do casal preocupar-se mais com o futuro do país e sociedade tendo em vista a integração futura dos filhos	2, 5	III	“vamos começar a pensar mais, no futuro... no futuro mais longínquo, que mexa com o futuro dos nossos filhos, do nosso filho”
			Enquanto membros de uma comunidade social é mais uma família que se está a formar	2	I	“Acho que é mais uma família que se está a formar”
			Enquanto membros de uma comunidade social o casal sente-se mais activo e sente o dever de contribuir de forma diferente para a sociedade agora que terá a responsabilidade de educar uma criança	4	I	“sinto-me mais activo, agora que vou ser pai tenho que contribuir de uma forma diferente para a sociedade a partir do momento que vou educar uma criança, sinto-me mais responsável, mais activo”
			Enquanto membros de uma comunidade social o casal sente a necessidade de ser mais responsável na ajuda ao próximo	4	I	“Sentimos outra maneira de estar, se calhar mais responsáveis na ajuda ao próximo”
	<p>Maiores ligação do casal à comunidade contribuindo com mais uma família e ser</p>	<p>Maiores ligação do casal à comunidade contribuindo com mais uma família e</p>				

	<p>com mais uma filha a ser formada e sentindo a responsabilidade de educar, ser exemplo enquanto casal comprometido e ajudar o próximo</p>	<p>com mais uma filha a ser formada e sentindo a responsabilidade de educar, ser exemplo enquanto casal comprometido e ajudar o próximo</p>	<p>Enquanto membros de uma comunidade social o casal sente que passar de solteiros a casados faz uma grande diferença na responsabilidade social apesar de não saber porque isso acontece</p>	4	II	<p>“estado civil mudar de solteiro para casado faz uma grande diferença, não sei porque que isso acontece”</p>
			<p>Enquanto membros de uma comunidade social o casal sente que sendo casados e futuros pais fazem questão de crescer e evoluir na responsabilidade</p>	4	I	<p>“Somos casados, vamos ser pais fazemos questão de mostrar a sociedade a nossa responsabilidade”</p>
			<p>Enquanto membros de uma comunidade social o casal sente que têm de ser exemplo de comportamento na sociedade</p>	4	I	<p>“vamos ser pais temos que dar o exemplo não nos podemos comportar como quando andávamos na universidade”</p>
	<p>Inesperada confirmação devido ao sentimento de não</p>	<p>Inesperada confirmação da gravidez devido ao sentimento de não estar à</p>	<p>Gravidez desejada mas não esperada</p>	1	V	<p>“eu não estava à espera”</p>
			<p>Receio em contar ao marido aquando dos primeiros sintomas de gravidez para não criar falsas expectativas</p>	1	II	<p>“...quando comecei a ver que havia essa possibilidade calei-me. Não disse logo porque pensei assim: depois é um desgosto”</p>

estar à espera nem planeada	espera nem planeada	Notícia da gravidez deixou esposa muito assustada, não pela falta de apoio mas por não estar à espera	4	I	“fiquei muito assustada no primeiro dia, não assustada porque sabia que não me ia faltar apoio mas porque não estava a espera”.
		Notícia da gravidez foi um choque porque não foi planeado	4	II	“foi um choque porque não foi planeado”
Incredulidade do casal ao ver o teste positivo e a dificuldade do pai exprimir as emoções	Incredulidade do casal ao ver o teste positivo e a dificuldade do pai exprimir as emoções	Incredulidade do casal ao verem o teste de gravidez	1	III	“bem, não se quer acreditar, não se quer acreditar”
		Dificuldade do pai em exprimir as emoções da notícia da gravidez	1	II	“naquele dia eu lembro-me que quando me deitei estava muito, muito...”
Felicidade e alegria pela confirmação e o desejo de contar a toda a gente	Felicidade e alegria pela confirmação e o desejo de contar a toda a gente mesmo	Desejo de gritar e contar a toda a gente a boa notícia da gravidez	1, 2	V	“...é uma vontade de gritar, de contar a toda a gente”
		Enorme alegria do casal aquando da confirmação da gravidez desejando contar a toda a gente	2, 3, 1	V	“Ficamos muito contentes, só nos apetecia dizer a toda a gente”
		Após confirmação veio a partilha da notícia às pessoas mais próximas mesmo antes de contar ao médico	2	III	“durante o dia contamos as pessoas mais próximas, apesar de ainda não ter dito ao médico”
		Sentimento de felicidade aquando da notícia da gravidez	1, 2, 3, 5	IX	“fiquei muito feliz...nem consegui disfarçar”
		Alegria do casal pela confirmação da gravidez	2,3,1, 6, 7, 8	VIII	“ficamos todos contentes, e foi, à noite, foi perto do natal”
		Felicidade do casal pela confirmação de terem conseguido engravidar	2,1,3,5, 8	V	“fomos para a cama, assim todos... todos contentes...que conseguimos, com muita felicidade”
		Comemoração da notícia jantando fora	6, 1	II	"Claro que já não fiz o jantar, não já tivemos de ir jantar fora"
		Felicidade e alegria aquando da confirmação da gravidez	3,2, 5, 7, 8	VIII	“foi muito bom, muita alegria, muita felicidade”
Confirmação da gravidez fruto de tentativas	Confirmação da gravidez fruto de	Confirmação da gravidez fruto de 3 meses de tentativas com enorme desejo de engravidar	2	I	nós já estávamos a desconfiar desde algum tempo, é assim, quando uma pessoa está muito à espera”

Confirmação da gravidez associada a uma notícia inesperada, incredulidade do casal, felicidade pela notícia e desejo de contar a toda a gente, gravidez fruto de várias tentativas falhadas e notícia como um misto de sentimentos de alegria e pânico	fruto de tentativas frustradas e com enorme desejo de engravidar	tentativas frustradas e com enorme desejo de engravidar	Desilusão do casal nos meses que tentavam e não conseguiam engravidar	2	I	“aquele primeiro segundo mês, eu achava que não vinha o período, ficávamos sempre um bocadinho desiludidos, os dois”
			Misto de sentimentos aquando da confirmação da gravidez, alegria e medo	3, 1, 6	V	“muita alegria mas ao mesmo tempo muito medo”
			Insegurança e receio que algo corra mal na gravidez devido a experiência negativa anterior	3	II	“apesar de pensar desta vez vai correr bem há sempre a hipótese de correr mal, há sempre aquele receio”
			Choque no casal pela possibilidade do filho nascer com deficiência	3	III	“houve a possibilidade de o bebé sofrer de Síndrome de Dawn de trissomia 21 então pronto foi logo outro choque”.
			Confirmação da gravidez como um misto de sentimentos entre o choque da surpresa e pela alegria de ser mãe como sempre desejou	4	II	“Eu sempre quis ser mãe apesar de no momento ter sido um choque foi também uma grande alegria porque queria ser mãe”
			Confirmação da gravidez marcada primeiro pelo susto, medo, pensar nas alterações corporais mas depois começa a ser uma experiência muito boa	4	I	“primeiro o susto, uma pessoa começa a pensar nas alterações do corpo, é um medo mas depois começa a ser muito bom, uma experiência muito boa”

	<p>Confirmação da gravidez suscitou um misto de sentimentos, alegria e pânico que algo corra mal</p>	<p>Confirmação da gravidez suscitou um misto de sentimentos, alegria e pânico que algo corra mal</p>	<p>Confirmação da gravidez deixou o pai confiante e otimista no primeiro dia, mas depois começa o pânico de como seria, mil e uma coisas a passar pela cabeça</p>	<p>4</p>	<p>I</p>	<p>“Eu acalmei no primeiro dia “está tudo bem, somos capazes isto vai ser como ginjas” não se passa nada, mas a partir do segundo dia tive eu a fase complicada que eu pensava muito nas coisas como é que ia ser, e era um bocado de tudo, passaram mil e uma coisas pela cabeça e eu entrei um pouco em pânico”</p>
			<p>Confirmação da gravidez deixou o pai como medo das coisas que iriam mudar e a responsabilidade acrescida</p>	<p>4</p>	<p>I</p>	<p>“vou ser pai e as coisas mudam, a responsabilidade é outra”</p>
			<p>Emagrecimento, tensão e medo enquanto não sabia se o bebé tinha ou não deficiência</p>	<p>3</p>	<p>I</p>	<p>“em vez de engordar acho que ainda emagreci porque andava nervosa, tensa mesmo, com medo que não tivesse tudo bem”</p>
			<p>Tempo de angústia no casal enquanto não souberam o resultado favorável do exame da não deficiência fetal</p>	<p>3</p>	<p>I</p>	<p>"depois foi um mês e tal de angustia e de espera até poder fazer o exame para depois mais dez dias para saber o resultado do exame"</p>

	Incapacidade do casal imaginar como seja o filho quer física quer psicologicamente, sendo o filho como uma graça, uma tentativa de imaginá-lo na barriga e imaginário do filho pelo toque	Incapacidade do casal imaginar como seja o filho quer física quer psicologicamente, sendo o filho como uma graça, uma tentativa de imaginá-lo na barriga e imaginário do filho pelo toque	Incapacidade de imaginar o futuro filho	1, 6	III	“não consigo imaginar como será”
			Incapacidade da mãe imaginar a cara do filho	2	I	“eu não consigo imaginar assim uma cara”
			Incapacidade da mãe imaginar com quem será parecido o seu filho e como será a sua personalidade	2	I	“não consigo imaginar, se é parecido com a mãe, se é parecido com o pai, se vai ter mau feitio, se não vai ter”
			Impossibilidade de imaginar como será o filho quer física quer psicologicamente	3	III	“Agora não sei se terá olhos azuis, não tenho uma ideia definida... psicologicamente também não”.
			A vinda do filho como uma graça de Deus	1	I	“... continuamos a ser um casal e feliz, graças a Deus
			Sentimento das reacções do bebé através do toque e movimentos da barriga	1	II	“quando estou a fazer alguma coisa e ele se começa a mexer é óbvio que a gente diz logo: ele está a gostar ou está a detestar”
			Tentativa do pai em imaginar o filho dentro da barriga	1	II	“já tentei imaginá-lo ainda dentro da barriga”
			Nascimento do filho como um prodígio	2	I	“será um menino, um prodígio”
			Desejo que o filho seja bonito, inteligente e seja o orgulho dos pais	3, 5	III	“Queria que fosse uma criança bonita e ser o orgulho dos pais”
			Imaginação do filho como sendo brincalhão como o pai	2, 6	II	“pequenino, e se sair igual ao pai vai ser um bocado traquinas”
			Certeza que o filho será carinhoso pelo miminho que receberá da mãe	3	I	“carinhosa isso vai ser, a mãe dá muito miminho vai ter de ser carinhosa”
			O casal imagina a sua filha com personalidade própria com confiança para fazer o que desejar mas com boas bases	4	III	“que tenha a sua personalidade, que tenha asas para fazer o que quiser mas tem que ter boas bases”

Imaginário do casal sobre o futuro filho associado à dificuldade de imaginar física e psicologicamente, imagem do filho já nascido, desejo de qualidades de personalidade e físicas e a importância da educação e transmissão de valores	Imaginário das qualidades físicas, emocionais e personalidade do filho como sendo bonito, inteligente, personalidade própria, delicado, brincalhão, com boas bases	Imaginário das qualidades físicas, emocionais e personalidade do filho como sendo bonito, inteligente, personalidade própria, delicado, brincalhão, com boas bases	O pai imagina que a filha será uma criança que acreditará na magia das coisas e que seja delicada como a mãe	4	II	“vai ser uma criança que vai acreditar em tudo, na magia das coisas, gostava que fosse delicada como a mãe”
			Desejo do pai que a filha seja sensível como a mãe e que expresse as coisas que às vezes não damos valor	4	III	“gostava que a nossa filha fosse assim soubesse expressar estas coisas do dia-a-dia, que às vezes não damos valor”
			Desejo do pai que a filha seja fisicamente como a mãe, alta e loira de olhos azuis	4	II	“Em termos de visual físico, imagino-a como a mãe, loira e de olhos azuis, imagino-a alta também”
Preocupações centradas nas questões de saúde do bebê e o desejo que nasça sem problemas	Preocupações centradas nas questões de saúde do bebê e o desejo que nasça sem problemas	Preocupações centradas nas questões de saúde do bebê e o desejo que nasça sem problemas	Principal preocupação dos pais nesta fase prende-se com a saúde e “perfeição” do filho	2,3, 5, 6, 7	VI	“Agora é mais de ser perfeito ou não... e ter saúde, que nasça com saúde”
			Preocupação maior do pai neste momento prende-se ao desejo que a gravidez corra bem e que o filho nasça sem problemas	3,2, 6, 7, 8	VI	“minha preocupação maior é primeiro que corra tudo bem e que continue a correr tudo bem até ao fim, que seja um bebê perfeito”
Imagem do filho como já nascido e educado com os valores transmitidos pelos pais	Imagem do filho como já nascido e educado com os valores transmitidos pelos pais	Imagem do filho como já nascido e educado com os valores transmitidos pelos pais	Pai já sonha com o filho, já nascido, bebê	2	II	“ele até já sonha com isso, mas no bebê”
			Imagem da mãe do seu filho enquanto bebê pequenino que só dá vontade de estar com ele ao colo	2	II	“imagino um bebezinho pequenino, recém nascido, pequenino, que só apetece pegar nele”
			O casal imagina a filha como sendo bem educada uma vez que sentem que têm valores parecidos	4	III	“Nós imaginamos que ela seja muito bem-educada porque nós temos valores muito parecidos”

			Crença de que a personalidade do bebé surge da conciliação entre a transmissão dos pais e da educação posterior que terá	1	III	“acho ao mesmo tempo que o feito é uma coisa que pode vir já um bocadinho em nós mas também passa muitíssimo pela educação que se dá”
Importância da educação e transmissão dos valores para que o filho possa viver saudavelmente em sociedade onde o meio tem uma influência preponderante	Importância da educação e transmissão dos valores para que o filho possa viver saudavelmente em sociedade onde o meio tem uma influência preponderante	Importância da educação e transmissão dos valores para que o filho possa viver saudavelmente em sociedade onde o meio tem uma influência preponderante	Importância da educação parental na formação da personalidade do filho	1	III	“...ele vai ser aquilo vai depender da nossa ajuda e vai depender da nossa educação”
			O filho será influenciado pela educação dos pais e pelo meio envolvente	3	II	“depois vai ser mediante o que nós ensinamos porque o meio influencia”
			Dever dos pais transmitirem os melhores valores ao filho	3	I	“temos de transmitir os melhores valores”
			Apesar da herança genética a grande percentagem de influência na criança está ligada ao meio onde nasce, cresce e vive	3	II	“Há a carga genética mas depois grande percentagem é do meio onde a criança é desenvolvida, onde nasce, cresce”
			O casal já tem um objectivo traçado de como a devem educar	4	III	“Temos já os dois, um objectivo traçado de como a deveremos educar”
			Preocupação dos futuros pais do meio e amigos onde a filha se irá inserir	4	II	“preocupa-nos muito onde é que ela se vai inserir que tipo de amigos vai ter”.
Centralidade da atenção na	Centralidade da atenção na mulher	Centralidade da atenção na mulher	Imagem da gravidez como algo feminino uma vez que é ela que passa pelas dores do parto e amamentação	1	VI	“é a mãe que está grávida, é a mãe que passa pelas dores do parto...dá de mamar...no fundo é a natureza”
			Crença de que até há bem pouco tempo o pai estava distanciado do processo da gravidez e não participava nas consultas e ecografias indo a grávida sozinha	2, 4	III	“porque acho até há bem pouco tempo e ainda é, o facto da mulher ir sozinha às consultas, ir sozinha às ecografias, se calhar mostra um certo distanciamento do pai”.
			Destaque na sociedade do papel da mãe na gravidez	3, 4, 5, 7, 8	VI	“Penso que se dá mais destaque ao papel da mãe”
			Centralidade do papel da mãe na gravidez por assumir maior preocupação no crescimento do filho	3, 4, 5, 8	II	“porque se calhar há uma preocupação maior da parte da mãe e acaba por se dar mais destaque ao papel da mãe e se calhar será muito verdade”

<p>Imagem da sociedade acerca do papel do pai na gravidez associado à centralidade da mulher grávida, o homem colocado de parte desta fase apesar de uma gradual transformação da sociedade nesse sentido, sendo necessário mudar ainda mentalidades para tornar o pai mais presente</p>	mulher grávida quer socialmente quer a nível de acompanhamento médico	mulher grávida quer socialmente quer a nível de acompanhamento médico	Existe uma vantagem de direitos à mãe porque a sociedade acredita que a mãe é mais imprescindível à criança do que o pai	3	II	“nível da sociedade já existe uma ideia que faz mais falta a mãe que o pai propriamente”
			Crença que o papel do pai em termos médicos resume-se muito em ecografias e consultas médicas	4	II	“em termos médicos, esta fase resume-se muito em ecografias, consultas médicas”
			Desacordo com a centralidade da grávida, o pai apenas é o suporte sendo requisitado para tudo	4	II	“não sou o centro, importante como ela, ela é que carrega a criança mas eu sou sempre requisitado para tudo”
			Passividade e solidão do pai na gravidez	1	II	“passivo, solitário talvez”
			Os homens têm de ter um papel porque é um elemento de interajuda e coesão	6, 4, 8,	III	"os homens também têm de ter um papel, é uma entreajuda da coesão"
			Crença que a maioria dos homens pensam que a mulher tem de desenrascar-se nesta fase	6	II	"na forma de pensar da maior parte dos homens, as mulheres têm que se desenrascar"
			Crença de que até há bem pouco tempo o pai estava distanciado do processo da gravidez e não participava nas consultas e ecografias indo a grávida sozinha	2, 4	II	“porque acho até há bem pouco tempo e ainda é, o facto da mulher ir sozinha às consultas, ir sozinha às ecografias, se calhar mostra um certo distanciamento do pai”.
			Crença de que o pai tem um papel passivo e solitário na gravidez passando um pouco ao lado desta fase mesmo em termos médicos parece existir uma contradição entre a	4	II	“Não é muito destacado, pelo menos na minha opinião, é uma figura que ainda passa um bocadinho ao lado”
			Crença de que o pai tem um papel passivo e solitário na gravidez passando um pouco ao lado desta fase mesmo em termos médicos parece existir uma contradição entre a			

	Existir uma contradição entre a importância e a real presença na gravidez	importância e a real presença na gravidez	Crença que o papel do pai em termos médicos resume-se muito em ecografias e consultas médicas	4	II	“em termos médicos, esta fase resume-se muito em ecografias, consultas médicas”
			Contradição por parte dos serviços médicos que por vezes deixam o pai de lado do processo e outras vezes falam da importância nas aulas de preparação para o parto	4	III	Alguns médicos fazem questão de dizer “agora é só para a mãe, o pai vai ter que esperar” acho que é uma coisa errada, mas por outro lado contradizem-se porque nas aulas de preparação dizem “ai o pai tem que vir, o pai é uma peça fundamental”
	Crença que a imagem da sociedade está em transformação relativamente à maior importância na gravidez associado à mudança gradual das leis da paternidade	Crença que a imagem da sociedade está em transformação relativamente à maior importância na gravidez associado à mudança gradual das leis da paternidade	Transformação do papel do pai na gravidez ao longo dos anos	1, 2, 3,4, 5, 6, 7, 8	IV	“acho que já se contribui para essa ideia do papel do pai”
			A imagem do papel do pai na gravidez tem mudado um pouco estando o pai mais participativo	2, 1, 3, 4,5, 6, 7, 8	X	“acho que tem mudado um bocadinho”
			Crença que a sociedade está a mudar em relação à participação do pai através das formações e aulas de preparação	4, 3, 2,	IV	“a sociedade está a mudar um pouco em relação a isso, falta fazer muita coisa mas também vão fazendo aos pouquinhos porque antes não havia essas formações”
			Crença que os novos pais estão mais envolvidos e tiram licença de paternidade	3, 5, 2	III	“mas agora também já há pais que tiram licença de paternidade e agora os pais, estes novos pais”
			Importância do governo e das mudanças legais que dão mais direitos ao pai	1	II	“tem havido um esforço por parte dos governantes em dar um papel mais importante”
	Necessidade da sociedade ir mudando mentalidades no que concerne às leis laborais que impedem o homem de participar e a importância de	Necessidade da sociedade ir mudando mentalidades no que concerne às leis laborais que impedem o homem de participar e a importância de se criarem mais programas de incentivo à	Crença do pai que a sociedade precisar de mudar mentalidades para que os homens possam viver a felicidade de serem pais	4, 5, 7, 8	III	“a nossa sociedade precisa mudar é que os homens também tem felicidade em ser pais”
			Crença de que a sociedade tem o dever de fazer mudar a mentalidade	4, 6, 7, 8	II	“a própria sociedade é que tem que fazer mudar as opiniões”

	se criarem mais programas de incentivo à participação	participação paterna	dever de fazer mudar a mentalidade e criar propagandas para a	4, 6, 7, 8	II	que fazer mudar, os próprios centros de saúde é que tem
Desenvolvimento do sonho de ser pai desde cedo, pelo desejo de educar e transmitir valores e pela descoberta de outro tipo de amor	Desejo precoce da paternidade desde a adolescência, tempo de solteiros e pelo nascimento dos sobrinhos	Desejo precoce da paternidade desde a adolescência, tempo de solteiros e pelo nascimento dos sobrinhos	Desenvolvimento do sonho de casar e ser pai desde a adolescência	1, 2, 5, 7	IV	"...casar cedo e ter filhos o mais cedo possível"
			A maturidade e responsabilidade precoce do marido como explicação para o desejo de ser pai	1, 4	III	"...foi sempre uma pessoa muito responsável...crescido... conseguia ver as coisas de forma diferente dos amigos da mesma idade"
			Desde solteiros e recém-casados o cônjuge falava em ser pai mais do que a esposa	2	II	"Quando éramos solteiros e recém-casados ele falava muito em ser pai mais do que eu"
			Sonho em ser pai desde sempre como forma de transmitir para uma nova geração o melhor de si	3	II	"era um objectivo desde sempre ter os meus próprios filhos também e ter essa responsabilidade de tentar pelo menos passar o melhor de mim para eles"
			Sonho em ser pai foi despertando desde que os sobrinhos foram crescendo	4, 8	II	"desde que comecei a ver os meus sobrinhos crescer, foi despertando em mim qualquer coisa"
	Ser pai como um desejo e sonho desde sempre independentemente de quando seria	Ser pai como um desejo e sonho desde sempre independentemente de quando seria	Ser pai como um desejo e sonho desde sempre independentemente de quando seria	2, 5, 6	V	"Era uma coisa sempre quis, ser pai, mais cedo ou mais tarde tinha que o ser"
	Ser pai como um objectivo principal de todos em constituir família	Ser pai como um objectivo principal de todos em constituir família	Ser pai como um objectivo principal de todos em constituir família	6, 2	II	"que deveria ser um objectivo principal de todos nós, constituir família"
Sonho de ser pai para ter histórias para contar aos netos	Sonho de ser pai para ter histórias para contar aos netos	Sonho de ser pai para ter histórias para contar aos netos	6	II	"Eu sempre disse, tenho de ter alguma coisa para contar aos netos"	

	Sonho em ser pai para educar e formar os filhos para serem pessoas de bem	Sonho em ser pai para educar e formar os filhos para serem pessoas de bem	Sonho em ser pai para educar e formar os filhos para serem pessoas de bem	3, 7	II	“tentar educar e que sejam pessoas de bem”
	Vendo os sobrinhos o pai começa a pensar como seria ver uma criança a andar, falar, algo seu, um amor incondicional diferente do amor de tio	Vendo os sobrinhos o pai começa a pensar como seria ver uma criança a andar, falar, algo seu, um amor incondicional diferente do amor de tio	Vendo os sobrinhos o pai começa a pensar como seria ver uma criança a andar, falar, algo seu, um amor incondicional diferente do amor de tio	4	I	“dei por mim a pensar que seria curioso ter uma criança vê-la começar a andar, começar a falar, algo meu, um amor incondicional, algo diferente”
Sonho precoce em serem pais, impedimentos externos adiaram a gravidez, sonho fruto de várias etapas, filho para dar nova motivação ao casamento e sonho concretizado sem saber pelo não planeamento	Desejo precoce de enquanto casal maduro constituírem família	Desejo precoce de enquanto casal maduro constituírem família	Desejo de constituir família desde muito cedo	1, 2, 3, 6	II	“...vontade de constituir família e não ter medo”
			Sentimento de maturidade mútua para casarem e constituir família	1	III	“...éramos os dois já mais maduros”
	Impedimentos externos ao casal como a dimensão laboral e estudos para adiar o sonho de concretizarem mais rapidamente o desejo de serem pais	Impedimentos externos ao casal como a dimensão laboral e estudos para adiar o sonho de concretizarem mais rapidamente o desejo de serem pais	Desejo em casarem mais cedo mas não aconteceu por não ser sensato antes de terminar curso e arranjar trabalho	1	II	“eu casava já...mas não era muito sensato”
			A situação profissional instável foi adiando a possibilidade de serem pais e fez com que o cônjuge deixasse de falar em querer ser pai	2	II	“a minha profissão atrapalhou um bocadinho e então ele teve uns anos depois de... calma”
	Sonho de serem pais fruto de várias etapas, namoro, casamento, estabilidade e desejo de “encher a casa”	Sonho de serem pais fruto de várias etapas, namoro, casamento, estabilidade e desejo de “encher a casa”	Sonho de serem pais fruto de várias etapas, namoro, casamento, estabilidade e desejo de “encher a casa”	3	I	“estávamos mais estáveis já parecia que fazia falta alguma coisa, tipo a família a aumentar, vir um bebé, como se costuma dizer “encher a casa”
			Ser pais fruto de um planeamento, pensamento e sonho enquanto casal	3	I	“Daí nos planeamos, pensamos sonhamos para ter um bebé”
	Desejo de ser pais para dar outra motivação e alegria ao relacionamento de casal	Desejo de ser pais para dar outra motivação e alegria ao relacionamento de casal	Desejo de ser pais para dar outra motivação e alegria ao relacionamento de casal	3	I	“dar outra motivação ao próprio relacionamento, outra alegria”
	Sendo um filho não planeado é um sonho concretizado sem saber, concretizado mais cedo sem saber	Sendo um filho não planeado é um sonho concretizado sem saber, concretizado mais cedo sem saber	Sendo um filho não planeado é um sonho concretizado sem saber, concretizado mais cedo sem saber	4	I	“é um sonho concretizado mesmo sem saber, concretizei mais cedo sem saber.”

Envolvimento paterno nas gravidez marcado pela disponibilidade ou indisponibilidade laboral para participar nas consultas, o interesse do pai em querer participar, a importância do acompanhamento para a criação de laço mais forte com o bebe e o cuidado com a esposa e a importância do	Participação assídua nas consultas com disponibilidade laboral	Participação assídua nas consultas com disponibilidade laboral	Desejo do pai estar presente associado à facilidade de faltar ao trabalho	4	II	“eu venho sempre porque tenho essa facilidade no trabalho posso e quero estar presente”
			Participação do futuro pai em tudo	4, 5	III	“ele participa em tudo e vamos falando quando surge uma dúvida ele pede para eu perguntar ao médico”
	Impossibilidade de participar das consultas por indisponibilidade laboral	Impossibilidade de participar das consultas por indisponibilidade laboral	Presença do marido assídua em tudo apenas não frequenta a maior parte das consultas por impossibilidade laboral	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	IV	“Nós temos feito tudo juntos, a primeira consulta, ele foi, só não foi a algumas porque realmente não podia falta ao trabalho”
			Indisponibilidade do marido acompanhar a esposa às consultas	3, 2, 7	IV	“não tem muita disponibilidade para me acompanhar sempre às consultas”
	Interesse do futuro pai participar no acompanhamento da esposa para perceber o que acontecerá e a responsividade que de si exigirá	Interesse do futuro pai participar no acompanhamento da esposa para perceber o que acontecerá e a responsividade que de si exigirá	Interesse do marido em participar e envolver-se em tudo o que está ligado à gravidez	2,3, 4, 5	VIII	“nós temos feito, tudo, tudo, tudo, juntos, e não porque lhe digo, tu deves fazer, mas porque ele sempre mostrou essa vontade”
			Estar envolvido na gravidez ajuda a perceber o que acontecerá após o nascimento como a atenção e a necessidade de estar responsivo a tudo	4,5	III	“Para mim já é mais fácil, agora se calhar para um pai que não saiba, e de repente é apanhado no meio de isto tudo, a criança é a atenção, eu é que ando para aqui e para ali, provoca”

esposa e a importância do envolvimento do marido para a esposa	Futuro pai só pára de tremer nas consultas enquanto o médico não diz que está tudo bem com o bebé	Futuro pai só pára de tremer nas consultas enquanto o médico não diz que está tudo bem com o bebé	Futuro pai só pára de tremer nas consultas enquanto o médico não diz que está tudo bem com o bebé	5	II	"enquanto o médico não diz que está tudo bem com o bebé ele não pára de tremer"
	Importância para a esposa sentir a presença e apoio em tudo	Importância para a esposa sentir a presença e apoio em tudo	Importância para a futura mãe mais sentir o apoio activo do cônjuge	2	II	"É, e acho que ajuda no papel activo do pai na gravidez para nós futuras mães, é muito bom"
			Gravidez feliz pela presença e apoio do marido em tudo	4, 3, 2, 7	III	"eu tive uma gravidez muito feliz em relação a muitas colegas muitas amigas minhas porque senti eu ia a uma consulta e sentia-me apoiada sentia-me bem"
	Participação do marido ajuda-o a perceber os cuidados que terá de ter com a esposa nesta fase e a criar um laço mais forte com o bebé	Participação do marido ajuda-o a perceber os cuidados que terá de ter com a esposa nesta fase e a criar um laço mais forte com o bebé	Participação do pai nas consultas faz com que o pai tenha uma ligação mais forte com o bebé	4	II	"ouvir a médica faz com que o pai tenha uma ligação mais forte com o bebé"
			Importância do futuro pai ouvir os dados clínicos sobre as alterações emocionais da mulher grávida para perceber o cuidado que terá com a esposa	4	III	"ouvir os enfermeiros e os médicos é mais fácil do que ouvir a família porque realmente é um dado clínico, o estado emocional da mulher fica diferente"
	Pai actual com um misto de sentimentos como estando feliz e seguro mas atento e cauteloso ao mesmo tempo com receio que algo corra	Pai actual com um misto de sentimentos como estando feliz e seguro mas atento e cauteloso ao mesmo tempo com receio que algo corra	Misto de sentimentos do pai como estando feliz preocupado e atento ao mesmo tempo	3, 4, 1, 5, 6, 7, 8	VI	"Sou feliz e preocupado, atento"
Actualmente é um pai mais seguro e orgulhoso			1	I	"creio que sou um pai mais seguro...babado"	
Actualmente é um pai cauteloso com receios			1, 3, 5, 8	IV	"sou cauteloso...vivo sempre com um pé atrás"	

Sentimento actual de paternidade associado a misto de sentimentos de felicidade e preocupação, alegria contagiante pela gravidez e relação conjugal, sentimento de responsabilidade, força e expectativas de acompanhamento do filho e a ansiedade pelo nascimento	mal	Corra mal	Existência contínua do medo, angústia e receio que algo corra mal na gravidez	3, 2, 6, 8	IV	“E pronto há sempre aquele medo, aquela angústia, receio”
	Actualmente é um pai com uma alegria contagiante pelo filho que vai nascer e que já tem nome, pelo amor à esposa e sentimento de estar completo e a importância de sentir-se presente na gravidez	Actualmente é um pai com uma alegria contagiante pelo filho que vai nascer e que já tem nome, pelo amor à esposa e sentimento de estar completo e a importância de sentir-se presente na gravidez	Felicidade do futuro pai pelo facto de ter uma esposa que adora e ser a mãe do seu futuro filho	2	II	“Sou um pai feliz... Tenho uma esposa que a adoro, é a mãe do meu filho...”
			Alegria contagiante do futuro pai em falar a todas as pessoas sobre o filho que vai nascer	2, 4, 6, 7	II	“em casa de familiares, e às vezes a conversa não vem naquele sentido, mas ele fala sempre do filho”
			Sentimento do futuro pai de estar completo	2	II	“Mas também não posso pedir mais nada agora... completo”
			Comparação do filho a um tesouro do casal que já tem nome	2	II	“enquanto não sabíamos o que era o tesouro, o nosso tesouro, agora já sabemos o que é, tem nome”
			A presença assídua do futuro pai alegre a futura mãe porque não se sente só nem precisa de decidir nada sozinha	2, 4, 7	III	“estou muito contente porque realmente ele, é assim eu não me sinto nada só, não preciso decidir nada sozinha”
	Actualmente é um pai responsável, carinhoso, cheio de expectativas	Actualmente é um pai responsável, carinhoso, cheio de expectativas	Actualmente é um pai responsável, carinhoso, cheio de expectativas	1, 5	III	“é um pai responsável... muitíssimo carinhoso, preocupado e cheio de expectativas”
	Ansiedade do pai para que o filho nasça e se torne real	Ansiedade do pai para que o filho nasça e se torne real	Actualmente é um pai ansioso pelo nascimento	1, 3,5	III	“é um pai ansioso, ansioso que chegue a hora”
			Desejo de ver o filho após o nascimento como atestado de confirmação da realidade deste	3, 1	III	“passar do ver as coisas e senti-las é diferente fica mais consciente do que é a realidade”

	Sentimento actual de pai confortável, novo, com força para lutar e ver o desenvolvimento da criança	Sentimento actual de pai confortável, novo, com força para lutar e ver o desenvolvimento da criança	Sentimento actual de pai confortável, novo, com força para lutar e ver o desenvolvimento da criança	4	II	“Agora sinto-me confortável, sinto-me bem, eu acho que sou novo e é bom vou ter força para lutar o que for preciso lutar e ver o desenvolvimento da criança”.	
Projeção de como será o pai após nascimento associado à crença que só haverá algumas adaptações, desejo que qualidades como pai, crença de que será um pai exemplar, o filho ajudará a equilibrar e melhorar relação conjugal	Crença de que continuará igual depois do nascimento apesar de algumas adaptações	Crença de que continuará igual depois do nascimento apesar de algumas adaptações	Crença de que continuará igual depois do nascimento apesar de algumas adaptações	1	II	“vou continuar a ser aquilo que sou hoje mas com algumas adaptações”	
	Desejo de qualidades como pai em quem os filhos sintam orgulho, desejo que aprendam os valores que o pai transmitirá, e que brinquem juntos	Desejo de qualidades como pai em quem os filhos sintam orgulho, desejo que aprendam os valores que o pai transmitirá, e que brinquem juntos	Desejo de qualidades como pai em quem os filhos sintam orgulho, desejo que aprendam os valores que o pai transmitirá, e que brinquem juntos	Desejo de ser pai em quem os filhos tenham orgulho	3	III	“Quero ser um pai do qual os filhos se orgulhem”
				Desejo que os filhos saibam aprender o que o pai tentará transmitir	3	II	“que saibam aprender o que eu tentarei transmitir”
				Desejo de ser um pai com bons valores e responsável para os outros e sociedade	3, 7	III	“ser uma pessoa de bons valores para com os outros de responsabilidade para com os outros e para a sociedade”
				Desejo de ser um pai que brinca muito com os filhos	3, 6, 8	III	“depois brincar muito”
	Crenças do casal de como será enquanto pai associado à dedicação, à protecção do filho, à excelência, e que nunca falhará	Crenças do casal de como será enquanto pai associado à dedicação, à protecção do filho, à excelência, e que nunca falhará	Crenças do casal de como será enquanto pai associado à dedicação, à protecção do filho, à excelência, e que nunca falhará	Crença de que será às vezes um pai protector a mais	4	II	“às vezes tenho de ser pai protector a mais”
				Crença da esposa que o marido será um excelente pai	4, 5	III	“Um excelente pai”
				Crença que o seu marido será um bom pai e marido pela sua maneira de ser e pelo jeito que tem	4	II	“vai ser um bom pai, um bom marido pela maneira que ele é o jeito que ele tem”
				Crença da esposa que o marido será um pai muito dedicado caso continue como é neste momento	2	III	“vai ser um pai muito dedicado, a não ser que mude muito”

memória relação conjugal			Certeza da esposa de que se falhar como mãe o pai não falhará	4, 5	III	“Se eu falhar tenho a certeza absoluta que ele como pai que não falha”
	Nascimento do filho trará ainda mais felicidade uma vez que haverá a possibilidade de criar uma relação	Nascimento do filho trará ainda mais felicidade uma vez que haverá a possibilidade de criar uma relação	Nascimento do filho trará ainda mais felicidade uma vez que haverá a possibilidade de criar uma relação	2, 5	IV	“depois de nascer...Mais, mais porque já é , há...Uma relação”
	Nascimento do filho como um íman que aproximará ainda mais o casal	Nascimento do filho como um íman que aproximará ainda mais o casal	Nascimento do filho como um íman que aproximará ainda mais o casal	2	II	“esta criança é tipo um íman, vai juntar nos ainda mais”
	Bebé como centro das atenções do casal	Bebé como centro das atenções do casal	Bebé como centro das atenções do casal	2	III	“vai ser o centro das atenções que vai ser o bebé, e cá estamos nós, é isso, juntos mais o bebé”
	O casal imagina um equilíbrio entre o pai em brincadeiras mais activas com os filhos e a mãe com brincadeiras mais tranquilas	O casal imagina um equilíbrio entre o pai em brincadeiras mais activas com os filhos e a mãe com brincadeiras mais tranquilas	O casal imagina um equilíbrio entre o pai em brincadeiras mais activas com os filhos e a mãe com brincadeiras mais tranquilas	3	III	“pai nas brincadeiras mais activas e a mãe em brincadeiras mais paradas...Logo ali já vai haver um equilíbrio”
	Paciência, calma e espírito alegre do marido como factores de equilíbrio no casal	Paciência, calma e espírito alegre do marido como factores de equilíbrio no casal	Paciência, calma e espírito alegre do marido como factores de equilíbrio no casal	4	III	“paciência, está sempre na brincadeira nos momentos que eu vou stressar sei que ele vai estar mais calmo”
Desejo do casal ter um filho feliz, que sejam carinhosos com ele, demonstrem o desejo de serem pais e que saibam cuidar, elevá-lo e acompanhar o seu crescimento	Escolha conjunta do casal da fotografia do bebé demonstrando felicidade	Escolha conjunta do casal da fotografia do bebé demonstrando felicidade	Escolha conjunta do casal da fotografia do bebé demonstrando felicidade	2, 5	III	“Acho que a felicidade do bebé”
	Escolha da fotografia do bebé por demonstrar o carinho que os pais têm para com ele	Escolha da fotografia do bebé por demonstrar o carinho que os pais têm para com ele	Escolha da fotografia do bebé por demonstrar o carinho que os pais têm para com ele	2, 5	III	“O bebé, o carinho que os pais têm por ele”
	Escolha de fotografia como simbolização do amor, ternura e desejo de serem pais	Escolha de fotografia como simbolização do amor, ternura e desejo de serem pais	Escolha de fotografia como simbolização do amor, ternura e desejo de serem pais	3, 5	V	“é amor é carinho é ternura é o desejo de ser pais”
	Escolha de fotografia como simbolização do saber cuidar	Escolha de fotografia como simbolização do saber cuidar	Escolha de fotografia como simbolização do saber cuidar	3	III	“o cuidar e o saber cuidar é isso tudo que está simboliza”
	Escolha conjunta duma fotografia com um pai a levantar o filho	Escolha conjunta duma fotografia com um pai a levantar o filho	Escolha conjunta duma fotografia com um pai a levantar o filho	1	II	“imagino-me a tirar a fotografia mas já grávida do próximo”

	Desejo do pai em acompanharem enquanto casal o crescimento dos filhos	Desejo do pai em acompanharem enquanto casal o crescimento dos filhos	Desejo do pai em acompanharem enquanto casal o crescimento dos filhos	1	III	“...mais tempo pudermos aproveitar com o crescimento dos os nossos filhos “
Imagem de família completa constituída pela mãe, pai e bebé e desejo do casal darem qualidade ao tempo que passam juntos e com os filhos assim como o desejo de longevidade familiar com filhos e netos	Desejo enquanto casal de darem qualidade ao tempo que passam juntos e com os filhos	Desejo enquanto casal de darem qualidade ao tempo que passam juntos e com os filhos	Desejo enquanto casal de darem qualidade ao tempo que passam juntos e com os filhos	1	III	“...dar qualidade ao tempo que passam juntos...”
	Imagem de família constituída pela mãe, pai e bebé	Imagem de família constituída pela mãe, pai e bebé	Imagem de família constituída pela mãe, pai e bebé	2, 5	III	“Imagem enquanto família, resume-se à mãe, ao pai e ao bebé”
	Desejo de longevidade familiar com filhos e netos, imagem de família completa	Desejo de longevidade familiar com filhos e netos, imagem de família completa	Escolha de fotografia como simbolização da longevidade enquanto família que desejam alcançar não só com os filhos mas também com os netos	3, 4, 1	VI	“longevidade enquanto família. Não é só passar pelos nossos filhos mas também pelos nossos netos. É a longevidade não só dos nossos filhos é o que esperamos alcançar”.
			Longevidade familiar como concretização do desejo presente de ter uma família realizada e completa	3, 6	II	“a concretização do presente e depois isto é do futuro, em princípio... é uma família realizada e em principio completa”
Importância da não centralização do casal no amor parental como forma de emancipar	Importância da não centralização do casal no amor parental como forma de emancipar	Importância da não centralização do casal no amor parental como forma de emancipar	Escolha da fotografia que representa família como um todo onde não há a centralidade do filho mas da família	4, 3, 2	III	“O bebé existe, a família vai crescer num todo nos somos namorados temos família não é haver um centro das atenções é criar a filha com este conceito de família.”

<p>Importância da não centralização do casal no amor parental como forma de emancipar, a importância do amor filial e a introdução do filho na história e vida geracional, a importância do filho diferenciar-se e emancipar-se da família de origem e a importância das fronteiras e limites no desenvolvimento do filho</p>	de emancipar		A filha não será a centralidade da relação porque os filhos crescem e um dia vão embora ter a sua vida	4, 2, 3	III	“os filhos crescem e vão e a Lia vai acontecer o mesmo vai crescer e um dia vai embora, vai ter a vida dela”.
	A filha terá o amor incondicional dos pais, que tudo farão por ela e onde será introduzida na história, gerações da família	Importância do amor filial e a introdução do filho na história e vida geracional	A filha terá o amor incondicional dos pais, que tudo farão por ela e onde será introduzida na história, gerações da família	4, 2,1	III	“resume-se nesta fotografia, filha nunca há-de deixar de ser e será amor incondicional faremos tudo e mais alguma coisa por ela, mas há uma história há gerações há muitas coisas que também temos a fazer.”
	O filho como símbolo do amor do casal e onde ele é chamado a criar com outra pessoa e os pais continuarão a ser casal	Importância do filho diferenciar-se e emancipar-se da família de origem	O filho como símbolo do amor do casal e onde ele é chamado a criar com outra pessoa e os pais continuarão a ser casal	4	IV	“mais uma maneira de partilhar o nosso amor, o nosso filho é o símbolo do nosso amor mas esse filho vai fazê-lo com outra pessoa e nós vamos continuar a ser um casal.”

	Necessidade dos pais controlarem as situações e imporem limites necessários ao desenvolvimento saudável da criança	Necessidade dos pais controlarem as situações e imporem limites necessários ao desenvolvimento saudável da criança	Necessidade dos pais controlarem as situações e imporem limites necessários ao desenvolvimento saudável da criança	4, 1, 2, 3	VII	“às vezes que para as pessoas perceberem tem que haver controlo da situação não se trata de ser mau ou bom, apenas controlar as situações”
Felicidade dos futuros avós e o desejo ansioso que o neto nasça para criarem uma relação próxima	Felicidade dos futuros avós e o desejo ansioso que o neto nasça para criarem uma relação próxima	Felicidade dos futuros avós e o desejo ansioso que o neto nasça para criarem uma relação próxima	Avó materna vive intensamente a gravidez da filha projectando as actividades futuras com o neto	1	III	“com o neto fica melada: ele vai dormir comigo, vou levá-lo a passear... está doida”
			Avós maternos não contêm o desejo do nascimento do futuro neto e falam dele como se já tivesse nascido criando já planos futuros para ele	2	II	“já falam do neto como se ele estivesse cá fora, já pensam muito em planos futuros”
			Contentamento dos avós pelo nascimento futuro neto	2, 3, 4, 1,5	X	“Andam todos contentes”
			Desejo dos avós paternos pelo nascimento do neto uma vez que os outros encontram-se no estrangeiro	2	II	“Mas como os outros, não estão cá, só estão um mês, se tiverem aqui... Mais pertinho”
			Avós encontram-se felizes e ansiosos pela chegada do neto	1,2, 3, 4, 5	V	“é assim os meus pais, principalmente a minha mãe muito feliz, muito desejosa de conhecer a neta”

<p>Importância para os avôs paternos terem um neto homem fruto do seu filho homem</p>	<p>Importância para os avôs paternos terem um neto homem fruto do seu filho homem</p>	<p>Importância para os avôs paternos terem um neto homem fruto do seu filho homem</p>	<p>Importância para o avô paterno do primeiro neto, fruto do seu filho homem</p>	2	II	<p>“O neto do filho dele, que nunca teve”</p>
			<p>Desejo do avô ter um neto uma vez que só tem netas</p>	3, 2	II	<p>“Ele também ficava muito contente se viesse um menino, não tem neto nenhum só tem netas”</p>
<p>As futuras avós demonstram mais a alegria pela chegada da neta enquanto os avôs são mais reservados nos afectos</p>	<p>As futuras avós demonstram mais a alegria pela chegada da neta enquanto os avôs são mais reservados nos afectos</p>	<p>As futuras avós demonstram mais a alegria pela chegada da neta enquanto os avôs são mais reservados nos afectos</p>	<p>Alegria do avô pela gravidez da filha mas não demonstra tanto o afecto e carinho</p>	3, 7	V	<p>“já não demonstra tanto, já não é pessoa de demonstrar tanto o afecto o carinho mas também”.</p>
			<p>Avô paterno é contido na demonstração dos afectos durante a gravidez mas muda depois de nascer</p>	2, 7	V	<p>“no período da gravidez ele está sempre um pouco mais reservado, mas depois quando nasce...”</p>
			<p>As futuras avós demonstram mais a alegria pela chegada da neta enquanto os avôs são mais reservados</p>	3,2	VI	<p>“elas demostram mais”</p>

Casamento do casal durante a gravidez e conversa sobre a felicidade que sentiam enquanto casal aos pais tranquilizou os futuros avós, ansiando pela chegada da neta	Casamento do casal durante a gravidez e conversa sobre a felicidade que sentiam enquanto casal aos pais tranquilizou os futuros avós, ansiando pela chegada da neta	Casamento do casal durante a gravidez e conversa sobre a felicidade que sentiam enquanto casal aos pais tranquilizou os futuros avós, desejando que a neta cresça e envolvendo-se ainda mais na gravidez	O casal conversando com os seus pais sobre a felicidade que sentiam pela gravidez e o desejo de partilharem com eles deixou os futuros avós mais tranquilos	4	V	“o facto de acalmarmos os pais e conversarmos com eles, eles verem também a nossa felicidade e partilharem isso connosco deixa-os numa fase muito tranquila”
			O casamento do casal como elemento de união da família de origem e como selo da relação do casal	4, 6	IV	“nos unirmos perante as nossas famílias que queríamos casar e queríamos ter um momento para todos convivermos, acho que foi óptimo, foi uma forma de expressar-mos aquilo que temos”
Felicidade e apoio dos futuros avós nas tarefas que implicam esforço	Felicidade e apoio dos futuros avós nas tarefas que	Felicidade e apoio dos futuros avós nas tarefas que implicam esforço	Avó materna ajuda nas tarefas que impliquem mais esforço	1, 5, 8	III	“...em termos práticos a poupar-me a alguns esforços que não são desejáveis nesta fase”
			Apoio dos futuros avós nas tarefas domésticas, sobretudo em cozinhar para poupar esforços ao casal nesta fase	4, 3	V	“Os meus pais, igual tipo, apareciam aqui, parecendo que não é uma pequena diferença de a mulher chegar a casa à noite e fazer as coisas.”

nas tarefas que impliquem esforço, na cozinha e limpezas e nas ofertas de bens materiais	impliquem esforço, na cozinha e limpezas e nas ofertas de bens materiais	nas tarefas que impliquem esforço, na cozinha e limpezas e nas ofertas de bens materiais	Avós ajudam a cozinhar para que a grávida não faça esforços	4, 1, 3, 5	VI	“a mãe dele por exemplo não me deixa cozinhar não me deixa fazer nada”
			Importância para o casal receber o apoio dos seus pais, preocupando-se com tudo mesmo nas coisas simples materiais	4,3, 5,7	V	“estarem sempre do nosso lado a apoiar deixa-nos contentes e não só eles querem vir sempre com alguma coisa tipo faltavos os lençóis ou as toalhas, aquelas preocupações”
Apoio ao casal pelas suas famílias de origem tanto a nível material como a nível emocional	Apoio ao casal pelas suas famílias de origem tanto a nível material como a nível emocional	Apoio ao casal pelas suas famílias de origem tanto a nível material como a nível emocional	Apoio ao casal pelas suas famílias de origem tanto a nível material como a nível emocional	2, 3, 4, 1, 5, 6, 7, 8	IX	“já nos ofereceram bastantes coisas, tanto um como outro, tanto o casal, e em termo de, é assim, estão sempre a perguntar se está tudo bem”
Confiança no apoio das famílias de origem como fonte de experiência de vida, na dissipação de dúvidas, conselhos preocupação pelo bem-estar da gravidez e casal	Confiança no apoio das famílias de origem como fonte de experiência de vida, na dissipação de dúvidas, conselhos preocupação pelo bem-estar da gravidez e casal	Confiança no apoio das famílias de origem como fonte de experiência de vida, na dissipação de dúvidas, conselhos preocupação pelo bem-estar da gravidez e casal	Confiança no apoio das famílias de origem como fonte de experiência de vida	2, 8	III	“Têm experiência de vida”
			Apoio das famílias de origem na dissipação das dúvidas da gravidez, o acompanhamento das consultas, e os conselhos ao casal nesta fase	2	IV	“nas nossas dúvidas, porque nós temos muitas dúvidas, muitas perguntas, se isto será normal, o que é que será melhor fazer, o que e que será melhor comprar”
			Apoio e preocupação dos futuros avós em relação à saúde e bem-estar da grávida e do casal	4, 3, 5	V	“estava sempre a dizer que ela tinha de ir descansar, é bom sentir a preocupação deles”
			Desejo do casal transmitir ao filho os seus valores morais como o respeito pela vida e pelos outros	1, 2, 4	V	“gostava de transmitir tal e qual nós pensamos, quer dizer o respeito pela vida e respeito pelos outro”

Importância de transmitir valores do respeito pela vida, respeito pela família unida, pela amizade e sinceridade	Importância de transmitir valores do respeito pela vida, respeito pela família unida, pela amizade e sinceridade	Importância de transmitir valores do respeito pela vida, respeito pela família unida, pela amizade e sinceridade	Importância de transmitir ao filho o respeito e uma família unida	1, 2, 4	V	“para já temos que lhe mostrar uma família de união, pronto, respeito”
			Importância de transmitir ao filho respeito para com os outros, para com ele próprio, para com a família	1, 2, 4	V	“todo o tipo de respeito para com os outros, para com ele próprio, para com a família”.
			Desejo de transmitir à filha os valores do respeito por todos, a amizade e a sinceridade	1, 2, 4, 7	V	“O respeito por todos sempre, a amizade, a sinceridade”
			Desejo de transmitir valores de respeito à família, à mãe e pai	1, 2, 4	V	“incutir valores de respeito à família, sei lá à mãe, ao pai”
Importância de transmitir valores de honestidade, humildade, justiça, cuidado, amizade e prioridade e valor à família	Desejo que a filha seja honesta e humilde	Desejo que a filha seja honesta e humilde	Desejo que a filha seja honesta e humilde	4, 3, 5	V	“Que seja honesta e humilde também”
	Desejo que o filho viva os valores da justiça, cuidado pelos outros sobretudo os que mais precisam	Desejo que o filho viva os valores da justiça, cuidado pelos outros sobretudo os que mais precisam	Desejo que o filho viva os valores da justiça, cuidado pelos outros sobretudo os que mais precisam	3, 4, 2	V	“justiça, de ser uma pessoa que se preocupa com os outros, principalmente que é o que está a faltar muito”
	Desejo que o filho dê atenção e prioridade à família e dê valor à amizade	Desejo que o filho dê atenção e prioridade à família e dê valor à amizade	Desejo que o filho dê atenção e prioridade à família e dê valor à amizade	3, 4,	III	“dê atenção à família e que nunca se esqueça lá na pirâmide de valores dele de pôr a família e lá está também da amizade”
Importância e desejo de transmitir os valores cristãos e iniciar o filho na comunidade cristã	Importância e desejo de transmitir os valores cristãos e iniciar o filho na comunidade cristã	Importância e desejo de transmitir os valores cristãos e iniciar o filho na comunidade cristã	Desejo de transmitir ao filho os valores cristãos e o percurso católico como a catequese e demais sacramentos	1, 2, 4, 6	V	“somos católicos praticantes e queremos isso para os nossos filhos..”
			Desejo de iniciar o filho nos valores cristãos e na vida cristã da comunidade	2, 4,1, 6, 7	V	“Em termos de valores, é assim, nós somos os dois católicos, queremos iniciá-lo na vida cristã, iniciá-lo”
			Importância dos valores de Deus na vida do casal em aceitar as coisas, perceber-se quem são e ajudar os outros	4	III	“Deus na nossa vida e aceitar as coisas, perceber quem somos e ajudar os outros”
Importância do seu papel enquanto	Importância do seu papel enquanto educadora	Importância do seu papel enquanto	Importância das regras e limites na educação do filho	1, 2, 4, 7	V	“...acho que é preciso controlar um bocadinho e estabelecer regras”
			Importância de transmitir ao filho as regras sociais e fazê-lo cumprir desde pequeno	2, 1, 4	III	“Depois aquelas regras sociais... Fazê-lo cumprir logo desde pequenino”
			Desejo do casal em saber dizer não ao filho e orientá-lo	1, 4	III	“é importante que ele saiba que não vai ter tudo aquilo que quer”

educadores saberem dizer não, orientar o filho, não o centralizarem transmitir regras e limites ao filho e fazê-lo cumprir	enquanto educadores sabem dizer não, orientar o filho, não o centralizarem transmitir regras e limites ao filho e fazê-lo cumprir	educadores saberem dizer não, orientar o filho, não o centralizarem transmitir regras e limites ao filho e fazê-lo cumprir	Importância para o casal em não colocarem o filho no centro e tudo estar em sua função	1, 4	IV	“agora a nossa vida parar e começar a funcionar só em função daquela criança, não”
			Importância de cortar a internet e incentivar a filha a sair de casa e brincar com os amigos no exterior	4	III	“Cortar internet e essas coisas porque acho que o melhor é ela experimentar outras coisas, ir com os amigos lá para fora”
			Importância de preparar a filha para as dificuldades da vida	4, 1, 5, 7	V	“O dinheiro custa a ganhar, muitas coisas que eu gostava de impor”
Crença que a sociedade não impõe limites aos filhos e deixam-nos fazer tudo o que querem	Crença que a sociedade não impõe limites aos filhos e deixam-nos fazer tudo o que querem	Crença que a sociedade não impõe limites aos filhos e deixam-nos fazer tudo o que querem	Crença que a sociedade não impõe limites aos filhos e deixam-nos fazer tudo o que querem	1,3, 4, 5	V	“é o resultado daquilo que os pais não tiveram enquanto crianças...querem dar tudo aos filhos.
Desejos dos futuros pais que o filho seja estudioso, a educado, tenha uma boa base, saiba relacionar-se, saiba esperar pelos momentos certos e tenha bom coração como os pais	Desejos dos futuros pais que o filho seja estudioso, a educado, tenha uma boa base, saiba relacionar-se, saiba esperar pelos momentos certos e tenha bom coração como os pais	Desejos dos futuros pais que o filho seja estudioso, a educado, tenha uma boa base, saiba relacionar-se, saiba esperar pelos momentos certos e tenha bom coração como os pais	Desejo que o filho seja aplicado nos estudos para ser motivo de orgulho dos pais	3	III	“eu teria muito orgulho que tentasse ser uma pessoa aplicada e isso a nível de estudos”.
			Dificuldade em prever como será a educação e o modo os filhos serão e o desejo por que tudo corra com tranquilidade	1, 6	II	“nunca se sabe...vou tentar nunca perder a noção...tudo o que aquilo que nós queremos é que as coisas corram com naturalidade”
			Desejo do casal criar uma boa base familiar para que a filha tenha tudo para crescer saudavelmente	3	III	“eu quero que a minha filha tenha uma boa base. E ter muita atenção em casa também é essencial”
			Desejo do casal que a filha saiba criar amizades e que saiba esperar pelo momento certo para realizar determinadas coisas	4,3	III	“Nós esperamos que a nossa filha saiba fazer as amizades dela, que saiba esperar pelo momento certo para fazer determinadas coisas”.
			Desejo que a filha seja como os pais que tenha bom coração e saiba o que quer da vida	4	II	“seja como nós que tenha bom coração, e que saiba sempre o que quer da vida”
			Desejo de transmitir aos filhos o que receberam dos pais	1, 2,3,4, 6	VIII	“querer transmitir aos filhos o que receberam dos pais”

Desejo do casal transmitir aos filhos os valores que receberam dos pais como bases para que tudo corra bem	Desejo do casal transmitir aos filhos os valores que receberam dos pais como bases para que tudo corra bem	Desejo do casal transmitir aos filhos os valores que receberam dos pais como bases para que tudo corra bem	Desejo de transmitir ao filho os valores recebidos pelos seus pais como base para que a vida corra bem	2,3,4,1	VIII	“também reconhecemos que nos passaram estes valores e achamos que, são a base, para, que a vida dele, que vem aí, corra bem.”
			Transmissão dos valores ao filho que receberam dos seus pais	3,4,1,2, 6, 8	VIII	“isso tem haver com os valores quer nos foram incutidos, sem dúvida.”
			Desejo de transmitir à filha os valores recebidos pelos pais como a não gastar recursos em futilidades mas no essencial como a comida e coisas básicas	4,1,2,3	VIII	“minha mãe apesar de tudo até podia faltar isto ou aquilo em casa mas comida e coisas básicas não podiam faltar, não tínhamos futilidades”
Desejo de mudar com a filha alguns aspectos que os seus pais não faziam tão bem na sua educação	Desejo de mudar com a filha alguns aspectos que os seus pais não faziam tão bem	Desejo de mudar com a filha alguns aspectos que os seus pais não faziam tão bem	Desejo de mudar com a filha alguns aspectos que os seus pais não faziam tão bem	4, 5	III	“muita coisa nos pensamos os nossos pais faziam o que faziam e nós vamos mudar porque queremos fazer melhor.”
Transmitir ao filho valores diferentes dos recebidos dos pais ligados ao respeito pelo medo	Transmitir ao filho valores diferentes dos recebidos dos pais ligados ao respeito pelo medo	Transmitir ao filho valores diferentes dos recebidos dos pais ligados ao respeito pelo medo	Transmitir ao filho valores diferentes dos recebidos dos pais ligados ao respeito pelo medo	5, 3	III	"Quero que ela me guarde respeito mas que não tenha medo de mim"
Avaliação positiva do casamento como melhor acção realizada, tranquilidade e superação das expectativas	Avaliação positiva do casamento como melhor acção realizada, tranquilidade e superação das expectativas	Avaliação positiva do casamento como melhor acção realizada, tranquilidade e superação das expectativas	O casamento como a melhor acção realizada na vida no casal	1, 5	IV	“para mim foi a melhor coisa que poderia ter feito”
			Casamento tranquilo sem grandes discussões superando as expectativas	1, 6	III	“aliás não estava à espera que fosse tão fácil...não houve grandes discussões”
			Avaliação muito positiva do tempo de casados	4, 1, 2, 3, 5	X	“Tem sido muito bons”
Avaliação positiva do casamento associado à qualidade do namoro, da partilha diária e do diálogo existente no casal como factores protectores	Avaliação positiva do casamento associado à qualidade do namoro, da partilha diária e do diálogo existente no casal como factores protectores	Avaliação positiva do casamento associado à qualidade do namoro, da partilha diária e do diálogo existente no casal como factores protectores	O tempo de namoro como elemento protector dos potenciais problemas maritais	1	II	“...nós já nos conhecemos há muito tempo...”
			Avaliação positiva do casamento devido à qualidade do diálogo que ajuda em dissipar os problemas conjugais	4, 6	VI	“O diálogo é muito bom eu acho que se não conversássemos seria tipo uma bola de neve, era um problema”
			Avaliação positiva do casamento devido à partilha diária de coisas novas que vão acontecendo e que ajudam ao casal conhecer-se melhor	4	III	“Gosto disto nele porque vamos conversar, todos os dias ele traz uma coisa nova, e eu trago-lhe outra coisa e vamos partilhando isto”.

Vida conjugal tranquilamente feliz à espera do primeiro filho tendo com plano futuro a vinda de mais bebês desejando que tudo corra bem sem traumas	Vida conjugal tranquilamente feliz à espera do primeiro filho tendo com plano futuro a vinda de mais bebês desejando que tudo corra bem sem traumas	Vida conjugal tranquilamente feliz à espera do primeiro filho tendo com plano futuro a vinda de mais bebês desejando que tudo corra bem sem traumas	Vida conjugal tranquilamente feliz à espera do primeiro filho tendo com plano futuro a vinda de mais bebês desejando que tudo corra bem sem traumas	3, 4, 2, 1	V	“agora de resto está tranquilamente feliz. Que continue assim. Vem mais um elemento e depois daqui a uns anitos mais um em princípio, se tudo correr bem, senão houver traumas”
Avaliação positiva dos anos de casados nos seus altos e baixos sempre com medos	Avaliação positiva dos anos de casados nos seus altos e baixos sempre com medos	Avaliação positiva dos anos de casados nos seus altos e baixos sempre com medos	Avaliação positiva do casamento apesar de nem tudo ser perfeito e haver medos	4,2, 3	II	“não é aquele mar de rosas, não é tudo perfeito por isso é que há os medos e é bom”
			Avaliação positiva dos anos de casados nos seus altos e baixos	2,3,4, 8	III	“Bons... com altos e baixos”
			Avaliação positiva dos anos de casados feitos de altos e baixos	3,4,2	III	“eu avalio bem, tem altos e baixos, tudo isso tem”
Importância do diálogo, da compreensão, do equilíbrio, da paciência para enfrentar os problemas que possam surgir no	Importância do diálogo, da compreensão, do equilíbrio, da paciência para enfrentar os problemas que possam	Importância do diálogo, da compreensão, do equilíbrio, da paciência para enfrentar os problemas que possam surgir no casal	Importância do casal explicar o porquê de estar mal para que o outro perceba que a culpa não é dele e não se afaste do local seguro que é o lar	4	III	“A má disposição até pode vir do trabalho ou de outra coisa qualquer mas se falarmos e sentirmos o apoio um do outro ele vem para casa e a casa é um sítio seguro”
			Importância da compreensão no casal para suportar o desgaste, o stress do dia-a-dia os problemas do trabalho e da própria família	4	III	“O desgaste, o dia-a-dia, o stress, os problemas com o trabalho, ou até na própria família, tudo...em que haver também muita compreensão”
			Importância das opiniões e formas de diferentes de viver o que acontece no casal como forma de balança	2	III	“Uma balança, acho que sim”

casal	surgir no casal		Importância da paciência do casal em partilhar a sua maneira diferente de ser com o cônjuge e da impossibilidade de estarem sempre felizes	4, 5	IV	“tem que haver muita paciência. Até porque cada um tem o seu feitio não podemos chegar a casa e pensar que vamos estar todos felizes, não, é muita partilha”.
			Importância de saber enfrentar as dificuldades como casal	3, 5, 2	IV	“é preciso saber enfrentar as dificuldades”
			Importância do diálogo à mesa onde a família se reúne	5, 6	II	o diálogo em família á mesa, uma vez que é nas refeições que toda a família se junta
Consciência das dificuldades no casamento, servindo estas para a valorização do casal	Consciência das dificuldades no casamento, servindo estas para a valorização do casal	Consciência das dificuldades no casamento, servindo estas para a valorização do casal	Consciência das dificuldades do casal desde que assumem um compromisso e a necessidade de perceberem que não existem só coisas boas	4, 5, 7	II	“já passamos um cancro, já passamos muitas coisas, acho que quando as pessoas assumem uma vida a dois, casadas ou não, uma vida a dois tem que pensar nisso porque só coisas boas não é”.
			Dificuldades servem para valorizarem-se mais enquanto casal	3, 6, 8	III	“nos valorizarmos mais um ao outro”
Projecção do casal no futuro com pelo menos mais um filho	Projecção do casal no futuro com pelo menos mais um filho	Projecção do casal no futuro com pelo menos mais um filho,	Projecção do casal no futuro com mais filhos	1, 2 3, 4, 6	IX	“ter mais filhos...com os que vierem”
			Desejo de ter mais filhos mas neste momento o casal quer viver este primeiro filho	2, 5, 7, 8	IV	“Mas, não temos planos. Estamos a viver este primeiro filho”
			Desejo do casal daqui a dez anos de ter pelo menos mais um filho	4,2, 1, 5, 6	IX	“e de ter pelo menos mais um filho”

Desejo do casal continuar junto, feliz e a olharem sempre na mesma direcção	Desejo do casal continuar junto, feliz e a olharem sempre na mesma direcção	Desejo do casal continuar junto, feliz e a olharem sempre na mesma direcção	Projecção futura como casal feliz	1,2, 3, 4, 5	VII	“imagino-me feliz, imagino-me sinceramente”
			Desejo do casal daqui a dez anos estar junto	3, 5, 6, 2, 1, 4	X	“espero que continuemos juntos e que ela a estudar, provavelmente vai estar e que já tenha um irmãozinho”.
			Confiança do casal no futuro pelo facto de olharem na mesma direcção, sabendo o que querem e como querem levar as coisas	4, 5, 6	VII	“é como olhar é como num horizonte, olhamos muitos na mesma direcção, coincidimos muito no futuro que queremos, no tipo de vida que queremos, como queremos levar as coisas”.
Desejo do casal continuar a nutrir a relação conjugal e que a filha seja autónoma	Desejo do casal continuar a nutrir a relação conjugal e que a filha seja autónoma	Desejo do casal continuar a nutrir a relação conjugal e que a filha seja autónoma	Desejo de nutrir a relação conjugal mesmo com os filhos através da ajuda dos avós, podendo passear e passar um fim-de-semana só os dois	4, 5, 7	V	“Bons momentos com a Vanessa eu espero ter muitos, por exemplo deixar os avós tomar conta da bebe um fim-de-semana e irmos os dois passear, ou até só um cinema”
			Crença que daqui a dez anos o casal estará feliz e activos e a filha terá a sua vida	4, 6, 8	III	“felizes e activos, a nossa filha terá a vida dela”.
Desejo do casal daqui a dez anos esteja ainda mais ligado à família e amigos e outras pessoas	Desejo do casal daqui a dez anos esteja ainda mais ligado à família e amigos e outras pessoas	Desejo do casal daqui a dez anos esteja ainda mais ligado à família e amigos e outras pessoas	Desejo do casal daqui a dez anos esteja ainda mais ligado à família e amigos e outras pessoas	4, 7,	II	“uma ligação com aqueles mais chegados, se calhar incluindo também amigos e outras pessoas.”
Projecção do casal com o filho a	Projecção do casal com o	Projecção do casal com o filho a	Projecção do casal a dez anos com o filho a mudar de ciclo e os pais ansiosos por saber como tudo vai correr, as descobertas e mudanças	2, 5	V	“estamos nós numa ansiedade para onde vai, é com dez anos que eles mudam de ciclo...mudanças e descobertas”

mudar de ciclo e o desejo de que seja bom aluno	quero mudar de ciclo e o desejo de que seja bom aluno	mudar de ciclo e o desejo de que seja bom aluno	Daqui a dez anos a filha andará na escola e o casal deseja que seja boa aluna	3, 4, 8	III	“a bebé tem 10 anos já andará na escola, bem espero que seja boa aluna”
Desejo de estarem mais seguros financeira e profissionalmente, desejo de trocar de casa, carro e trabalho e medo de não conseguirem atingir os objectivos do casal	Desejo de estarem mais seguros financeira e profissionalmente, desejo de trocar de casa, carro e trabalho e medo de não conseguirem atingir os objectivos do casal	Desejo de estarem mais seguros financeira e profissionalmente, desejo de trocar de casa, carro e trabalho e medo de não conseguirem atingir os objectivos do casal	Desejo de daqui a dez anos o casal esteja mais seguro financeira e profissionalmente	2, 5, 7	IV	“Espero que estejamos um bocadinho mais seguros... nível financeiro, profissional”
			Insegurança no futuro cria medo no casal em projectar-se porque pode desejar dar e não ter possibilidades para isso	2, 6, 8	III	“nós temos medo de querer dar, de planear, de querer dar, e depois não termos possibilidades para, e nós sabemos que hoje em dia dar uma boa formação”
			Desejo do casal daqui a dez anos trocar de trabalho, de casa e de carro	4, 7, 8	II	“gostava de talvez trocar de trabalho, trocar de casa, de carro”